

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro  
(1917-1922)**

**Rafael Benedito de Souza**

**2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPHR)**

**A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro  
(1917-1922)**

**RAFAEL BENEDITO DE SOUZA**  
*Sob a orientação do Professor Doutor*

**Luis Edmundo de Souza Moraes**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Estado e Relações de Poder.

Seropédica, RJ  
Maio de 2016

947.0841

S729r Souza, Rafael Benedito de, 1990-

T A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro (1917-1922) / Rafael Benedito de Souza - 2016.

89 f.: il.

Orientador: Luis Edmundo de Souza Moraes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História (PPHR).

Bibliografia: f. 86-89.

1. Rússia - História - Revolução, 1917-1922 - Teses. 2. União Soviética - História - Revolução, 1917-1922 - Teses. 3. Imprensa trabalhista - Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 4. Anarquismo - Teses. 5. Revoluções - Opinião pública - Teses. I. Moraes, Luis Edmundo de Souza, 1966-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em História (PPHR). III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E  
DOUTORADO**

*“A Revolução Russa nos Jornais Anarquistas do Rio de Janeiro (1917-1922)”*

**RAFAEL BENEDITO DE SOUZA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 09/05/2016

Banca Examinadora:



Professor Doutor **LUÍS EDMUNDO DE SOUZA MORAES (UFRRJ)**  
Orientador e presidente



Professora Doutora **FABIANE POPINIGIS (UFRRJ)**  
Membro Interno



Professor Doutor **ALEXANDRE RIBEIRO SAMIS (Colégio Pedro II)**  
Membro externo

## RESUMO

SOUZA, Rafael Benedito de. **A Revolução Russa nos Jornais Anarquistas do Rio de Janeiro (1917-1922)**. 2016, pp. 97. Dissertação (Mestrado em História; Relações de Poder, linguagens e História intelectual). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

A Revolução Russa de Outubro de 1917 foi uma revolução que pretendeu levar o socialismo para a Rússia e foi observada atentamente por diversos grupos políticos de esquerda e movimentos de trabalhadores em todo o mundo. No Brasil, os anarquistas acompanharam através de sua imprensa este acontecimento político. Em suas páginas ocorreram diversas discussões sob o caráter desta revolução. Este trabalho analisa os discursos produzidos sobre a Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro com o objetivo de entender os motivos apresentados pelos anarquistas para declarar apoio ou não a Revolução.

Palavras chave: Anarquismo, Revolução Russa, Imprensa Operária.

## **ABSTRACT**

The Russian Revolution of October 1917 it was a revolution which meant socialism to Russia and was closely watched by several political groups of the left and labor movements around the world. In Brazil, the anarchists accompanied by his press this political event. In its pages there were several discussions on the character of this revolution. This work seeks to analyze the speeches made on the Russian Revolution in anarchist newspapers of Rio de Janeiro in order to understand the reasons given by the anarchists to declare support or not the Revolution.

**Key words:** Anarchism, Russian Revolution, workers' press.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui primeiramente a Deus. Em segundo lugar, a todas as pessoas que me ajudaram e/ou estiveram ao meu lado durante esta jornada. Começo agradecendo a toda a minha família. A minha mãe Olga Moreira, pessoa que sempre me incentivou a estudar. Ao meu pai Ivalcir Nunes, a minha irmã Letícia Benedito. Agradeço as minhas tias Luiza e Júlia Benedito e a minha avó Alzira Moreira. Gostaria de agradecer especialmente a pessoa que esteve ao meu lado durante todo este processo: a minha companheira Bruna Rodrigues dos Santos, também apaixonada pelo ofício de historiadora. Também a toda família dela, minha sobra Carmem Félix, minha cunhada Flávia Rodrigues e ao cunhado Fábio Rodrigues.

No meio acadêmico, gostaria de agradecer a todos as pessoas que me auxiliaram neste processo e contribuíram de alguma forma para a realização desta dissertação. Em primeiro lugar ao meu orientador Luis Edmundo Moraes, o qual dedicou seu tempo lendo, comentando e debatendo por diversas vezes os capítulos aqui apresentados. Agradeço também aos professores que participaram da minha banca de qualificação: o professor Alexandre Samis, do colégio Pedro II e a professora Fabiane Popinigis da UFRRJ. A todos os professores do curso de pós-graduação da UFRRJ, especialmente ao professor Alexandre Fortes por suas aulas sobre os historiadores marxistas ingleses e ao professor Marcelo Berriel, com o qual pude debater em suas aulas as teorias do filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu. Teorias extremamente úteis a esta dissertação.

Agradeço também aos professores de minha antiga faculdade, a FEUC. Entre eles, especialmente a professora Vivian Zampa e ao professor Jayme Ribeiro, os quais tiveram o trabalho de ler e avaliar meu projeto de mestrado antes de enviar para a seleção em 2012 para o curso da pós da UFRRJ. Agradeço também aos professores com quem me comuniquei através do facebook, com os quais eu tive poucas, mas proveitosas conversas sobre o tema. São eles: Cláudio H. M. Batalha, professor da UNICAMP e Tiago Bernardon de Oliveira, professor da UFPB. Dedico um agradecimento também ao professor Marcos Aurélio Santana Rodrigues por ter me recebido no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, situado no IFCS/ UFRJ e por ter me enviado por correio as fontes para esta pesquisa. Agradeço também a todos os técnicos e trabalhadores da UFRRJ: aos guardas, ao pessoal da limpeza, aos trabalhadores do bandeirão, os secretários das instituições, dentre outros trabalhadores. Sem eles, não seria possível manter uma universidade.

Para muito de nós o objetivo final de nosso trabalho é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer sua própria vida e sua própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, mesmo dos acadêmicos.

Eric J. Hobsbawm



## LISTA DE FIGURAS

### Capítulo I

Figura A: Mãe Anarquia.....18

### Capítulo III

Figura B: Majestade Lenine.....74

Figura C: Trotsky.....75

Figura D: Triunfo dos comunistas.....75

Figura E: Lenine.....76

Figura F: O livreiro anarquista.....77

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I: ANARQUISMO E SINDICALISMO NO RIO DE JANEIRO</b> .....	9
1.1 – Movimento anarquista e sindicalismo.....	22
<b>CAPÍTULO II: A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA DE 1917 A 1919</b> .....	26
2.1 – Os jornais anarquistas do Rio de Janeiro entre 1917 e 1922.....	26
2.2 – Primeira impressões: o caráter da revolução.....	34
2.3 – Personagens da Revolução Russa e os chamados massimalistas.....	39
2.4 – Os sovietes e os bolcheviques.....	48
<b>CAPÍTULO III: A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA DE 1920 A 1922</b> .....	58
3.1 – Ditadura do Proletariado.....	58
3.2 – Bolcheviques, massimalistas e anarquistas.....	69
3.3. – Publicações externas.....	77
<b>CONCLUSÃO</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	86

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo entender as diferentes interpretações presentes nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro sobre a Revolução Russa de Outubro<sup>1</sup> de 1917, que levou o partido bolchevique ao poder na Rússia. Entendemos neste trabalho que a Revolução de Outubro não pode ser colocada apenas como obra do partido bolchevique<sup>2</sup>. Apesar da grande importância de Lênin<sup>3</sup> e do partido bolchevique no desenrolar dos acontecimentos de Outubro, concordamos com historiador Daniel Aarão Reis Filho quando afirma que

A revolução foi produto de um conjunto de movimentos sociais que, na defesa de seus interesses, convergiram objetivamente, numa situação de crise muito particular, hiperativada pela derrocada militar e pela notável incapacidade dos sucessivos governos provisórios. Nesta perspectiva, a revolução não se limitou à insurreição de outubro, realizada e rapidamente decidida em Petrogrado, na noite de 24 para 25 de outubro de 1917. A insurreição foi certamente um elo decisivo, mas apenas um elo, de um processo revolucionário muito mais vasto, cuja efetiva decolagem começou em agosto-setembro de 1917 e se estendeu até fins de 1920, quando o poder bolchevique se consolidou<sup>4</sup>.

Depois deste processo, os bolcheviques passam a se consolidar cada vez mais no governo, se tornando o único partido legal da Rússia e instaurando uma ditadura partidária<sup>5</sup>. No Brasil de 1917, encontramos uma classe operária que estava se construindo através de suas lutas, organizações, cultura e movimento<sup>6</sup>. Na formação desta classe, o anarquismo teve um importante papel durante as décadas de 1900 e 1910.

Tratou-se do anarquismo na historiografia tradicional como hegemônico no meio operário. Caracterizou-se o movimento operário da primeira república como basicamente um

---

<sup>1</sup> Utilizo este termo para diferenciar da chamada Revolução de fevereiro de 1917. Esta revolução – de fevereiro - derrubou o regime czarista russo e instituiu uma multiplicidade de poderes em torno da Duma – espécie de parlamento – e dos Sovietes – conselho de soldados e operários. Cf: REIS FILHO. *Uma Revolução Perdida: A História do Socialismo Soviético*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002, p. 58.

<sup>2</sup> O Partido Bolchevique surgiu como vertente do Partido Operário Social Democrata Russo em 1903.

<sup>3</sup> Dirigente do partido bolchevique que defende a tomada do governo pelos sovietses no documento que ficou conhecido como “Teses de Abril”. Cf: FERNANDES, Florestan. *Apresentação*. In: LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, 2ª Ed, p. 9. Mais informações sobre Lênin ir a página 40 desta dissertação.

<sup>4</sup> Esta visão da revolução de outubro é importante para compreendermos os motivos que levaram os anarquistas em um primeiro momento a defenderem os bolcheviques. Cf: REIS FILHO, *Op. Cit.*, P. 69.

<sup>5</sup> Esta ditadura, na concepção teórica desenvolvida por Lênin, era uma ditadura da classe proletária que levaria ao poder os sovietses. O Partido seria um instrumento da classe proletária, de acordo com a teoria leninista. Cf: LÊNIN, Vladimir. *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>6</sup> Acreditamos na classe como um fenômeno histórico e que possui sua própria formação. Recorremos à Thompson ao lembrar que a classe operária esteve presente ao seu próprio fazer-se. Cf: THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I. A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9 – 14.

movimento anarquista. Confundia-se então o projeto da classe operária com um projeto político: o projeto anarquista. O historiador britânico Eric Hobsbawn alertou para este problema ao escrever que:

A História operária tendeu, portanto, a identificar-se com a história dos movimentos operários, se não até com a história da ideologia desses movimentos. E quanto mais forte e unificado fosse o movimento em um país ou período, maior era a tentação desta identificação (...). Assim sendo, ela negligenciou a história das próprias classes trabalhadoras, na medida em que estas não puderam ser subsumidas às das organizações, o mesmo acontecendo com relação às bases, enquanto distintas de seus líderes<sup>7</sup>.

Creemos ser este o principal motivo que levou a historiografia tradicional do movimento operário do Brasil na primeira república a confundir o movimento anarquista com o movimento operário, colocando-os sob o mesmo plano. Identificou-se o movimento operário como um movimento anarquista, ou majoritariamente anarquista. O movimento operário era tratado como adepto do que foi chamado de *anarco-sindicalismo*. Deu-se então a impressão de que o projeto político do movimento operário brasileiro era o projeto anarquista e que os operários organizados eram anarquistas e buscavam a construção de uma sociedade anarquista<sup>8</sup>.

Contrariando essas interpretações, está à obra da historiadora Edilene Toledo. Ela diferencia o movimento anarquista do sindicalismo revolucionário no Brasil durante a primeira república. Toledo acredita que o movimento operário foi “muito mais sindicalista revolucionário<sup>9</sup> do que anarquista<sup>10</sup>”. A partir da análise de Toledo, diversos historiadores

---

<sup>7</sup> HOBBSAWN, Eric. *Mundos do Trabalho. Novos Estudos Sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 17.

<sup>8</sup> Utilizando um exemplo, a greve geral ocorrida em São Paulo em julho de 1917 será considerada, pela historiadora Christina Roquette Lopreato como uma “greve geral anarquista”. Cf. LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta. A greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

<sup>9</sup> De acordo com Edilene Toledo, “o sindicalismo revolucionário defendeu mais do que qualquer outra corrente do movimento operário organizado a concepção do poder revolucionário dos trabalhadores emancipados e insistiu no direito de se auto-administrarem coletivamente, assim como na aptidão para gerir eles mesmos seus próprios assuntos (...). O novo projeto do sindicalismo revolucionário era também a tentativa de conciliar a luta para obter vantagens a curto prazo de derrubar o capitalismo e instaurar um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores (...). Anarquistas e socialistas colaboravam entre si, mas havia um esforço de criar uma neutralidade política dos sindicatos, que não podiam e nem deviam ser anarquistas ou socialistas, mas simplesmente operários. Procuravam demonstrar que todos os conflitos entre diferentes tendências não deveriam fazer que os operários, igualmente sujeitos à exploração capitalista, não tivessem interesses idênticos”. Cf. TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo revolucionário. Trabalhadores em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 108.

<sup>10</sup> TOLEDO, *Op. Cit.*, p. 12.

também irão diferenciar a ideologia anarquista do movimento operário do Brasil durante a primeira república<sup>11</sup>.

Baseando em Hobsbawm e Toledo, acredito ser necessária a diferenciação do movimento operário e do anarquismo, deixando claro que meu objeto de pesquisa é o movimento anarquista, em particular a imprensa anarquista. As opiniões sobre a Revolução Russa presente nestes jornais são visões de anarquistas – e em alguns casos, de sindicalistas e de socialistas de outras tendências. Muitos desses anarquistas eram trabalhadores, principalmente operários fabris. Mas não podemos tomar a visão de um grupo político como sendo a visão de uma classe inteira.

Apesar desta diferenciação entre anarquistas e sindicalistas revolucionários, existia uma proximidade entre os dois grupos. Os sindicalistas revolucionários tinham concepções próximas dos anarquistas, como a crença de que a luta parlamentar era ineficaz e contrário ao seu projeto de sociedade. Ao mesmo tempo, muitos anarquistas acreditavam que a organização em sindicato era uma tática necessária para a preparação do trabalhador para a futura sociedade anarquista<sup>12</sup>.

A principal hipótese a ser demonstrada neste trabalho é que esses militantes anarquistas optaram por apoiar taticamente a Revolução Russa e os bolcheviques. Esta opção por parte dos anarquistas se deu principalmente pela crença de que esta revolução era uma revolução feita por trabalhadores e por acreditarem nos sovietes<sup>13</sup> como verdadeiros representantes dos trabalhadores. Acredito que a opção de apoio à revolução foi feita por causa da proximidade dos anarquistas do Rio de Janeiro com o movimento da classe operária.

A historiografia sobre o tema repetiu inúmeras vezes que a leitura feita pelos anarquistas brasileiros era de que a Revolução Russa possuía um caráter anarquista. Segundo essa historiografia, existiria uma confusão no qual os anarquistas teriam tratado desde o primeiro momento de classificar o desenvolvimento revolucionário russo como um processo pela busca de uma sociedade anarquista.

---

<sup>11</sup> É importante alertar que antes mesmo de Edilene Toledo, Claudio Batalha no livro *O Movimento Operário na Primeira República* já afirmava que “O Sindicalismo Revolucionário foi, sem dúvida, a tendência mais influente no cenário do movimento operário da Primeira República, tanto por suas diversas iniciativas no campo das lutas sociais como pelas organizações que criou, pelos vários jornais que publicou e pelo esforço muito mais consistente e sistemático de propaganda de suas concepções”. Cf. BATALHA, Cláudio H. M. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 18.

<sup>12</sup> TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: Trabalhadores e Militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, pp. 52 – 53.

<sup>13</sup> Os sovietes surgiram durante a chamada Revolução Russa de 1905. De acordo com Daniel Aarão Reis Filho, “O (sovieta) mais importante foi constituído em São Petersburgo. Não durou mais de dois meses, sendo dissolvido pela polícia, que prendeu todas as lideranças numa operação-relâmpago”. Cf. REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida. A História do Socialismo Soviético*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002, p. 49.

Uma das primeiras obras sobre o tema é o livro de Moniz Bandeira, de 1967, intitulado *O Ano Vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Neste livro, Bandeira afirma, sobre a Revolução Russa, que “os militantes anarcossindicalistas saudavam-na como a realização da utopia libertária. Faltava, na verdade, a todos, inclusive à intelectualidade, a formação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia se implantava<sup>14</sup>”.

Bandeira defendia essa tese acreditando em uma transição do proletariado brasileiro do anarquismo ao comunismo. Sendo assim, o proletariado – que em sua concepção é um proletariado anarquista - se confundiu com o caráter da Revolução Russa. Ao entenderem o que seria o comunismo soviético, este proletariado teria feito sua transição para este programa. De acordo com Bandeira, “o proletariado brasileiro pulou do anarquismo para o comunismo, sem passar pela socialdemocracia<sup>15</sup>”.

Interpretação que também tem o norte-americano John W. Foster Dulles. De acordo com sua obra *Comunistas e Anarquistas no Brasil*, “Astrojildo Pereira<sup>16</sup> e os anarquistas brasileiros acreditavam que a Revolução Russa ‘se tratava de uma revolução do tipo libertário, abrindo caminho ao anarquismo<sup>17</sup>’”. Para tal afirmação, Dulles se utiliza da interpretação feita por Astrojildo Pereira em *A Formação do PCB*<sup>18</sup>. Em 1918, Astrojildo declara nos jornais em que escreve que a Revolução Russa é uma revolução libertária. Porém, como pretendo demonstrar ao longo deste trabalho, essa visão de Astrojildo não é aplicável a todos os militantes anarquistas do período.

Em 1979 é lançado o livro *Anarquistas, Imigrantes e O Movimento Operário Brasileiro 1890 – 1920*, de Sheldon Leslie Maram. Ele escreve que “na Rússia, como em toda parte, os anarquistas saudaram efusivamente os primeiros estágios da Revolução, com algumas poucas exceções. Consideravam-na, com seus trabalhadores e seus soldados soviets, uma revolução fundamentalmente anarquista<sup>19</sup>”. Contrariando esta afirmação, não cremos que os anarquistas, e principalmente os anarquistas russos, considerassem a Revolução Russa como “fundamentalmente anarquista”. Os anarquistas russos participaram e apoiaram o

---

<sup>14</sup> BANDEIRA, Moniz. Luiz Alberto. *O Ano Vermelho. A Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, pp. 203 - 204.

<sup>15</sup> *Ibid*, p. 201.

<sup>16</sup> Militante anarquista que em 1922 irá fundar o Partido Comunista do Brasil.

<sup>17</sup> DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 63.

<sup>18</sup> Livro escrito por Astrojildo Pereira que relata o processo de criação do Partido Comunista do Brasil em 1922.

<sup>19</sup> MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e O Movimento Operário Brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 81.

processo revolucionário russo e em um primeiro momento se colocaram ao lado dos bolcheviques. Mas não confundiram esta revolução com uma revolução anarquista<sup>20</sup>.

Mais à frente, Maram escreve que há uma confusão entre os libertários brasileiros sobre o sucesso da Revolução Russa que passam a aceitar “preceitos mais autoritários” para se conseguir a revolução<sup>21</sup>. Porém, ao contrário de Maram, acreditamos que não é por uma confusão que os anarquistas passam a aceitar esses métodos autoritários, e sim por uma escolha tática de apoiar os métodos desenvolvidos durante a revolução Russa<sup>22</sup>.

Em outro caso, no livro de Carlos Augusto Addor de 1986, baseado em sua dissertação de mestrado, da mesma forma que faz Dulles, cita textos de Astrojildo Pereira para reafirmar a tese recorrente de que houve uma confusão por parte dos anarquistas ao caracterizar a Revolução Russa de libertária. Como já citei aqui e demonstrarei no segundo capítulo desta dissertação, a interpretação de Astrojildo sobre a revolução é uma interpretação particular e não pode ser caracterizada como a visão de todo um campo anarquista do Brasil deste período<sup>23</sup>. Addor escreve que, neste período – de 1917 a 1919 – “ainda não está claro, para os libertários no Brasil, o caráter socialista autoritário da Revolução Russa. Suas divergências com o “autoritarismo” do governo soviético começariam a se explicitar principalmente a partir de 1919<sup>24</sup>”.

Acredito, sim, que não estavam claro todos os aspectos da Revolução Russa e do programa bolchevique, que por vezes eram chamados de “massimalistas”. Mas isto não significa que todo o movimento anarquista no Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, acreditasse ser a Revolução Russa uma revolução libertária. Observaremos, principalmente durante o segundo capítulo, que existiam diversas interpretações por parte dos anarquistas sobre a Revolução Russa. Não há dúvida de que durante o período 1917 – 1919, todos os anarquistas que escreveram nesses jornais vão declarar apoio à Revolução Russa. Mas não acredito que este apoio era meramente por confundirem a Revolução Russa com uma revolução libertária. Houve, em alguns casos, esta confusão, mas acredito que o fator que levou os anarquistas a apoiarem a Revolução Russa é por esta ser uma revolução protagonizada por operários organizados em torno dos soviets e que buscavam um programa

---

<sup>20</sup> SAMIS, Alexandre. Introdução. In: ROCKER, Rudolf. *Os Sovietes Traídos Pelos Bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 19.

<sup>21</sup> E realmente ocorre o fato de que alguns anarquistas irão defender a ditadura do proletariado.

<sup>22</sup> Da mesma forma que é uma escolha tática a atuação de anarquistas em sindicatos, não significando que os anarquistas acreditassem que os sindicatos possuíssem um caráter libertário.

<sup>23</sup> Ver capítulo 2 desta dissertação, p. 55.

<sup>24</sup> ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 37.

baseado na classe operária, que era contra a guerra, a burguesia e o capitalismo<sup>25</sup>, sendo esta uma hipótese a ser demonstrada ao longo da pesquisa.

O trabalho mais recente sobre o tema é o de Tiago Bernardón de Oliveira. Em sua Tese de doutorado de 2009, intitulada *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil*, Bernardón traz uma nova tese sobre o tema. Segundo Bernardón, os anarquistas tinham conhecimento das contradições entre o processo desenvolvido na Rússia e o ideal anarquista. Porém, existia a opção de apoiar a revolução, pois acreditavam que após um período inicial de necessidade de uma ditadura, a revolução, em algum momento, levaria a concretização de uma sociedade anarquista<sup>26</sup>. De acordo com as palavras de Bernardón,

A divisão entre autoritários e libertários, cindidos desde o fim da I Associação Internacional dos Trabalhadores, era, obviamente, conhecida entre os anarquistas do Brasil, ao menos entre os mais conscientes de sua posição ideológica. Por outro lado, é comum serem encontradas no material de propaganda anarquista brasileiro até 1921, pelo menos, diversas referências a Marx, transcrições de textos de Lênin e Trotsky e artigos sobre suas personalidades, tratados como verdadeiros revolucionários, aliados confiáveis, embora não fossem anarquistas. Mas como condenar os adeptos do marxismo se naquele momento eles mostravam-se verdadeiros revolucionários? Ambas as facções estavam aliadas contra os inimigos comuns, que incluíam não apenas os tradicionais adversários, capitalistas, clero, Estado, mas também os reformistas social-democratas que desviavam os trabalhadores de seu destino revolucionário. Naquelas circunstâncias, ambas as correntes se redimiam e se completavam na primeira revolução socialista com reais chances de concretização<sup>27</sup>.

Desta forma, Bernardón nega a tese simplista de uma confusão do caráter da Revolução Russa por parte dos anarquistas. O que levaria os anarquistas a apoiarem o processo russo não era por identificarem esta revolução como libertária, mas sim por acreditarem nas lideranças bolcheviques como verdadeiros revolucionários. E também por possuírem inimigos em comum, como a burguesia, clero, Estado e os social-democratas. Esta será uma das teses também defendida por nós neste trabalho. Apesar da afirmação de Bernardón, ele não busca apresentar mais detalhadamente as fontes que demonstram esta posição, até mesmo porque este não é o objetivo central do seu trabalho. Mas percebe-se que

---

<sup>25</sup> Inimigos em comum dos anarquistas.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Tiago de Bernardón. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). UFF: Niterói, 2009, p. 136.

<sup>27</sup> *Ibid.*, pp. 130, 131.



Bernardón tinha conhecimento dessas fontes e das discussões que se envolveram os anarquistas em torno da Revolução Russa presentes na imprensa anarquista.

Outro trabalho que considero importante a esta pesquisa é a dissertação de mestrado de Marcos Aurélio Santana Rodrigues, intitulada *Pelas Páginas dos Periódicos: Comparando Práticas Discursivas Anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o Início da Década de 1920*. Nesta dissertação, utilizando-se de um periódico, Rodrigues afirmará que apesar do conhecimento dos anarquistas sobre a existência de uma ditadura na Rússia, eles a apoiaram, considerando-a uma “situação Transitória”. De acordo com Rodrigues,

A Ditadura do Proletariado (...) garantiria o desenvolvimento da revolução e possibilitaria a afirmação de novas ordens políticas, econômicas e sociais, uma vez que combateria a “reação” da burguesia. Portanto, os “fins” revolucionários justificariam os “meios” utilizados, pois a ditadura “desapareceria” quando fossem abolidas as classes na sociedade comunista<sup>28</sup>.

Apesar de Rodrigues utilizar para esta afirmação uma fonte em específico<sup>29</sup>, se nota que o argumento utilizado por diversos historiadores de que houve uma confusão com o caráter da revolução por parte dos anarquistas não pode se sustentar. Existia um debate sobre a Revolução Russa presente nos periódicos anarquistas do período. E as diversas opiniões presentes nesses periódicos nos levam a crer que era do conhecimento por parte desses anarquistas de que o que vinha ocorrendo na Rússia era diferente de seus ideais, porém, mesmo assim optou-se por declarar apoio. Por outro lado, não pretendo afirmar que se tinha total clareza desses eventos na Rússia. Existiu confusão de fato em alguns momentos, e alguns anarquistas viriam a afirmar que a Revolução Russa era libertária. Mas pretendo demonstrar que essas afirmações eram individuais e não representava o todo e nem mesmo a maior parte do movimento anarquista.

Acredito aqui que os principais fatores que levaram os anarquistas do período, através da imprensa a declararem apoio à Revolução Russa foi o fato desta revolução se mostrar como uma revolução proletária e guiada por estes. A aproximação dos anarquistas brasileiros, e especificamente dos cariocas com os trabalhadores e os sindicatos foi um dos fatores que levou a simpatia por parte dos anarquistas com a revolução. Além deste fato, havia a

---

<sup>28</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas Páginas dos Periódicos. Comparando Práticas Discursivas Anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o Início da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História). UFRJ: Rio de Janeiro, 2010, p. 142.

<sup>29</sup> O periódico *Renovação: Quinzernário Sindicalista e Comunista*, que também será utilizado por nós no decorrer deste trabalho. Cf: capítulo 2, pág. 30.

existência de inimigos em comum e do fato dos bolcheviques se declararem contra a guerra – também causa em comum com os anarquistas.

Desta forma, no primeiro capítulo desta dissertação pretendo apontar as relações do anarquismo com o sindicalismo, suas diferenças e proximidades. Demonstrar que a principal opção por parte dos anarquistas desde período era em apoio aos trabalhadores e ao movimento sindical. A visão por parte desses anarquistas que escreviam nos jornais do que era o anarquismo também nos será importante para nos situarmos sobre qual anarquismo estamos falando.

No Segundo capítulo serão analisados os periódicos anarquistas do Rio de Janeiro entre os anos 1917-1919. Nosso objetivo é demonstrar que, mesmo durante este período, os anarquistas já possuíam noção de que o que vinha se desenvolvendo na Rússia era diferente do anarquismo, mas existia uma opção tática em apoiar a Revolução Russa.

No terceiro e último capítulo, focaremos no período entre 1920 e 1922. A historiografia considera este período como um período de maior clareza entre o movimento anarquista sobre os acontecimentos russos e origem da divisão entre anarquistas e comunistas. A data final – 1922 – é a data de criação do Partido Comunista do Brasil por Astrojildo Pereira, antigo militante anarquista e data também da criação da União Soviética. Neste momento, o movimento anarquista russo já tinha sido reprimido em boa parte pelos bolcheviques, principalmente na vitória deste sobre os guerrilheiros anarquistas da Ucrânia, liderados por Makhnó em 1920. Procuraremos demonstrar que a partir deste período, começam os primeiros ataques por parte dos anarquistas cariocas à Revolução Russa.

## CAPÍTULO I – ANARQUISMO E SINDICALISMO NO RIO DE JANEIRO

Acredito ser difícil criar uma conceitualização do anarquismo que agrade a todos. Como apontou o historiador Tiago Bernardón de Oliveira:

A definição política de um grupo ou de um indivíduo não é uma tarefa fácil. Isso porque quando alguém procura estabelecer uma caracterização geral de uma corrente política aplicada a um grupo, muitas vezes, resulta em protestos dos observados e de outros observadores, que pedem mais atenção às matizes e sutilezas que separam aqueles que aparentemente estão juntos sob um mesmo rótulo<sup>30</sup>.

Certamente, há definições da anarquia e do anarquismo em praticamente todos os trabalhos historiográficos onde se pretende falar sobre o assunto. Uma definição é necessária para nos situarmos sobre o que entendemos quando nos referimos ao anarquismo. Mas uma definição geral e puramente teórica não nos interessa neste trabalho. Desta forma, não tentarei realizar uma definição global do anarquismo, onde posso enquadrar tanto os anarquistas franceses, russos, espanhóis e brasileiros. Não pretendo transcrever uma definição do anarquismo tirado de algum teórico anarquista como, por exemplo, do italiano Errico Malatesta<sup>31</sup> (1853 – 1932). Alguns anarquistas brasileiros receberam influência de Malatesta, que é mencionado nos jornais analisados<sup>32</sup>. Mas de certo, não podemos resumir o anarquismo no Brasil ao pensamento deste ou de outro teórico anarquista.

É necessário entender como se desenvolveu o movimento anarquista no Brasil e sua ligação com o movimento operário. O desenvolvimento do que se entendia por anarquismo durante a primeira república no Brasil tem ligação com as experiências destes militantes na realidade brasileira. A situação operária do período nos será importante para situarmos este anarquismo. Acredito que o anarquismo pode ser analisado como uma “relação histórica”. E essa relação, de acordo com o historiador britânico Edward Palmer Thompson (1924-1993),

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Tiago de Bernardón. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). UFF: Niterói, 2009, p. 30.

<sup>31</sup> De acordo com Edgar Rodrigues: “Principal pensador anarquista italiano. Em 1871 aderiu à Associação Internacional dos Trabalhadores e no ano seguinte conheceu Bakunin (importante pensador anarquista russo). No Congresso anarquista de Londres em 1881 propôs a criação de uma Internacional Anarquista. Em 1885 exilou-se na Argentina, onde com os primeiros núcleos anarquistas desenvolveu uma ativa propaganda das idéias anarquistas. (...). Tal como muitos outros militantes, Malatesta também desenvolveu atividade revolucionária em diferentes países: Egito, França, Bélgica, Argentina e Espanha são alguns dos países onde esteve. Em 1914 durante a Primeira Guerra Mundial foi um dos defensores do internacionalismo contra os que defendiam – mesmo dentro do anarquismo – o envolvimento com uma das facções beligerantes” Cf: RODRIGUES, Edgar. *Pensadores Anarquistas e Militantes Libertários*. Fonte Digital: Arquivo de História Social Edgar Rodrigues. In: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/pensadoresanarquistas.html>, acesso em 28 de novembro de 2015, às 12:16.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Op. Cit., p. 59.

“precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais<sup>33</sup>”. Desta forma, a experiência vivida pelos anarquistas no Brasil e suas visões sobre o anarquismo é o que nos importará. Acredito que as experiências operárias no Brasil serão importantes, pois o anarquismo se preocupou – como percebemos nas páginas de seus periódicos – com as questões operárias e muitos militantes anarquistas ingressaram nas fileiras dos sindicatos.

Contudo, não quero aqui afirmar que anarquismo e movimento operário eram sinônimos. Ou que o movimento operário no Brasil era um movimento anarquista e nem mesmo majoritariamente anarquista. Citando Thompson, a classe “não existe, nem para ter um interesse ou uma consciência ideal<sup>34</sup>”. Isso significa que é inapropriado tentar rotular uma classe de um país ou de algum local a uma ideologia política. Enquanto os anarquistas buscavam a realização de uma sociedade anarquista, livre de Estado, governos, patrões e autoridades (mas não necessariamente livre de organização), a classe operária buscava os interesses específicos para a classe. Esses interesses podiam ter, em maior ou menor grau, uma aproximação com os ideais anarquistas, da mesma forma que os anarquistas viam o movimento operário com interesses em comum. Mas daí afirmar que os operários buscavam a anarquia, não é adequado. Os operários buscavam, principalmente, melhores condições de trabalho. E se a anarquia se mostrava um meio de melhorar a vida dos trabalhadores, era um motivo para atuação em conjunto de trabalhadores e anarquistas.

Buscaremos analisar melhor estes aspectos ao analisarmos o anarquismo no Brasil durante a primeira república. No momento, nos caberá analisar o surgimento do ideal anarquista na Europa. Se o anarquismo brasileiro não pode ser definido pelo que os teóricos anarquistas europeus acreditavam ser o anarquismo, também não podemos entendê-lo sem compreendermos o que era esse anarquismo na Europa, em vista da influência recebida deste continente. O anarquismo surgido na Europa terá suas próprias experiências e interpretações ao chegar ao Brasil. Mas se a experiência brasileira é um fator para definição deste anarquismo, também temos de entender que estes anarquistas buscavam ao mesmo tempo suas influências externamente, lendo textos de teóricos do anarquismo. Desta forma, será necessário um entendimento sobre os caminhos percorridos pelo ideal anarquista antes de nos atentarmos as experiências e interpretações destes anarquistas no Brasil.

Como já informamos, consideramos o anarquismo como uma “relação histórica”. Desta forma, esta ideologia possui seu surgimento em um determinado período da história,

---

<sup>33</sup> THOMPSON, E. Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa I. A Árvore da Liberdade*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 10.

<sup>34</sup> THOMPSON, Ibid., p. 11.

mais especificamente em meados do século XIX, na Europa industrial. Essa observação é necessária para não cairmos na armadilha de considerarmos, como propunham alguns militantes anarquistas, que esta ideologia esteve presente em todos os momentos da história sociedade. É o caso do anarquista Max Nettlau<sup>35</sup> (1865 – 1944) que em seu livro *História da Anarquista – das origens ao anarco-comunismo* escreveu: “Uma história da idéia anarquista é inseparável da história de todas as evoluções progressivas e das aspirações à liberdade<sup>36</sup>”.

É verdade que a palavra *anarchia* já existia durante a antiguidade e significa “sem governo”. E durante a revolução francesa, a palavra era empregada em um sentido negativo para denegrir os oponentes<sup>37</sup>. Coube ao teórico Pierre Proudhon<sup>38</sup> (1809-1865) empregar a palavra anarquia de forma positiva em seu livro *O que é a propriedade*, lançado em 1840. Proudhon foi “o primeiro homem a reclamar para si, voluntariamente, o título de anarquista<sup>39</sup>”. Mas se Proudhon foi quem lançou as bases teóricas do anarquismo, coube ao russo Mikael Bakunin<sup>40</sup> (1814-1876) o título de fundador do movimento anarquista. Proudhon era um homem de palavras, enquanto Bakunin era de ação. Este participou ativamente da agitação política da segunda metade do XIX e esteve presente na Associação Internacional dos trabalhadores, que posteriormente ficaria conhecida como Primeira Internacional, onde expressou suas diferenças com o socialismo defendido por Karl Marx<sup>41</sup> (1818-1883), socialismo este que passaria a ser chamado pelos libertários de “socialismo autoritário”.

---

<sup>35</sup> De acordo com o historiador Frank Mintz, Max Neuttlau nasceu em “Neuwaldegg, próximo a Viena em 30 de abril de 1865 (...). Obteve o doutorado aos 23 anos de idade, com uma tese sobre línguas celtas”. Cf. MINTZ, Frank. Biografia. In: NEUTTLAU, Max. *Historia da Anarquia. Das Origens ao Anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008, p. 12.

<sup>36</sup> NETTLAU, Marx. *Ibid.*, p. 27.

<sup>37</sup> WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas, Vol 1. A idéia*. Porto Alegre: L&MPocket, 2002, p. 8.

<sup>38</sup> Teórico francês tido como um dos teóricos que lançou as bases do movimento anarquista.

<sup>39</sup> WOODCOCK, *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>40</sup> De acordo com Edgar Rodrigues: “sua ligação à idéias progressistas se deu a partir das suas leituras de Hegel, a amizade com o revolucionário russo Herzen e principalmente a partir de sua viagem ao Ocidente em 1840, quando freqüentou a universidade de Berlim e o círculo dos Hegelianos de esquerda em Berlim e Dresden na Alemanha. Em 1843 se aproximou do pensamento socialista a partir do contato com Moïse Hess e Proudhon, só vindo se tornar anarquista já nos anos 60, no exílio europeu”. In: RODRIGUES, Edgar. *Pensadores Anarquistas e Militantes Libertários*. Fonte Digital: Arquivo de História Social Edgar Rodrigues. In: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/pensadoresanarquistas.html>, acesso em 28 de novembro de 2015, às 13:09. .

<sup>41</sup> Filósofo alemão, nascido em Trier. Escreve em 1848 sua obra chamada “O Manifesto do Partido Comunista”, no qual defende a criação de um Partido Comunista como instrumento da classe trabalhadora para se chegar ao poder de Estado. Acredita no Estado como um instrumento a ser alcançado pela classe revolucionária: os proletários. Segundo Marx, o socialismo de Estado é uma etapa necessária para se alcançar o Comunismo. Marx teve desavenças com o Anarquista Bakunin na Associação Internacional de Trabalhadores em 1872, onde essa organização se dividiu entre os socialistas de Estado os libertários. Cf: “VIEIRA, Jair Lot; MICALES, Maira Lot Vieira. Os Autores e Suas Idéias. In: MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Bauru: EDIPRO, 2º Ed, 2001, pp. 23-32.

Outro influente anarquista do século XIX é, da mesma forma de Bakunin, também um russo. Sob o nome de Pieter Kropotkin, ele lançou as bases do que se convencionou de chamar de anarco-comunismo<sup>42</sup> em seu livro *A Conquista do Pão*, de 1888. Neste livro, Kropotkin escreveu que anarquia e o comunismo se completam. De acordo com as palavras de Kropotkin,

toda a sociedade que tiver rompido com a propriedade privada, deve se organizar em comunismo anarquista. A anarquia conduz ao comunismo, assim o comunismo leva à anarquia, sendo ambos a expressão da tendência das sociedades modernas para a procura da igualdade<sup>43</sup>.

Ainda neste livro, Kropotkin irá discordar das teorias de Bakunin sobre a realização da futura sociedade anarquista. Bakunin era considerado um coletivista. Kropotkin escreve que

Não podemos admitir com os coletivistas que uma remuneração proporcional às horas de trabalho fornecidas por cada um à produção das riquezas possa ser um ideal ou mesmo um passo à frente para esse ideal (...). O ideal coletivista nos parece irrealizável em uma sociedade atual pela quantidade de trabalho em uma sociedade em que considere os instrumentos de produção como um patrimônio comum. Baseada neste princípio, ela ver-se-ia forçada a abandonar desde logo toda a forma de salário<sup>44</sup>.

Diferenciando-se de Bakunin que acreditava que no anarquismo cada pessoa teria direito ao que produzisse - o que ficou conhecido pelo lema “a cada um segundo seu trabalho” - o comunismo proposto por Kropotkin acreditava no “a cada um segundo suas necessidades”. Esta definição do anarquismo comunista de Kropotkin nos é importante, pois podemos perceber durante a pesquisa diversas referências ao comunismo nos periódicos. O termo “comunismo anarquista” era discutido nos jornais e buscado como ideal a ser realizado por alguns teóricos anarquistas. A construção da sociedade comunista foi teorizada por José Oiticica<sup>45</sup>, no texto *Princípios e Fins do Comunismo*, publicado tanto no periódico Spartacus quanto no periódico Aurora, ambos jornais anarquistas do Rio de Janeiro. Neste texto, está

---

<sup>42</sup> De acordo com o historiador Alexandre Samis, o anarco-comunismo “assumiu essa designação no Congresso da Federação Jurassiana, realizado em Chaux-des-Fonds (Suíça, Outubro de 1879). Cf: SAMIS, Alexandre. As linhagens de um clássico. In: KROPOTKIN, PIOTR. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 7.

<sup>43</sup> KROPOTKIN, piotr. *Op. Cit*, p. 31.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>45</sup> José Rodrigues Leite e Oiticica. “Professor e filólogo. Anarquista, rosa-cruz. Começou a lecionar em 1916 no colégio Pedro II, do qual se tornaria catedrático. Tomou parte na conspiração para a chamada “insurreição anarquista” do Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1918, sendo preso naquele dia em seu escritório junto com outros conspiradores.” In: BATALHA, Cláudio. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 116.

presente no 12º parágrafo o lema: “Cada indivíduo deve trabalhar segundo suas forças para receber segundo as suas necessidades<sup>46</sup>”, lema em concordância ao comunismo de Kropotkin.

Há citações a obras de autores estrangeiros, sendo o russo Kropotkin o mais recomendado para leitura. Os textos de Kropotkin também são constantes nesta imprensa operária. Os princípios morais são constantemente evocados para se creditar ao anarquismo valores “corretos”, opondo-se ao capitalismo, que de acordo com os anarquistas, não se baseia em tais valores.

Durante o período de 1917 a 1920, percebemos que os anarquistas acreditavam que tanto os bolcheviques quanto os anarquistas buscavam o mesmo ideal: o comunismo. Mas acreditavam que os bolcheviques utilizavam meios divergentes daqueles defendidos pelos anarquistas, como a manutenção do Estado, tática defendida pelos bolcheviques. Em 1919 será criado no Rio de Janeiro um partido de tendência libertária sob o nome de Partido Comunista e terá Oiticica como um dos seus principais mentores. Essa busca pelo comunismo por parte dos anarquistas era baseada nas idéias de Kropotkin. Segundo o historiador Alexandre Samis, “Na América Latina, especificamente no Brasil das primeiras décadas do século passado, foi largamente recomendado (o livro *a conquista do pão*) como leitura básica para anarquistas e sindicalistas revolucionários<sup>47</sup>”.

Outro teórico anarco-comunista que influenciou o movimento anarquista no Brasil foi o italiano Errico Malatesta<sup>48</sup> ( 1853- 1932). Enquanto Kropotkin tratava o anarquismo como uma ciência e acreditava que o anarquismo poderia vir da “evolução” da humanidade, Malatesta não irá ligar o anarquismo a nenhum sistema filosófico. De acordo com Malatesta, o anarquismo surge a partir de uma “revolta moral contra as injustiças sociais<sup>49</sup>”. Malatesta define o anarquismo nas seguintes palavras:

O anarquismo é o método para realizar a anarquia por meio da liberdade e sem governo, ou seja, sem organismos autoritários que, pela força, ainda que seja por bons fins, impõe aos demais sua própria vontade. A anarquia é a sociedade organizada sem autoridade, compreendendo-se a autoridade como faculdade de impor a própria vontade<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> OITICICA, José. Princípios e Fins do Comunismo. *A Aurora*, RJ, 28/08/1919, nº02.

<sup>47</sup> SAMIS, Alexandre. As linhagens de um clássico. In: KROPOTKIN, PIOTR. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 11.

<sup>48</sup> Já citado na referência de nº 31.

<sup>49</sup> MALATESTA, Errico. Anarquismo e anarquia. In: [http://www.anarkismo.net/article/11714?userlanguage=it&save\\_prefs=true](http://www.anarkismo.net/article/11714?userlanguage=it&save_prefs=true). Acesso em 28/02/2016 às 12:31.

<sup>50</sup> Malatesta, Ibid.

Agora, cabe-nos aqui entender como os periódicos entendiam a anarquia durante o período pesquisado. Já colocamos o anarquismo como uma “relação histórica”. Além de uma “relação”, entendemos o anarquismo como um campo. Como escreve o filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu, O campo é um “microcosmo relativamente autônomo. Dentro desse campo está em jogo um capital específico que só tem valor para os que estão dentro do campo. De acordo com Bourdieu,

Cada campo impõe um preço de entrada tácito: ‘Que não entre aqui quem não for geômetra’, isto é, que ninguém entre aqui se não estiver pronto a morrer por um teorema. Se tivesse de resumir por meio de uma imagem tudo o que acabo de dizer sobre a noção de campo e sobre a *illusio*, que é tanto condição quanto produto do funcionamento do campo, evocaria uma escultura que se encontra na catedral de Auch, em Gers, sob os assentos do capítulo, e que representa dois monges lutando pelo bastão de prior. Em um mundo como o universo religioso, e sobretudo o universo monástico, que é o lugar por excelência do *Ausserweltlich*, do supra-mundano, do desinteresse no sentido ingênuo do termo, encontramos pessoas que lutam por um bastão que só tem valor para quem está no jogo, preso ao jogo<sup>51</sup>.

Em cada campo está em jogo um capital específico, um capital que só faz sentido para quem está no jogo, quem conhece as regras, para quem tem um *habitus* ajustado a esse campo. Este capital específico é *o capital simbólico*<sup>52</sup>.

Assim, podemos tomar o anarquismo como um campo. Isso significa considerar que as regras e os símbolos que estão em disputa no anarquismo são entendidos pelos “jogadores” deste campo, por aqueles que entendem o valor dos símbolos em disputa. As noções de Estado, liberdade, Revolução, Luta de classes, sindicalismo, dentre outros termos presentes na imprensa anarquista do período são símbolos do anarquismo e entendido por quem está participando do “jogo”. Desta forma, o *Comunismo*, palavra presente nos periódicos anarquistas é um símbolo entendido de uma forma específica dentro do anarquismo. Quem está fora deste campo, por exemplo, trabalhadores, sindicalistas ou marxistas, podem entender o comunismo de uma forma diferente.

Agora adentraremos ao campo anarquista, analisando a imprensa libertária do Rio de Janeiro e o que se entendia sobre ‘o que era a anarquia’. Acreditamos ser esta análise necessária. Tendo como base o referencial teórico-metodológico de Thompson, buscaremos entender o que era o anarquismo para os militantes anarquistas – e por vezes, por alguns

---

<sup>51</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Razão*. 9º Ed. Editora Papirus: Campinas, SP, p. 141.

<sup>52</sup> SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. In: *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan./Jun., 2014, p. 145.



militantes socialistas de outras tendências, como o sindicalismo revolucionário – que escreviam nos periódicos cariocas no período estudado. Ao pensarmos o movimento anarquista não como uma “consciência ideal”, mas ao buscarmos compreender o que esses militantes pensavam e debatiam sobre o que seria este anarquismo, poderemos compreender o que era aceitável pensar sobre o anarquismo durante o período dentro da imprensa operária no Rio de Janeiro.

Começaremos pelo periódico *O Cosmopolita*, de maio de 1917. Na matéria intitulada *O Ideal Anarquista*, o autor tem como objetivo esclarecer para o leitor quais as bases do anarquismo. O texto se inicia com a afirmação de que a “reação política” classifica o anarquismo como “desordem” e “violência”. De acordo com o autor, M. Esteves<sup>53</sup>, os anarquistas proclamam “a abolição do Estado por considerá-lo o maior sustentáculo da desigualdade humana, o núcleo central de todas as tiranias”. Esteves acredita que ao analisar a História, pode-se observar a “ação maléfica” do Estado por todos os tempos contra a “liberdade dos povos”. Ainda segundo ele, o Estado impede o avanço da “razão e da justiça” que são representadas pelo proletariado. Os anarquistas são contrários a todo sistema de governo “hierárquico-autoritário”. O anarquismo será uma sociedade organizada onde não existiriam “ricos e nem pobres” e nem “exploradores e explorados”. Ao final do texto, recomenda a leitura da obra de autores anarquistas, como “Kropotkine, Eliséu Reclus, Anselmo Lorenzo, Jean Grave e tantos outros<sup>54</sup>”.

A menção ao proletariado está presente neste texto. Segundo Esteves, o proletariado é o verdadeiro responsável pelo avanço da “razão e da justiça”. Esta classe carregaria valores nobres e possuiria um papel importante na construção da sociedade futura. O autor acredita que desaparecendo a propriedade privada e tornando-se os direitos e deveres iguais para todos, os “indivíduos” não terão razão para “se odiarem”. Esteves então afirma que apesar do papel importante do proletariado, a sociedade futura não “libertará” apenas esta classe, mas a todos os “indivíduos”. Os principais inimigos são o “Estado” e a “propriedade privada”. Ainda segundo ele, a leitura de obras de autores anarquistas é importante para se evitar confusões acerca do anarquismo e para não se acreditar na “reação” que afirma ser esta uma ideologia da “violência” e “desordem”.

No número 19 do mesmo periódico, datado de 15 de outubro de 1917, há uma diferenciação entre anarquia e revolução. Para o autor, que assina sob o nome de W., “A idéia

---

<sup>53</sup> Possivelmente Manuel Esteves. De acordo com Edgar Rodrigues, Manuel Esteves era um operário anarquista português. Veio para o Brasil jovem e fixou moradia no Rio de Janeiro. “Começou sua trajetória militante nos meios operários”. Cf. RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros Vol. 4*. Florianópolis: Insular, 1997, p. 71.

<sup>54</sup> ESTEVES, M. O Ideal Anarquista. *O Cosmopolita*, RJ, 15/05/1917, nº 10, p. 3.

anarquista não é determinada pela opressão, pela fome, nem pela dor”. Ao contrário do que seria a revolução, pois a revolução é “resultante de um fato – a opressão – e não da anarquia”. Ainda de acordo com o autor, os problemas da anarquia “não são problemas econômicos, mas sim psíquicos, de evolução incessante”. Desta forma, conclui que “a fome não pode determinar a anarquia”. A fome pode levar à revolução, mas não à anarquia. Já a dor seria um momento especial da sensibilidade. Sendo a dor psíquica, poderia ter maior importância no estabelecimento da anarquia. W. definirá a revolução como “o modo pelo qual se manifesta a anarquia”. Já a anarquia é definida como ‘a energia consciente da evolução’. W. Chega a seguinte conclusão: “anarquia portanto, não é revolução, e sim, evolução consciente”. No texto, W. nega o fato de que o anarquismo seja representante de alguma classe em específico ao afirmar: “A anarquia não é um ideal fragmentário, nem possui virtualismo detalhista para benefício desta ou daquela classe social”. Nega também que o anarquismo seja uma ideologia. Sendo assim, seria diferente até do sindicalismo revolucionário<sup>55</sup>, pois o anarquismo não é, tampouco, “um idealismo econômico do estilo de liberalismo, do socialismo e até do sindicalismo revolucionário. É mais completo, mais amplo, mais profundo na vida universal<sup>56</sup>”.

Podemos então perceber nestes dois textos que o anarquismo possui, então, não apenas uma definição. No primeiro texto, Esteves coloca o anarquismo como inimigo do Estado, e afirma não ser o anarquismo sinônimo de violência, como a “reação” afirmava. O anarquismo é a transformação da sociedade através de uma revolução e de uma “evolução consciente”. E a fome, opressão e dor – vividos pelos mais pobres, principalmente pelos proletários – é uma forma de se chegar, não à anarquia, mas à Revolução. O proletariado será o grande beneficiado do anarquismo, mas não será apenas este grupo que o anarquismo beneficiará. O anarquismo virá para a redenção de toda a humanidade.

Já W. acredita que o anarquismo pode ser alcançado por uma revolução, mas que ele não é a revolução. Anarquismo é “evolução consciente”. W. ainda negará que o anarquismo seria benéfico apenas para uma classe específica, diferenciando-se de Esteves que acredita o

---

<sup>55</sup> Edilene Toleno discute com a tendência historiográfica sobre o movimento operário da primeira república que tende a chamar a corrente majoritária do sindicalismo do período de anarco-sindicalismo. Para Edilene Toledo o que se chamou de anarco-sindicalismo na verdade era o chamado sindicalismo revolucionário. Segundo Toledo, apesar de existir anarquistas atuantes e favoráveis aos sindicatos como método de luta, a maioria dos trabalhadores do sindicato não eram anarquistas. Esses sindicatos estavam mais preocupados com causas imediatas favoráveis aos trabalhadores do que com a tentativa de implementação de uma sociedade anarquista. O sindicalismo revolucionário não buscava apoio de partidos e tinha a greve como principal meio de luta. Mas conciliava tanto aspectos do marxismo como do anarquismo. Cf. TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: Trabalhadores e Militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

<sup>56</sup> W. Anarquia... E anarquistas. *O cosmopolita*, RJ, 15/10/1917, nº 19, p. 1.

anarquismo beneficiará principalmente o proletariado, apesar de não negar que o anarquismo em seu fim libertará toda a humanidade.

Diferenciando deste último texto publicado no periódico, há um texto no mesmo número do jornal, 19, na página 2 intitulado *As idéias anarquistas*. Se W. tende a negar o anarquismo como “benéfico para esta ou aquela classe”, o segundo texto do jornal *O Cosmopolita* de nº 19 de autoria de Elvira Fernandes<sup>57</sup>, a idéia anarquista é “o resultado da luta permanente entre escravos e senhores”. A autora dá um caráter mais classista ao anarquismo ao afirmar que “a anarquia, estudando as causas que determinam a escravidão moderna, teve necessidade de atacar o efeito – sociedade burguesa – que não abdica nem abdicará nunca, da sua maneira necessariamente autoritária, de perseguir os inovadores da vida de pensamento, que com a clareza científica apavora a horda estacionária”. Estes inovadores de pensamento são os anarquistas. A horda estacionária é a classe burguesa. O anarquismo é tratado como ciência, se aproximando das idéias de Kropotkin.

Na interpretação de Fernandes, a burguesia é o principal inimigo do anarquismo, pois ela representa o autoritarismo. Mas a visão de Fernandes, apesar de maior ênfase nos trabalhadores, crê que a sociedade anarquista não será um governo baseado em princípios proletários e do interesse desta classe, mas sim uma “sociedade baseada na confraternização universal, com o fim de estabelecer o equilíbrio social da família humana, livre sobre a Terra livre<sup>58</sup>”.

No número seguinte há um texto de Ricardo Correa Perpétuo, onde ele escreve que ser anarquista é “ser inteligente, ser bom, ser franco, ser sincero”. Nega que o anarquismo seja um “dogma, um princípio imutável”. Termina o texto afirmando que “o anarquismo é o mais alto grau que o homem pode alcançar e que anárquico é o pensamento e para anarquia caminha a humanidade<sup>59</sup>”.

No periódico *Spartacus*, o caráter libertador da anarquia está presente em uma gravura no segundo número do jornal. Nesta gravura está a imagem de uma mulher que possui um véu, semelhante a uma santa. Em sua cabeça estão duas asas, como em um anjo. Ela está distribuindo trigo para pessoas atrás dela, pessoas que estão acorrentadas. A figura desta mulher está no centro da imagem, e em sua volta emana uma luz como a aurora. Os homens e

---

<sup>57</sup> Mencionada no Dicionário do Movimento Operário de Claudio Batalha: “Operária. Discursou na sessão solene realizada na sede da Liga do Operariado do Distrito Federal, na celebração do 1º de maio de 1913”. BATALHA, Claudio H M. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. Militantes e Organizações*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 62.

<sup>58</sup> Elvira Fernandes. *As idéias Anarquistas. O Cosmopolita*, RJ, 15/10/1917, nº 19, p. 2.

<sup>59</sup> Ricardo Correia Perpétuo. *O Que é Ser Anarquista. O Cosmopolita*, 01/11/1917, n. 20, p.1

mulheres em volta desta mulher a olham de forma fixa. Na legenda está escrito: “Parias, vítimas da opressão e despotismo: vinde a mim, que eu serei convosco destruindo-vos as algemas humilhantes. Trago-vos do trigo a Semente, o pão da vida, o Bem-estar ao lado do Amor Livre e da Liberdade de ação e consciência. Chamam-me anarquia. Eu sou a Humanidade<sup>60</sup>”.



Figura A: Mãe Anarquia.

Diversas matérias do periódico *Spartacus* buscavam tratar do movimento operário, tanto nacional, quanto internacional, dando a entender que, para este periódico, a participação dos operários é fundamental para a construção da sociedade anarquista.

Já no *Boletim Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* está escrito na matéria *Que é Anarquia?* que anarquia significa “não superioridade, isto é, não governo de indivíduos que impõem sua vontade aos outros. Isto não quer dizer que seja falta de direção ou de ordem. Pelo contrário, hoje em dia temos uma ordem aparente<sup>61</sup>”. E continua mais adiante: “A anarquia é a constituição de uma sociedade sem os homens do governo, isto é, sem os exploradores. É uma sociedade em que há direção, ordem, acordo, mas sem policias, nem exércitos, nem ministros”. Ao longo do texto, o autor afirma que esta sociedade é possível desde que sejam abolidas as causas das desavenças sociais, que segundo ele, é a propriedade.

<sup>60</sup> MÃE ANARQUIA. *Spartacus*. 09/08/1919, n° 02, p. 1.

<sup>61</sup> QUE É ANARQUIA? *Boletim da Aliança Anarquista*, 02/1918, n° 1, p. 5.

Ainda afirma que a prostituição, roubo, miséria, assassinatos e outros males provem da propriedade. Reaparece aqui a preocupação com os valores morais por parte dos anarquistas, como a condenação a prostituição e aos vícios. Acredita que a anarquia seja uma “obra de bom senso”. Ainda há indicações de livros anarquistas neste periódico, entre eles estão *A Conquista do Pão* de kropotkine, *A Dor Universal* de Sebastian Faure e *A Sociedade Moribunda e a Anarquia* de Jean Grave<sup>62</sup>.

Após analisar essas matérias, concluímos que não existe uma concepção de anarquia ideal para definir o que acreditavam – esses militantes que escreviam nos periódicos – ser a anarquia. Mas pudemos perceber que apesar das discordâncias, havia aspectos em comum dentro deste campo. Existem certos limites para se discordar do que seria a anarquia. O proletariado será citado em diversas interpretações do anarquismo. Ora ele é tido como o maior beneficiado do anarquismo e seu grande agente realizador, ora o proletariado é descartado como a principal classe a se beneficiar do anarquismo, considerando este como um acontecimento que virá libertar a toda a humanidade. Mesmo com discordâncias, o proletariado é um tema em comum a ser debatido dentro do campo anarquista. Ao mesmo tempo em que questões de classe estão dentro desse campo.

Também é discutido o método para a realização do anarquismo. Ao longo dos periódicos, o método apareceu ou como uma revolução ou como uma evolução. Há ainda quem diga ser o anarquismo obra do “bom senso”. Mesmo variando os métodos de como se deve alcançar o anarquismo, concorda-se com o fato de que o anarquismo deva acabar com a exploração do homem pelo homem, da violência e da autoridade. Mas há aqueles que acreditam na violência como método para sua realização, ao mesmo tempo em que há os que discordam. Assim, acreditamos que existem discordâncias dentro do que se entende como anarquismo, porém essas discordâncias estão dentro do aceitável neste campo<sup>63</sup>. É importante entendermos essa possibilidade de múltiplas visões dentro deste campo e os limites dessas

---

<sup>62</sup> Ibid.

<sup>63</sup> Bourdieu apresenta a noção de “Illusio” para definir o interesse pelas disputas – a qual ele chama de jogo social – dentro de um campo. Segundo Bourdieu, a illusio “é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar”. E afirma que “Todo campo (...), tende a obter daqueles que nele entram essa relação com o campo que chamo de illusio. Eles podem querer inverter as relações de força no campo, mas, por isso mesmo, reconhecem os alvos, não são indiferentes”. Cf. BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Razão*. 9º Ed. Editora Papirus: Campinas, SP, pp. 139-134. Sendo assim, aqueles que discordam dentro do campo anarquista, reconhecem o valor do jogo e sabem jogar. Conhecem as regras e até onde é aceitável ter uma opinião diferente sobre um determinado aspecto do campo. Sabe-se que um anarquista deve buscar alcançar uma sociedade sem opressão, apesar de ser aceitável dentro do campo discordar do que seria uma sociedade sem opressão, a quem ela beneficiaria e os métodos para se alcançar tal sociedade.

visões, para podermos entender até onde eram aceitáveis as variações de opiniões a respeito da ditadura do proletariado e outros aspectos da Revolução Russa dentro desta imprensa.

O tema *Comunismo* também será tratado nos periódicos anarquistas e principalmente pelo periódico *Spartacus*, que será órgão do Partido Comunista de 1919, partido de tendência libertária<sup>64</sup>. No primeiro número do jornal há uma matéria assinada por Romano Crocci<sup>65</sup> intitulada *Pelo comunismo*. Ele começa escrevendo que a Revolução é um fator biológico. Defende o argumento de que a natureza é evolutiva em seu meio e revolucionária em seu fim. “O conflito e a transformação social torna-se cada vez mais urgente, mais necessária, mais humana. Porque anárquico é o pensamento e para a anarquia caminha a história<sup>66</sup>.” A transformação social pela política é algo impossível, um sofisma, segundo crocci, “cujo fim, nós anarquistas prevemos<sup>67</sup>”. Essa frase identifica Crocci como anarquista. Segundo ele, é necessário chegar ao extremo, cortar o mal pela raiz. O que ele chama de comunismo anárquico é o “remédio eficaz”. E resume seu pensamento dizendo ser anarquista na política, porque condena o direito de mando e o dever da obediência. Na ordem intelectual, advoga o livre exame e na econômica, se declara comunista para que acabe a exploração do homem pelo homem. “A cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo suas forças<sup>68</sup>”. Crocci termina propagando seu ideal: “por cima da desordem legal, plantemos a ordem libertária<sup>69</sup>”.

Esse texto - juntamente com o que foi apresentado por José Oiticica, sobre Comunismo no jornal *A Aurora* e também publicado em uma edição posterior de *Spartacus* - demonstra que a visão que os libertários tinham de comunismo era uma visão diferente dos que seguiam Marx e Lênin. Isso é importante para podermos entender que os anarquistas

---

<sup>64</sup> Este partido surgiu em 1919 e pretendia ser um órgão de organização dos anarquistas. Não podemos colocar o partido comunista de 1919 meramente como uma influência recebida da Revolução Russa. Ele também é parte de um esforço que os anarquistas vinham tendo para fundarem uma organização para dirigir suas ações.

<sup>65</sup> Anarquista argentino que veio para o Brasil. Cf RODRIGUES, Edgar. Os *Companheiros* 2. In: <http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHistoriaSocialEdgarRodrigues/compE.htm>. acessado em 09/10/2015 às 11.18.

<sup>66</sup> CROCCI, E. Romano. *Pelo Comunismo*. *Spartacus*. 02/08/1919, n°1, p. 3.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> *Ibidem*. Frase semelhante é atribuída a Marx: “De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades!”. MARX, Karl. Crítica ao Programa de Gotha. In: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/gotha.htm>. Acessado em 13/10/2015 , às 15:12. Essa citação também é utilizada pelos que se definem anarco-comunistas.

<sup>69</sup> *Ibidem*. Os seguidores de Bakunin, chamados coletivistas, adotavam um lema mais parecido com a citação de Crocci: “«de cada um, de acordo com as suas possibilidades e a cada um, de acordo com o seu trabalho”, apesar de Bakunin nunca ter dito esta frase, mas ser uma compilação das idéias de Bakunin feito por seus seguidores. Cf: MARCOS, Valéria de. USP: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, março de 2005, p. 8525. In: [http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Valeria\\_flg0563/1s2015/MARCOS\\_Valeria\\_de.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria_flg0563/1s2015/MARCOS_Valeria_de.pdf). Acesso em 13/10/2015 , Às 15:19.

tinham sua própria definição de comunismo. Porém, esta visão também não era a mesma para todos os anarquistas.

Interessante também notar nesta edição, na página 3, mesma página de publicação do artigo *Pelo Comunismo* de Crocci, a divulgação da venda de uma brochura escrita por Edgard Leuenroth<sup>70</sup> e Hélio Negro, intitulada *O Que é Maximismo ou Bolchevismo*. Esta brochura escrita em 1919 definia o “maximismo” como etapa máxima da revolução social, demonstrando o apoio do anarquista Edgard Leuenroth ao bolchevismo. Ainda há no final do jornal a reprodução de uma carta escrita por Lênin em 1918 para os trabalhadores da América do Norte. Ele termina a carta dizendo: “A revolução proletária mundial é uma necessidade (...). Ânimo, pois, companheiros, que somos invencíveis<sup>71</sup>”.

O tema comunismo volta a ser debatido na terceira edição do jornal. Além do texto de José Oiticica sobre princípios e fins do comunismo, onde Oiticica fazia duras críticas ao Estado, há um texto de Antonio Fernandes<sup>72</sup>, intitulado *A Revolução*. No texto é feita a pergunta: “quando teremos nós a revolução comunista no Brasil?<sup>73</sup>”. Ele responde que “já estamos num período de franca beligerância contra o Capital e o Estado<sup>74</sup>”. Para ele, a revolução comunista não pode ser resolvida em conspirações românticas. A revolução no Brasil é discutida abertamente, e não em grupos conspiratórios.

Há uma crítica, apesar de tímida, ao socialismo de Estado que vem se desenvolvendo na Europa. Ele utiliza este termo “socialismo de Estado” para diferenciar o que ele propõe que é a revolução comunista. Para Antonio, o socialismo de Estado na Europa criou obstáculos à marcha do comunismo:

Vencedor o movimento comunista nos países europeus, onde o socialismo de Estado chegou a criar raízes nas massas populares, causando obstáculos à marcha do comunismo, no Brasil será relativamente fácil o triunfo definitivo de nossa luta,

---

<sup>70</sup> “Tipógrafo, editor, jornalista. Anarquista. Foi um dos principais dirigentes anarquistas de São Paulo (...). Atuou sobretudo em São Paulo, mas entre 1900 e 1910, atuou no Rio de Janeiro, onde passou longa temporada. Depois de seu apoio inicial à Revolução Russa, passou a criticar os bolcheviques através de *A Plebe* desde o final de 1920. Continuou até o fim da vida partidário do anarquismo”. In: BATALHA, Cláudio. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, pp. 88-89.

<sup>71</sup> MENSAGEM DE LÊNINE AOS TRABALHADORES AMERICANOS. *Spartacus*, 02/08/1919, n° 1, p. 4.

<sup>72</sup> Referência a Antonio Fernandes em Cláudio Batalha: “Delegado do Centro dos Operários das Pedreiras, do Rio de Janeiro, ao 3° Congresso Operário Brasileiro, em 1920”. Cf BATALHA, Cláudio H. M. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. Militantes e Organizações*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 61.

<sup>73</sup> FERNANDES, Antonio. *A Revolução*. *Spartacus*. 16/08/1919, n° 03, p. 2.

<sup>74</sup> *Ibid.*

porque não teremos de vencer as dificuldades causadas pelos revolucionários de última hora<sup>75</sup>.

Este problema não ocorreria no Brasil, pois aqui os campos estão divididos em dois: “os revolucionários que defendem o comunismo anarquista, com a maioria dos trabalhadores que são simpatizantes desse ideal e os conservadores, que tem seu ponto de apoio, principalmente, na organização internacional do sistema capitalista<sup>76</sup>”. Assim, dá para se entender que o que ele busca é diferente do que ocorreu na Rússia, pois enquanto lá se implantou o socialismo de Estado, o que se pretende aqui é o comunismo anarquista. Antonio Fernandes diferencia desta forma o que ele defende, que é o comunismo anárquico, do que vem ocorrendo nos países do leste europeu, que é o socialismo de Estado.

Conforme observamos nessas matérias, o comunismo apresentado aqui é o comunismo libertário. Este comunismo está ligado a valores morais e realizará a sociedade anárquica. Esse comunismo não se baseará no Estado. O Comunismo está longe de ser uma reivindicação somente de cunho marxista. Kropotkin o reivindicava em *A Conquista do Pão*. Entre outros teóricos anarquistas que se intitulavam comunistas estavam Elisé Reclús, Max Nettlau, Rudolf Rocker, Nestor Maknó e Errico Malatesta. Mas ainda há variações de interpretações para a realização deste comunismo. Dentro deste campo é aceitável discordar sob aspectos como: proletariado, métodos para a revolução – armada ou não, e sobre o fato de que o comunismo seria realizado por meio de uma revolução ou evolução.

### **1.1 - Movimento anarquista e sindicalismo**

A historiografia do movimento operário na primeira república tendeu a nomear o movimento anarquista deste mesmo período de anarcossindicalismo. Segundo essa historiografia, o movimento operário era composto majoritariamente por anarcossindicalistas. Desta forma, o programa de uma classe era confundido com o programa de uma ideologia política. O historiador Moniz Bandeira afirmará que “a partir do Congresso Operário de 1906, no qual se fundou a Central Operária Brasileira (COB), inspirada na CGT francesa, os anarcossindicalistas assumiram a liderança das massas<sup>77</sup>”. Porém, Bandeira ainda reconhecia que nem “todas as associações operárias estavam sob seu controle<sup>78</sup>”.

---

<sup>75</sup> Ibid.

<sup>76</sup> Ibid.

<sup>77</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 203.

<sup>78</sup> Ibid.



A posição de anarquistas como predominantes no movimento operário será reafirmado por Boris Fausto em *Trabalho Urbano e Conflito Social*. De acordo com Fausto, “Os anos de 1917-1920 serão os anos do apogeu do anarquismo e de sua crise. Centro do debate ideológico, os libertários prevalecerão no movimento operário<sup>79</sup>”. O anarcosindicalismo como tendência majoritária no meio operário será também defendido por Sheldon Leslie Maram<sup>80</sup>, que afirma que “Os anarcossindicalistas dominavam o movimento anarquista no Brasil” e por Carlos Addor<sup>81</sup>. Este autor acredita na hegemonia dos anarquistas no movimento operário brasileiro. Mas faz ressalvas. Afirma que “a hegemonia anarquista é mais nítida, mais clara, mais visível em São Paulo do que no Rio de Janeiro”.

Addor acredita que “o predomínio dos anarquistas não se apresenta da mesma forma ou com a mesma intensidade nos maiores centros urbanos do país”. Segundo o autor, um indicador da hegemonia anarquista no meio operário seria o fato de que “são militantes libertários os principais organizadores dos mais representativos Congressos Operários realizados no Brasil nesse período e, em segundo lugar, as principais teses ou resoluções aprovadas nesses congressos expressam claramente a posição anarquista em relação ao movimento sindical, ou seja, tem claro conteúdo anarco-sindicalista”. Visão que contrapõe a hegemonia do anarquismo na classe operária é a de Paulo Sérgio Pinheiro. Ele escreve: “A avaliação de influência real do anarco-sindicalismo na classe operária coloca inúmeros problemas. Os sindicatos eram precários e nunca abrangeram mais do que uma pequena percentagem da classe operária – nem todos os sindicatos eram anarco-sindicalistas<sup>82</sup>”. Pinheiro utiliza o termo “anarco-sindicalismo”, mas acredita que estes não pretendiam controlar o movimento operário e nem eram maioria dentro do movimento.

Dois trabalhos que trataram de desmitificar a hegemonia do anarquismo no movimento operário são os trabalhos de Cláudio Batalha e Edilene Toledo. Esses trabalhos abandonam o termo “anarcossindicalismo” e fazem uma diferenciação entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário. De acordo com Claudio Batalha, o movimento operário durante a primeira república era muito mais heterogêneo. De acordo com Batalha, prevaleceram no movimento operário, diversas correntes ideológicas, das quais ele destaca os partidos

---

<sup>79</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 174.

<sup>80</sup> MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 78.

<sup>81</sup> ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, PP. 91-92.

<sup>82</sup> PINHEIRO, Paulo Sérgio. O Proletário Industrial na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: III. O Brasil Republicano. 2. Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, p. 151.

socialistas que defendiam um “programa de reformas”. Existiam também os anarquistas que começam a se difundir “através de grupos de propagandas e periódicos”. Segundo Batalha, “o ideário comum dos anarquistas passava, entre outros aspectos, pelo antiestatismo, pelo federalismo, pela recusa da luta político-parlamentar, pelo anticlericalismo e pela rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo<sup>83</sup>”. Ele ainda cita outras correntes que são “menos visíveis” no meio operário, como o positivismo, cooperatismo e a corrente católica.

Sobre o sindicalismo, ele destaca a existência de duas correntes principais: o sindicalismo revolucionário e o sindicalismo reformista. Discordando de Carlos Addor, que acredita ter o Congresso Operário de 1906 inclinações “anarcossindicalistas”, Batalha acredita que este congresso se baseará nas linhas do sindicalismo revolucionário, também chamado de sindicalismo de ação direta. Este sindicalismo, adotando o modelo político da Confederação Geral do Trabalho Francesa, fundava-se

na rejeição de intermediários no conflito entre trabalhadores e patrões, na condenação da organização partidária e da política parlamentar, na proibição da existência de funcionários pagos nos sindicatos, na adoção de direções colegiadas e não-hierárquicas, na reprovação dos serviços de assistência dos sindicatos, na recusa da luta por conquistas parciais, na defesa da greve como principal forma de luta, apontando para a greve geral<sup>84</sup>.

Batalha aponta que a principal diferença do sindicalismo revolucionário com o anarquismo é “atribuir ao sindicato o papel de embrião da sociedade futura e à greve geral, o de único instrumento para a realização da revolução social<sup>85</sup>”. Mas Batalha reconhece que o sindicalismo revolucionário em suas origens francesas recebeu influência do anarquismo e que seus “mentores” provinham do movimento operário.

A importância do trabalho de Batalha nesta pesquisa é desvincular o anarquismo do sindicalismo revolucionário. Até então se confundiam as duas doutrinas. Apesar do termo sindicalismo revolucionário já ser usado antes pela historiografia, ele era classificado como uma vertente do anarquismo sob o título de anarcossindicalismo. A historiadora Edilene Toledo se aprofundará no tema do sindicalismo revolucionário. De acordo com esta historiadora,

---

<sup>83</sup> BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 24.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 30.

O sindicalismo revolucionário foi, assim, um esforço de construção de uma identidade operária, de classe, capaz de superar outras identidades. Foi também a defesa da unidade da classe trabalhadora, ou seja, da presença de todos os trabalhadores, de qualquer tendência, nos sindicatos. Outro aspecto fundamental foi o esforço de associar a luta cotidiana por melhores condições de vida e trabalho a uma perspectiva a longo prazo de construção de uma sociedade em que a propriedade coletiva seria gerida pelos trabalhadores por meio dos sindicatos<sup>86</sup>.

Edilene Toledo acredita que o sindicalismo revolucionário mescla idéias socialistas e anarquistas e reúne militantes de diversas tendências políticas<sup>87</sup>. Toledo conclui que “embora haja semelhança com algumas das propostas anarquistas, o sindicalismo revolucionário não é sinônimo de anarquismo nem pode ser reduzido a ele<sup>88</sup>”.

Compartilhamos aqui neste trabalho as interpretações de Claudio Batalha e de Edilene Toledo sobre o movimento operário durante a primeira república. Acreditamos ser o anarquismo e sindicalismo revolucionário coisas distintas, apesar das aproximações entre as duas correntes. Consideramos o termo “anarcossindicalista” inadequado para classificar os militantes anarquistas do período. Grande parte dos anarquistas acreditavam na participação dos sindicatos como método de luta, mas negavam o papel do sindicato como gênese da sociedade futura. Mas, mesmo assim, a aproximação entre os anarquistas e os sindicalistas foi intensa, como pudemos notar ao longo dos jornais analisados.

Essa discussão acerca dos sindicalistas revolucionários e anarquistas se torna importante, pois acreditamos ser a participação dos anarquistas no sindicalismo um dos principais motivos para o apoio dado aos anarquistas à Revolução Russa. A crença na Revolução Russa como uma revolução feita por trabalhadores e que era benéfica para a classe operária foi um dos principais fatores que levaram os anarquistas a se mostrarem favoráveis a este acontecimento, e pretendemos demonstrar isso nos próximos capítulos. Inimigos em comum com os anarquistas, como a burguesia, a guerra e o capitalismo internacional são outros fatores de importância. Desta forma, se não entendermos que no Rio de Janeiro durante o período de 1917 a 1922 os anarquistas optavam por se aproximarem do movimento sindical, também não entenderemos as razões das declarações a favor da revolução.

---

<sup>86</sup> TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário. Trabalhadores e Militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004, p. 13.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Ibid.

## CAPÍTULO II: A REVOLUÇÃO RUSSA NA IMPRENSA DE 1917 A 1919

### 2.1 - Os jornais anarquistas do Rio de Janeiro entre 1917 e 1922

Maria Nazareth Ferreira, ao falar de imprensa operária, cita-a como inteiramente ligada ao movimento operário, no sentido em que está ligada a história operária e a construção deste movimento. Isso significa que essa imprensa não era apenas um veículo de comunicação ou um meio cultural de um grupo. Era parte do movimento, essencial para construção de uma classe, ou, no caso, de um grupo político, como os anarquistas.

A utilização do jornal como veículo de comunicação foi de grande proveito para a organização da classe trabalhadora brasileira. Basta averiguar a intensa rede de jornais que surgiu com a fundação das ligas e uniões e a grande tiragem que estes jornais atingiam nos períodos que antecederam aos movimentos grevistas. Em todos os acontecimentos relevantes que empolgaram os trabalhadores brasileiros o jornal mostrou-se o principal veículo de comunicação. Através de suas páginas a liderança operária orientava as massas trabalhadoras.<sup>89</sup>

Creemos então na importância de análise dos periódicos anarquistas para entendermos as interpretações desse grupo sobre um determinado acontecimento. No caso em específico: a Revolução Russa. O grande número de jornais anarquistas no Rio de Janeiro demonstra que este era um importante instrumento de propagação de suas idéias. Foi onde se deu o debate e apareceram as mais variadas opiniões sobre a Revolução na Rússia. Agora nos cabe apresentar os periódicos anarquistas que tiveram existência durante o período entre 1917 a 1922.

Começaremos pelo jornal *O Cosmopolita*. Este é, segundo sua descrição, um “Órgão dos Empregados em Hotéis, restaurantes, cafés e bares” – como está indicado em cada número do jornal logo abaixo do Título. O primeiro número de *O Cosmopolita* foi lançado em 28 de Outubro de 1916, e neste mesmo número estava uma nota editorial que informava ser um “jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores<sup>90</sup>”. Pretendiam com o periódico chamar o trabalhador “a ocupar o posto de luta que as injustiças de que é vítima lhes assinalam na sociedade atual”. Consideravam a sociedade capitalista como “complicada” e “autoritária”. E para defender as “necessidades da classe” – trabalhadora – contam “com o concurso eficaz e imprescindível da coletividade”. Neste editorial não vemos menção ao anarquismo. Mas é possível observar um caráter revolucionário ao final do texto, ao lermos: “Si o quereis potente e altivo, a vibrar golpes de sua critica impiedosa contra a opressão,

---

<sup>89</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 15.

<sup>90</sup> O GRUPO EDITOR. Nosso Rumo. *O Cosmopolita*. Rio de Janeiro. 28/10/1916, nº 1, p. 1.

contribuindo como um alvião a demolir o velho mundo de iniquidades, ajuda-nos! Vinde ao nosso encontro nessa ingente obra de emancipação”.

No nº4 do jornal, em uma matéria onde apresentam suas reivindicações, se mostram adeptos à luta de classes. Podemos ler: “a sociedade atual está dividida em duas classes de interesses antagônicos e inconciliáveis, uma a quem pertencem os que possuem sem trabalhar, os capitalistas; outra a que pertencem os que trabalham sem possuir – os proletários<sup>91</sup>”.

À frente podemos ler que apesar da utilização do termo “luta de classes”, este grupo não considerava o Estado como um objetivo a ser conquistado e nem o partido como forma de organização e luta. Assim diz o texto:

Organizemo-nos, mas tomemos como instrumento poderoso de nossa emancipação o sindicalismo, único método de luta que pode levar o proletariado à conquista integral de seu bem estar. Mas, ao organizarmo-nos como assalariados, para oferecermos resistência à exploração capitalista devemos prescindir dos formalismos e dos preconceitos da sociedade política em que vivemos e à qual combatemos<sup>92</sup>.

Este jornal, como órgão do *Centro Cosmopolita*<sup>93</sup>, possuía aspectos do sindicalismo revolucionário. Este jornal também apoiou a corrente libertária na disputa pela diretoria do Centro Cosmopolita em julho de 1918, que era composta por Raimundo Martins<sup>94</sup>. Apesar de não ser um jornal declaradamente anarquista, achamos necessária a inclusão deste periódico neste trabalho, pois os anarquistas do período também atuavam dentro dos sindicatos<sup>95</sup> e tinham espaço dentro deste jornal. Neste jornal há artigos tanto de sindicalistas revolucionários quanto de anarquistas. A proximidade entre os jornais operários e anarquistas era grande neste período e havia uma cooperação mútua entre sindicalistas revolucionários e anarquistas nesses jornais. Como afirma o historiador Marcos Aurélio Santana Rodrigues:

---

<sup>91</sup> APRESENTAMO-NOS para as nossas reivindicações. O Cosmopolita. Rio de Janeiro. 15/11/1916, nº 4, p. 1.

<sup>92</sup> Ibid.

<sup>93</sup> Fundado em 31 de julho de 1903. De acordo com Batalha: “Reunia empregados em hotéis, cafés, confeitarias, chopes e casas particulares, inicialmente tinha caráter apenas assistencial e de colocação. Em julho de 1906, solicitou o registro no 1º Ofício de Títulos e Documentos e teve seus estatutos publicados no diário Oficial nos termos do decreto nº 173, de 10 de setembro de 1893. (...) Em março de 1917, priorizou a luta pelo cumprimento da jornada de 12 horas de trabalho, com descanso semanal. (...) Em 1918, aderiu à União Geral dos Trabalhadores, criada no mês de abril. Em Julho daquele mesmo ano, passou por uma disputada eleição de diretoria, na qual cinco chapas concorriam. A principal chapa de oposição, presidida por Raimundo Rodrigues Martins e próxima da corrente libertária, era apoiada pelos redatores do jornal *O Cosmopolita*. Segundo esse jornal, a chapa teria sido vitoriosa na eleição realizada em assembléia geral de 12 de julho, porém, uma manobra do presidente da sessão, Jesus Bonzon Ricón, teria conduzido à anulação da eleição (...). Em 1923, era um dos sindicatos no campo de influência do PCB. Cf: BATALHA, Cláudio H. M. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. Militantes e Organizações*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009, pp. 201-203.

<sup>94</sup> Ibid.

<sup>95</sup> Tanto que se convencionou chamar esse sindicalismo da primeira república de anarco-sindicalismo pela historiografia clássica do movimento operário.

Muitos periódicos da imprensa operária da década de 1910, no Rio de Janeiro, tiveram o discurso anarquista nas suas linhas, assim como a própria orientação dos movimentos operários expressa em vários sindicatos e associações operárias. Se por um lado os periódicos anarquistas estavam preocupados em discutir as questões sociais e do mundo do trabalho, por outro lado os periódicos operários de influência anarquista estavam mais preocupados com questões pontuais que se relacionavam com as demandas e com os cotidianos das próprias categorias de trabalhadores<sup>96</sup>.

De acordo com Rodrigues, há uma relação entre os jornais operários e os anarquistas. Os dois estavam preocupados com questões do trabalho. E os jornais operários recebiam uma “influência anarquista”. Cremos então que estes aspectos justifiquem a adesão do periódico *O Cosmopolita* aqui neste trabalho.

Outro periódico que será utilizado por nós neste trabalho é o *Crônica Subversiva*. Esta é uma folha individual escrita unicamente por Astrojildo Pereira, futuramente fundador do PCB. Astrojildo Pereira era um anarquista que acreditava na atuação dos anarquistas nos sindicatos. Depositava as esperanças de transformação da sociedade no trabalhador fabril. Sua propaganda se destinava aos operários e acreditava no sindicato como método transformador.

Astrojildo já era conhecido nos meios dos jornais anarquistas antes de fundar o *Crônica Subversiva*. Foi colaborador do jornal *Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira. Foi editor da revista anarquista *A Vida* na década de 1920 e colaborou com os jornais *O Cosmopolita*, *Guerra Social* e *Spártacus*, todos de tendência sindicais ou anarquistas.

Segundo o historiador Hélio de Lena Júnior, o jornal *Crônica Subversiva* tem dois objetivos: primeiro informar o operário sobre o que ocorre nos centros industriais e, segundo, preparar o proletário para a tão sonhada revolução social<sup>97</sup>. Revolução essa que Astrojildo acredita ser de caráter anarquista.

No primeiro número da publicação do jornal, Astrojildo se declara como um anarquista:

Militante apaixonado da anarquia, inimigo irremediável da autoridade, sob todas as suas formas de manifestações, eu combaterei, com esta pequena clava, o bom

---

<sup>96</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. Anarquismo e Imprensa Operária do Rio de Janeiro na Primeira República. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMENICIS, Rafael (orgs). *História Do Anarquismo no Brasil Vol. 2*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 179.

<sup>97</sup> JÚNIOR. Hélio de Lena. *Astrojildo Pereira: Um intransigente libertário (1917 – 1922)*. Dissertação (Mestrado em História). Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999, p. 47

combate libertário, no intuito único de concorrer com o meu modesto esforço na formidável obra da Revolução Social<sup>98</sup>.

Sobre o Jornal, ele informa:

O seu escopo é simples e o seu programa contém no seu próprio título: ele será, cada sábado, uma crônica subversiva dos fatos e das coisas, das idéias e dos sentimentos que agitaram ou encheram os sete dias precedentes. Um só critério me guiará, no fundo e na forma: o meu critério<sup>99</sup>.

Astrojildo coloca a anarquia como solução para os problemas sociais. Entre os problemas, a fome é um dos que podem ser resolvidos através da anarquia. “A única solução positiva, eficaz, verdadeira, para a fome, é a solução anárquica: a apropriação por parte dos famintos, dos gêneros que faltam nas cozinhas dos pobres<sup>100</sup>”. A anarquia também é um critério presente na análise da Revolução Russa. Anarquismo este que está envolvido sempre com questões trabalhistas. Em diversos textos, Astrojildo se preocupa em falar das greves de trabalhadores e sobre a situação dos trabalhadores tanto no Brasil quanto na Europa.

Em relação ao periódico *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, este possui duas edições lançadas: uma em fevereiro de 1918 e outra em março do mesmo ano. A Aliança Anarquista do Rio de Janeiro é formada no dia 20 de janeiro de 1918 e tinha como objetivo reunir esforços para propagar a anarquia<sup>101</sup>. São lançados dois boletins por esta aliança. Em seu primeiro número se lê: “A aliança anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito e comum das agrupações libertárias: é antes de tudo um órgão de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupos ou não<sup>102</sup>”.

Já o periódico *Spartacus* possui 24 números e foi publicado entre dois de agosto de 1919 e 10 de janeiro de 1920. O jornal *Spartacus* é fundado pelo anarquista José Oiticica e teve a colaboração de Astrojildo Pereira, Santos Barbosa, I. d’Avilla, Izauro Peixoto, Adolfo Busse, Salvador Alacid e Cruz Júnior<sup>103</sup>. Sobre o Jornal, a historiadora Cristina Aparecida

---

<sup>98</sup> PEREIRA, Astrojildo. “Crônica Subversiva”. *Crônica Subversiva*. 01/06/1918, nº 1, p.1

<sup>99</sup> Ibidem

<sup>100</sup> ibidem

<sup>101</sup> ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 135.

<sup>102</sup> Aliança Anarquista do Rio de Janeiro. *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 02/1918, nº01, p. 1.

<sup>103</sup> FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. A revista A Vida e o jornal Spartacus: espaços sociais de produção e circulação de idéias e práticas da educação libertária. *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza*, 2009. In: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1125.pdf>, p. 7. Acesso em: 15 de setembro de 2015 às 17:33.

Reis Figueira informa que “a sua publicação era uma ação de resistência desencadeada contra a dura repressão policial do período e também indicava que o seu público era o proletariado<sup>104</sup>”. O historiador Marcos Aurélio Santana, autor da tese *Pelas Páginas dos Periódicos: comparando práticas discursivas anarquistas no Rio de Janeiro entre 1989 e o início da década de 1920*, afirma que em *Spartacus*

Foram publicados artigos sobre: “luta de classes”, prisão de trabalhadores, democracia nos Estados Unidos, Congresso Internacional Sindicalista em Amsterdam, conto sobre diálogo entre Deus e um ferreiro, festivais, comitê anticlerical, “comunismo libertário”, ação proletária, “revolução social” na Inglaterra – com fotografia de movimentos nas ruas -, notas sobre o Partido Comunista do Brasil, criado por anarquistas em 1919, divulgação de brochuras de “propaganda” e, ao final, mensagem de Vladimir Lênin aos trabalhadores americanos. Portanto, diante desses indícios, tanto dos textos quanto dos editores, é possível considerar *Spártacus* como um periódico anarquista<sup>105</sup>.

Usando este critério, também trataremos aqui o Jornal *Spartacus* como um periódico anarquista. O nome *Spartacus*, de acordo com a matéria introdutória presente no primeiro número do jornal, escrito pelo próprio José Oiticica, se refere ao gladiador que liderou a maior revolta de escravos em Roma. “*Spartacus* e seus companheiros *CRIXUS* e *ENOMAUS* representavam a nobreza humana, a revolta contra a infâmia, a não conformidade com o cazarismo, o repúdio dos exploradores<sup>106</sup>”. Possivelmente, o nome também faz referência a liga espartaquista da Alemanha, grupo comunista liderado por Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Karl Liebknecht (1871-1919). Grupo que em 1918 levaria a criação do Partido Comunista Alemão<sup>107</sup>.

Adentrando a década de 1920, começaremos com o periódico *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*. Este periódico possui apenas três edições de fins de dezembro de 1920 a janeiro de 1921. No que pude verificar, este periódico é citado em poucas teses e dissertações, e maior atenção a ele somente é dada em alguns trabalhos que serão citados conforme forem necessários. O Jornal *Renovação* pertence ao grupo *Renovação* como

---

<sup>104</sup> Ibid.

<sup>105</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas Páginas dos Periódicos: comparando práticas discursivas anarquistas no Rio de Janeiro entre 1989 e o início da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 50.

<sup>106</sup> OITICICA, José. *Spartacus*. *Spartacus*, 2/08/1919, n° 1, p. 1.

<sup>107</sup> Sobre a Liga espartaquista e Revolução Alemã, Cf: ARAÚJO, George. *Uma Revolução Que não deve ser esquecida*. *Revista História Social*, ISSN: 2178-1141, n. 17, segundo semestre de 2009. In: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/273/248>. Acesso em: 27/02/2016 às 18:33.



está escrito na capa de sua primeira edição. Seu título levava o nome *Communist*<sup>108</sup> e em sua matéria de apresentação, no primeiro número, diz defender a Revolução Russa e, com certas ressalvas, a ditadura do proletariado.

Na dissertação de mestrado de Wellington Barbosa Nébias intitulada de *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro*, o grupo *Renovação*, que está à frente do jornal *Renovação: Quinzenário Sindicalista e comunista* é classificado como um grupo anarquista<sup>109</sup>. O mesmo ocorre na dissertação de Teresa Vitória Fernandes Alves, intitulada de *O Graphico: Representações da vida e da sociedade do Brasil na primeira república*<sup>110</sup>. A autora chama o grupo *Renovação* de “grupo anarquista renovação”.

Porém, vemos que a tentativa de classificação deste periódico como anarquista não é tão simples. Na matéria de introdução, na segunda página, intitulada de *Nossa Bandeira*, os integrantes do grupo *Renovação*, se dizem “adeptos fervorosos do sindicalismo revolucionário, da luta directa e implacável da classe proletária contra a exploração capitalista<sup>111</sup>”. Desta forma, não se identificam como anarquistas ou libertários. Ainda sobre a ditadura do proletariado, dizem: “Adotando a orientação doutrinária dos comunistas russos para a vitória integral das classes trabalhadoras manifestamo-nos desde já partidários entusiásticos da ditadura do proletariado. Encontramos a ditadura como uma situação transitória, conseqüente do próprio desenvolvimento da revolução, da sua defesa contra a inevitável reação das classes burguesas expropriadas dos seus privilégios<sup>112</sup>”.

Julgando por esta apresentação contida na segunda página da primeira edição do jornal, tenderíamos a classificar o periódico como adepto do comunismo e da orientação bolchevista russa. Porém, logo adiante, ainda na mesma página, encontramos uma matéria na sessão *Notas e comentários* repudiando o regime que se instaurava na Rússia, afirmando que os “politiqueiros bolchevistas” transformaram a Rússia em um regime de opressão e, na

---

<sup>108</sup> O comunismo é reivindicado por varias correntes de esquerda. No dicionário de política de Norberto Bobbio temos sete páginas dedicadas a este conceito. Neste dicionário estão listados o comunismo platônico, o comunismo cristão, as utopias comunistas de Thomas Moore, ideais comunistas na revolução inglesa, o Babuismo, as escolas socialistas chamadas por Engels de socialistas utópicos e o comunismo Marxista. (BEDESCHI, Giuseppe. *Comunismo*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política A-Z*. Editora UNB: 11°, 1998. Versão Digital, disponível em: [http://www.filozar.com.br/Dicionarios/Dicionario\\_De\\_Politica.pdf](http://www.filozar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf)). Ainda podemos citar o chamado comunismo anárquico de P. Kropotkin, anarquista russo.

<sup>109</sup> NÉBIAS, Wellington Barbosa. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate das associações de trabalhadores*. Dissertação (Mestrado em História). UFRJ: Rio de Janeiro: 2009, p. 84.

<sup>110</sup> ALVES, Teresa Vitória Fernandes, *O Graphico: Representações da vida e da sociedade do Brasil na primeira república*. Dissertação (Mestrado em História). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007, p. 88.

<sup>111</sup> NOSSA BANDEIRA. *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*. Nº1, 16/12/1920, p. 1.

<sup>112</sup> DICTADURA DO PROLETARIADO. *Op. Cit.*, p. 2

página seguinte, uma nova matéria criticando a ditadura do proletariado, assinado por A. Correa. Cremos então que apesar do jornal não se identificar claramente como anarquista (através de um editorial), não era necessariamente comunista, possuindo diversas formas de pensamento, com diversos autores escrevendo matérias com opiniões diferenciadas sobre o mesmo assunto, merecendo assim ser analisado.

Voltando a matéria de apresentação, está contida a informação de que *Renovação* “será uma *Clarté* de pensamento e de opinião. Todos os verdadeiros revolucionários para a explanação de suas idéias terão carinhosa e solícita acolhida em nossas colunas”<sup>113</sup>. Sendo assim, mesmo o grupo *Renovação* tendo se manifestando a favor da ditadura do proletariado e não se intitulado anarquista, no jornal *renovação* é aceito as opiniões dos “verdadeiros revolucionários”. Entre esses verdadeiros revolucionários, pelas matérias que pude observar presentes no jornal, estão aqueles que se consideram anarquistas, como o caso de A. Corrêa e são contrários ao Estado bolchevique. Pretendo aqui analisar os jornais em sua integridade, e não só por meios de editoriais ou colunistas oficiais e regulares do jornal. Por este motivo, incluo este jornal neste trabalho.

As duas dissertações que mais se dedicaram ao jornal são as de Tiago Bernadon de Oliveira, intitulada *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil* e a de Marcos Aurélio Santana Rodrigues, com o título *Pelas Práticas dos Periódicos: comparando práticas discursivas Anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o início da década de 1920*.

Segundo Tiago Bernadon,

O Grupo Social *Renovação*, portanto, é claro ao admitir a ditadura do proletariado como método legítimo de luta. E apesar de defender a priorização da ação direta dos trabalhadores, através dos sindicatos, libera os seus membros, individualmente, a decisão de lançarem-se a luta parlamentar, com a ressalva de que fossem observadas as resoluções do II Congresso da III Internacional. Isso fazia desse grupo um grupo não anarquista? Não exatamente. O subtítulo do jornal dizia ser um quinzenário sindicalista e comunista, o que, naquele momento, podia indicar anarquistas que se utilizaram dessa denominação para mostrar-se de acordo com o movimento russo<sup>114</sup>.

Na dissertação de Marcos Aurélio Rodrigues o periódico *Renovação* é citado em diversas páginas. Na parte onde o autor se dedica a falar de sindicatos, escreve que o grupo *Renovação* é partidário de um sindicalismo que difere dos anarquistas. No tópico sobre

---

<sup>113</sup> Ibid.

<sup>114</sup> OLIVEIRA, Tiago de Bernardón. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). UFF: Niterói, 2009, p. 161.

ditadura do proletariado, Rodrigues destaca as divergentes opiniões sobre a mesma contidas no jornal. De acordo com Rodrigues, “os editores diziam que ela era sindicalista e comunista, mas na verdade acabou abrigo embates entre anarquistas e bolchevistas em torno dos rumos do sindicalismo<sup>115</sup>”.

Essas diferentes visões apresentadas sobre o periódico nos mostra como ele é interpretado pela história do movimento operário. Cremos, então, que, apesar do jornal, através de sua carta de apresentação, se mostrar partidário da ditadura do proletariado, não significa, como já dito por Tiago Bernardon, que o jornal não seja necessariamente anarquista. Na verdade, é um periódico onde temos diversas opiniões expressadas nas diferentes matérias, sendo diversas delas sobre questões da Revolução Russa.

Dois periódicos lançados em 1922 são o *Boletim América Aliada* e o *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista*. O periódico *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista*<sup>116</sup> possui apenas dois números deste jornal disponíveis para consulta. O número 4 e o número 6. O quarto é de fevereiro de 1922 e o sexto corresponde a abril de 1922. Este traz a palavra “anarquista” em seu título. Sobre ele, Santana Rodrigues escreve que: “Renovação combateria o comunismo bolchevista e afirmaria o comunismo anarquista, se posicionando contra o autoritarismo<sup>117</sup>”.

O *Boletim América Aliada*<sup>118</sup> possui somente um número, publicado em março de 1922. Na capa está escrito: “Orgão de defesa e orientação proletárias de maior circulação na America e Europa”. Entre os principais temas tratados estão o “comunismo”, “anarquismo” e “Revolução Russa”. Não há informações sobre este periódico nas teses, dissertações e bibliografia por mim analisadas. De acordo com o que pudemos observar deste periódico, ele é sindicalista, não aderindo declaradamente ao programa anarquista, mas há algumas menções ao anarquismo em alguns textos contidos neste número<sup>119</sup>. Diferente dos outros periódicos aqui analisados, este é internacional com edições em português, espanhol, inglês e italiano, e tem sua direção e a administração central em Buenos Aires e a nacional do Rio de Janeiro. Na capa informa que está destinado “para os obreiros e empregados que comuniquem o ofício e

---

<sup>115</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas páginas dos periódicos: comparando práticas discursivas anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e início da década de 1920*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 60.

<sup>116</sup> De acordo com Edgar Rodrigues, “Primeiro número em outubro de 1921, do cabeçalho constava o nome de Elvira Boni, porém era dirigida por Marques da Costa”. RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social*, Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p. 443.

<sup>117</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana, *Op. Cit.*, p. 53.

<sup>118</sup> AMÉRICA ALLIADA. 03/1922.

<sup>119</sup> Aprofundaremos as matérias deste periódico no 3º capítulo.

que professam e a casa onde trabalham<sup>120</sup>”. A iconografia é bastante presente no jornal e existem diversas gravuras sobre a Revolução Russa ao longo desta edição. Todas trazendo uma visão negativa dos líderes bolcheviques através de charges.

Desta forma, os jornais *O Cosmopolita*, *Crônica Subversiva*, *Spartacus*, *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*, *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista* e *América Aliada* constituem os sete periódicos anarquistas analisados nesta dissertação. Eles foram publicados no Rio de Janeiro entre o período de 1917 a 1922. Alguns duraram anos e, outros, alguns meses, enquanto alguns possuem só poucas edições. Uns com tendência mais sindicalista revolucionária do que anarquista, mas que se mostram importantes por aproximações e por abrirem espaço a anarquistas nas páginas dos jornais.

## 2.2 – Primeiras impressões: o caráter da Revolução.

Começamos com novembro de 1917. A Revolução Russa é lembrada como a Revolução de Outubro pela historiografia. Porém, isto se deve ao fato de o calendário Juliano que vigorava na Rússia em 1917, registrar esse dia como 25 de Outubro enquanto a data no Brasil pelo calendário ocidental era sete de novembro. O período entre 1917 e 1920 foi de intensa atividade para o movimento operário. Diversas greves foram registradas nesse período, que contaram com ativa participação dos anarquistas<sup>121</sup>.

Em junho 1917 em São Paulo, a historiadora Cristina Roquette Lopreato chegou a nomear a agitação operária do período de greve geral “anarquista”<sup>122</sup>. O Rio de Janeiro também teve ecos deste movimento. Em novembro de 1918 no Rio de Janeiro ocorreu o que ficou conhecido como a “insurreição anarquista”, onde um grupo de anarquista, da qual faziam parte Astrojildo Pereira e José Oiticica, conspiraram para realizar um “levante contra o governo”. Ocorreu ainda, no início do mesmo ano, a construção de uma Aliança Anarquista do Rio de Janeiro<sup>123</sup>. Em 1919 houve a criação de um Partido Comunista de caráter libertário, que teve como seu órgão de divulgação o jornal *Spartacus*. Durante todo esse período, aconteceram inúmeras greves operárias no Rio de Janeiro, no quais anarquistas participaram. A questão operária está presente nos diversos periódicos anarquistas do Rio de Janeiro.

---

<sup>120</sup> América Aliada, edição brasileira, março de 1922, p. 1.

<sup>121</sup> ADDOR, Carlos. Anarquismo e Movimento Operário nas três primeiras décadas da República. In: ADDOR, Carlos; DOMINICIS, Rafael (orgs). *História do Anarquismo no Brasil*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, p. 31.

<sup>122</sup> LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta. A Greve Geral Anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

<sup>123</sup> ADDOR, Carlos. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 135.

Neste período, é dada grande atenção ao evento da Revolução Russa, que teve espaço em diversos jornais anarquistas do Rio de Janeiro. A primeira matéria que temos em nossas fontes sobre a revolução Russa se passa sete dias após a tomada de poder pelos bolcheviques, em 15 de novembro de 1917. A Matéria é do Jornal *O Cosmopolita*.

A primeira notícia deste jornal é apresentada com bastante entusiasmo e atribui um caráter à Revolução próximo aos libertários. Apesar de não ter referência à palavra anarquista, Virjilio Korkeis, autor da matéria, acredita que a Revolução entrará no estágio onde serão abolidas as leis e a propriedade privada. O texto começa caracterizando a Revolução Russa, afirmando que “não é apenas a realização dessas chacinas que tem sido a alma de todas as revoluções havidas. O que se passa na Rússia é a luta contra todos os poderes que se queiram constituir<sup>124</sup>”.

De acordo com o texto, os responsáveis pela derrubada do “Estado organizado” são os “revolucionários”. Esses revolucionários seriam os soldados que “gritaram que os seus inimigos não eram os outros soldados, mas sim os burgueses”. O autor acredita não ser possível saber quais rumos tomará a revolução. E também que no atual momento a manutenção do Estado é compreensível. Os “maximalistas” estariam no “justificado momento de conservação-revolucionária”.

Desta forma, podemos entender nesta matéria que a Revolução Russa é uma revolução em particular, algo inédito na visão de Korkeis. Esta não buscaria a manutenção de um tipo de poder, mas ao contrário, lutava contra todos os poderes. O período de manutenção do Estado é um período passageiro e justificável. O rumo que a revolução iria tomar não estava claro, mas Korkeis acreditava que os revolucionários lutavam contra a burguesia e que “querem impedir a organização de qualquer governo”. Termina o texto afirmando ser necessário se preparar “para os primeiros golpes”. Assim, os que querem fazer parte da “conquista da terra para todos” devem se preparar. A Revolução Russa traz a necessidade de que os outros que se consideram revolucionários, como o caso de Korkeis, se preparem também para outra - ou outras - revoluções com os mesmos objetivos.

No texto, há a ausência das palavras anarquia, anarquista, libertária e libertários. Acredito ser essa ausência um indicador de que, apesar de considerar os “maximalistas<sup>125</sup>”

---

<sup>124</sup> KORKEIS, Virjilio. A Revolução na Rússia. *O Cosmopolita*. Rio de Janeiro. 15/11/1917, n° 21, p.1.

<sup>125</sup> Massimalistas ou maximalistas: de acordo com Bongiovanni, “É um termo que ocorre na história do socialismo para designar programas e rumos políticos orientados à completa realização dos ideais socialistas. Começou-se a falar de maximalismo e minimalismo nos fins do século passado (século XIX), nos debates levantados no seio da social-democracia alemã (...). Hoje o termo parece ter perdido as primitivas raízes históricas, tornando-se sinônimo de intransigência ideológica e de aspereza na luta política de esquerda. Fica-lhe, porém, a conotação negativa, a denúncia de ações políticas sem resultado concreto, puramente demonstrativas.”

como inimigos do “Estado organizado” e caracterizar a revolução como uma luta contra todos os poderes, a palavra “anarquista” não se era apropriada para se caracterizar esta revolução. A luta contra o Estado não era neste período uma luta de exclusividade anarquista. Os sindicalistas revolucionários também se colocavam contra o Estado e tinham a burguesia como seu inimigo. O mesmo que ocorria na Revolução Russa, de acordo com o pensamento de Korkeis. O fato de acreditarem estarem os revolucionários russos lutando contra o Estado não é o suficiente para se caracterizar uma confusão desta revolução com os ideais anarquistas.

Esta revolução também era entendida como uma revolução de soldados – também considerados trabalhadores. A burguesia era considerada uma inimiga e se lutava contra “todos os poderes”. Essas são as causas apresentadas neste artigo de Korkeis como motivos para demonstrar apoio à Revolução Russa.

No número seguinte, do dia 1º de dezembro de 1917, é publicado um texto de um jornal estrangeiro<sup>126</sup> sobre os então chamados “massimalistas”. Segundo a introdução dos editores, a grande imprensa “não se têm cansado de baralhar lamentavelmente a significação real dos acontecimentos excepcionalmente importantes”. O texto caracteriza os massimalistas como a própria Revolução Russa. Sobre Lênin e os bolcheviques está escrito: “Ele e os seus camaradas bolcheviques estão persuadidos de que é possível a todo o instante realizar o socialismo. Alimenta-os a idéia marxista<sup>127</sup>”. Aqui há informação de que os bolcheviques são marxistas, apesar de ser pouco provável afirmar que esses militantes que escreviam nos jornais possuíam clareza sobre as teorias marxistas. Ainda no texto, o autor defende que na Rússia é impossível que se forme minorias despóticas, pois “há uma fiscalização sempre viva e desperta<sup>128</sup>”.

Apesar de argumentarem que a Revolução não tomaria um rumo despótico, a própria menção e negação desta idéia já é um indicador de que existia a possibilidade de, já neste momento, estarem preocupados com essa questão. No primeiro texto, é colocada a idéia de que tradicionalmente as revoluções se desdobram em chacinas – o que para Korkeis não é o caso da Revolução Russa. E no segundo texto, está implícita uma preocupação com o

---

BONGIOVANNI, Bruno. *Maximalismo*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política A-Z*. Editora UNB: 11º, 1998, p. 745. Versão Digital, disponível em: [http://www.filozar.com.br/Dicionarios/Dicionario\\_De\\_Politica.pdf](http://www.filozar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf). No caso citado por Carlos Sa', por maximalismo, ele está se referindo aos bolcheviques, como ocorre em outras matérias de jornais e textos anarquistas do período.

<sup>126</sup> Grido Del Popolo.

<sup>127</sup> A. G. Os Massimalistas. *O Cosmopolita*. Rio de Janeiro, 01/12/1917, nº 22, p.1.

<sup>128</sup> Ibid.

desenvolvimento de certo despotismo. Mas o autor logo anula esta possibilidade em decorrência da existência de uma “fiscalização”. Desta forma, os dois textos ainda se preocupam em ocupar certo espaço com a discussão deste possível caminho para a revolução, mesmo que seja para negar esta possibilidade.

A importância desta preocupação é fundamental. Os anarquistas, como já colocado aqui, são contra qualquer tipo de poder, pois este é utilizado sempre negativamente ao longo da história. O Estado é usado para oprimir, instituir o domínio de um grupo, classe social ou religião sobre outros homens. É utilizado para dominação e torna o homem “escravo”. A menção a possibilidade de um despotismo, mesmo que seja para negar esse rumo na revolução, é mais um indicador de que possuíam o conhecimento de que a Revolução Russa não era um processo anarquista. Porém, acreditavam que era uma revolução feita por trabalhadores e que deveriam apoiá-la.

Analisemos agora a matéria de José Oiticica para o periódico *Spartacus*, intitulada *A Revolução Russa*. Para Oiticica, agora está se completando a Revolução Francesa. A revolução francesa não teve o caráter universal que está tendo a atual Revolução Russa, pois na França “o proletário não se achava instruindo no regime, nem lograria compreender o alcance da transformação<sup>129</sup>”. O caráter cosmopolita, como ele coloca, da revolução atual (russa), “provém desses decênios de propaganda forte<sup>130</sup>”. Não é apenas uma Revolução Russa, pois o operário do mundo todo “se agita”, escreve o autor. Oiticica afirma que está difícil angariar tropas contra os russos pelo mundo, pois, segundo ele, os soldados europeus estariam se recusando a pegar em armas contra os trabalhadores russos e muitos estariam passando para o lado dos vermelhos. Acredita não haver dúvida de que “a obra da Revolução Francesa se completa”. De acordo com ele, “O movimento russo exemplificou admiravelmente quanto é fácil a transformação do regime capitalista firmado na base proletária”. Termina com a frase: “O comunismo anárquico vem nos trazer esta fraternidade, mudando o regime de concordância em regime de cooperação<sup>131</sup>”.

Caso particular de análise do caráter da Revolução Russa é a matéria presente no jornal *O Cosmopolita* de autoria de Astrojildo Pereira<sup>132</sup>, à época, um anarquista. Astrojildo é quem, contrariando todas as outras análises feitas pelo jornal em outras matérias, relaciona a

---

<sup>129</sup> OITICICA, José. A Revolução Russa. *Spartacus*: 08/11/1919, n° 15, p. 1.

<sup>130</sup> Ibid.

<sup>131</sup> Ibid.

<sup>132</sup> Registrado como Astrogildo, adotou a grafia de Astrojildo. De profissão jornalista, colaborou com diversos jornais operários como *O Cosmopolita*, *Guerra Social* e *Spartacus*. Foi redator único do periódico *Crônica Subversiva*. Posteriormente abandonaria o ideal anarquista e fundaria o Partido Comunista Brasileiro de 1922.

Revolução Russa com o anarquismo, e afirma ser esta essencialmente anarquista e ter um programa libertário. No artigo de Astrojildo intitulado *Apelo aos anarquistas*, nº 26 do jornal, ele escreve sobre uma “responsabilidade” dos anarquistas perante o “desenrolar dos acontecimentos”.

Esses acontecimentos a qual Astrojildo se refere é a Revolução Russa. Para ele, a Revolução terminará “favorável ao nosso ponto de vista” (aos dos anarquistas) e que a revolução tem tendências libertárias. Ele trata a Revolução como “fundamentalmente econômica na sua origem e nos seus fins, acentuadamente libertária nos seus meios e processos e na sua direção<sup>133</sup>”. De acordo com Astrojildo, a revolução veio salvar o mundo e mostrar a única forma revolucionária eficaz: a união entre operários e soldados.

Essa interpretação de Astrojildo também será demonstrada em seu jornal *Crônica Subversiva*. *Crônica Subversiva* é uma folha individual escrita unicamente por Astrojildo Pereira que circulou entre junho e outubro de 1918 no Rio de Janeiro. No nº 10 do periódico, Astrojildo traz notícias sobre os acontecimentos na Rússia, sob o título de *Começando Apenas*<sup>134</sup>. Ele diz que os preparativos contra-revolucionários estão sendo dados pelas potências como Japão, Estados Unidos, China, Inglaterra e França. Porém, ele vê o esforço dessas potências “burguesas” como inútil. Astrojildo trata a Revolução Russa como uma “verdadeira revolução popular”, que constitui perigo para a burguesia de todo o mundo. As calúnias criadas pela burguesia e a preparação para uma intervenção armada, é enxergada por Astrojildo como uma prova de que a Revolução Russa é “uma verdadeira revolução libertária contra o atual sistema social burguês, de propriedade e autoridade<sup>135</sup>”. Astrojildo ainda acredita que o ataque da burguesia contra a Rússia irá gerar uma reação do proletariado do mundo.

Esse caso de Astrojildo vem sendo utilizado pela historiografia (como nos mostram os trabalhos de Moniz Bandeira, Carlos Addor e John F. Dulles<sup>136</sup>), para demonstrar que existiu na época da primeira república uma confusão e que os anarquistas logo se apressaram em declarar que a revolução era anarquista. Mas, até onde temos analisado, o caso de Astrojildo se constitui um caso particular. Existia um debate na época entre os militantes que escreviam nessa imprensa anarquista. Nenhum deles, até onde vimos, tratou de condenar a Revolução Russa. Todos declararam apoio até o ano de 1919. Mas nem todos declararam que a revolução era anarquista.

---

<sup>133</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Apelo aos Anarquistas*. *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01/02/1918, nº 26, p. 2.

<sup>134</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Começando Apenas*. *Crônica Subversiva*. 03/08/1918, nº 10, p. 2.

<sup>135</sup> Ibid.

<sup>136</sup> Mencionados na introdução. Ver Introdução, pp. 4-5.



### 2.3 - Personagens da Revolução Russa e os chamados “massimalistas”.

Temos um texto assinado por Massimum – possivelmente um pseudônimo influenciado pelo termo em voga “massimalismo”<sup>137</sup>. Este texto está na edição de número 27 de *O Cosmopolita*, de 15 de fevereiro de 1918. Massimum escreveu que a Revolução Russa representa “a epopéia mais exemplar da história da humana”<sup>138</sup>. O autor coloca como protagonistas da revolução operários e soldados. Segundo ele, a paz e bem estar da humanidade dependem da propagação da revolução pelo mundo. A queda da tirania e o triunfo da justiça também são aspectos desta revolução. Mesmo sendo uma revolução para toda a humanidade, Massimum acredita nos operários como autores da Revolução.

Sobre os massimalistas, Massimum escreve que “O triunfo dos massimalistas é sem dúvida, o triunfo dos verdadeiros ideais que hão de redimir o mundo, pelos moldes da paz, do bem-estar e da ciência para todos”<sup>139</sup>. Kropotkin<sup>140</sup>, Máximo Gorki<sup>141</sup>, e Trotsky<sup>142</sup> são tratados no texto como a alma da Revolução. Desta forma, Massimum coloca Kropotkin, Gorki e Trotsky juntos. Mas não creio que isto seja um indicador de que ele acreditava que esses três possuísem os mesmos ideais, mas sim de que lutavam conjuntamente pela revolução e em favor dos trabalhadores. Podemos perceber isto quando Massimum dedica um parágrafo especial para falar de Kropotkin onde o considera “apóstolo das idéias libertárias”. Também o considera como um “propagador do anarquismo”, título que não é dado nem a Trotsky, nem a Gorki. No parágrafo sobre Trotsky, elogia a sua figura, onde o considera que este levou uma “vida atribulada de revolucionário a afirma que ele é vítima de perseguições por possuir uma “Idéia sublime”.

Desta forma, apesar de colocar Trotsky e Kropotkine figuras de importância da Revolução Russa, há uma diferenciação ao se tratar de Trotsky e de Kropotkine, indicando haver o conhecimento de que os dois possuíam idéias diferentes, mas não opostas. Entretanto, apesar de saber que Trotsky não era um anarquista, ainda não estavam claras as idéias de

---

<sup>137</sup> Um termo utilizado durante o período como um sinônimo para os bolcheviques. Ver nota 125.

<sup>138</sup> MASSIMUM. Um regimen que se esboroa, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15/02/1918, n° 27, p. 2.

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> Considerado um dos mais importantes teóricos anarquistas. De origem russa, era príncipe por fatores hereditários. Desenvolveu a teoria do comunismo anarquista. Ele defende a organização em comuna, que “se expressará pela disponibilidade de produtos e serviços para todos aqueles que deles necessitam”. Assim, a necessidade é o fator primordial para o acesso aos bens, e não o trabalho. Cf: WOODCOCK, George. História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Vol. 1. A Idéia. Porto Alegre: L&PM pocket, 2002, p. 233.

<sup>141</sup> Famoso escritor russo, autor de obras como A Mãe. Era amigo de Lênin e próximo aos bolcheviques, apesar de nunca ter sido membro do partido.

<sup>142</sup> Revolucionário russo que se une ao partido bolchevique após a Revolução Russa de fevereiro de 1917.

Trotsky. Ele é um revolucionário e um socialista em favor dos trabalhadores. Mas a idéia de que Trotsky era um bolchevique, ou o que significava este bolchevismo, não estava presente.

Diferente desta visão é a matéria de Astrojildo sobre o assunto para o mesmo jornal, *O Cosmopolita*. Ele reafirma sua posição de caracterizar a revolução como libertária. O título da matéria é *Um ano depois* e faz um apanhado da revolução após a revolução de fevereiro de 1917. Coloca ainda o programa dos massimalistas como um programa libertário:

Os massimalistas defendiam a paz imediata, a expropriação da propriedade territorial e industrial, a dissolução de todo poder compressor e autoritário. Na essência, um programa anárquico, que sintetiza velhas aspirações populares debatidas através dezenas e dezenas de anos do mais rude batalhar social que a história registrará<sup>143</sup>.

Astrojildo deduz que a essência do massimalismo é um programa anárquico por concluir que o que eles defendem se parece com um programa libertário. Mais uma vez, Astrojildo é exceção em declarar que os massimalistas possuem um programa anárquico. O que ele pretendeu demonstrar ao longo de seus textos é que a Revolução Russa deveria receber apoio dos anarquistas por ela ter características libertárias.

Sobre Lênin há três matérias referentes a ele que localizei em *O Cosmopolita*, que o tratam de forma positiva. Devido à importância deste personagem à Revolução, acredito ser necessário me ater a escrever mais sobre este personagem, mentor do partido que defenderá a tomada do poder e a Ditadura do Proletariado em Outubro de 1917.

O Partido Bolchevique terá início em 1903, na cisão do Partido Operário Social Democrata Russo, fundado em 1898. O principal líder da vertente bolchevique<sup>144</sup> era Vladimir Ilitch Ulyanov, mais conhecido por seu pseudônimo: Lênin. A luta de classes, a construção de um partido operário revolucionário e a defesa da ditadura do proletário como a forma de governo a ser tomada após a revolução eram os principais aspectos da teoria desenvolvida por Lênin. Para Lênin, “imprimir à revolução caráter socialista vinha ser a tarefa mais importante do proletariado<sup>145</sup>”. Sua teoria diferia, assim, dos partidos operários que buscavam o reformismo, ou seja, a conquista por melhores direitos dentro do capitalismo sem ameaçar o sistema. Lênin defendia a revolução como a principal tarefa a ser buscada por um partido operário. Em um livro escrito entre agosto e setembro de 1917, Lênin defenderá a revolução violenta como necessária para substituir o “Estado burguês” pelo “Estado

---

<sup>143</sup> PEREIRA, Astrojildo. Um Ano Depois. *O Cosmopolita*, RJ. 25,03,1918, n° 29, p. 1.

<sup>144</sup> No II Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), é feita a divisão entre duas correntes principais: mencheviques e bolcheviques.

<sup>145</sup> FERNANDES, Florestan. *Em Busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 95.

proletário”<sup>146</sup>. Este Estado Proletário é chamado por ele de Ditadura do Proletariado<sup>147</sup>. Neste livro, é constante a citação aos teóricos Karl Marx e Friedrich Engels, considerados, que desenvolveram no século XIX a teoria política que viria a ser conhecida como marxismo<sup>148</sup>. No Primeiro capítulo, colocamos as concepções de comunismo para os anarquistas. Para Lênin, o comunismo seria realizado por etapas. Após a revolução, seria instituída a primeira fase do comunismo, a qual ele chama de “socialismo<sup>149</sup>”. Segundo Lênin, nesta fase “ainda não pode, pois, realizar a justiça e a igualdade”. Nesta fase, subsistiria a função “quem não trabalha não come<sup>150</sup>”. Ainda existiria o Estado, que seria controlado pelos proletários. Lênin justifica essa manutenção do Estado, pois só ele seria capaz de realizar uma “fiscalização rigorosa do trabalho e do consumo”. A fiscalização começaria com a “expropriação dos capitalistas”<sup>151</sup>.

Na segunda fase do Comunismo, também chamada por Lênin de “fase superior do comunismo”, o Estado seria extinto. De acordo com Lênin, “o Estado poderá desaparecer completamente quando a sociedade tiver realizado o princípio: ‘De cada um conforme sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades’<sup>152</sup>. Lênin, ainda neste livro, acredita que neste aspecto da destruição do Estado, sua doutrina se aproxima com a dos anarquistas. Ele afirma que

O proletariado precisa do Estado só por um certo tempo. Sobre a questão da supressão do Estado, como objetivo, não nos separamos absolutamente dos anarquistas. Nós sustentamos que, para atingir esse objetivo, é indispensável utilizar provisoriamente, contra os exploradores, os intrumentos, os meios e os processos de poder político, da mesma forma que, para suprimir as classes, é indispensável a ditadura provisória da classe oprimida<sup>153</sup>.

Mas em outros aspectos a concepção de comunismo de Lênin diferia da noção de comunismo tida pelo campo anarquista<sup>154</sup>. O Estado era tratado de forma diferente por

---

<sup>146</sup> LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 41.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>148</sup> Também chamada por Engels de “socialismo científico”, em contraposição ao que ele chamada de “socialismo utópico”. O “socialismo científico” ou marxismo acreditava na luta de classes como força motora da sociedade. Ou seja, a luta de classes fazia a sociedade avançar e era a responsável pelas revoluções modernas. Desta forma, o socialismo seria alcançado pela luta entre proletários e burgueses. Os primeiros deveriam buscar a tomada do poder de Estado e implementar a “ditadura do proletariado” como requisito necessário para a construção do socialismo e posteriormente do comunismo.

<sup>149</sup> LÊNIN, *Op. Cit.*, p. 112.

<sup>150</sup> LÊNIN, *Op. Cit.*, p. 114.

<sup>151</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>154</sup> Para comunismo no campo anarquista ver capítulo 1 desta dissertação, p. 20.

anarquistas e pela teoria de Lênin. Para os anarquistas, o Estado deveria ser eliminado. Já Lênin acreditava na necessidade do Estado na primeira etapa do comunismo. O Estado só desaparecia quando se chegasse ao comunismo de fato, isto é, na etapa “superior” do comunismo. As teorias desenvolvidas por Lênin era as mesmas que professavam os bolcheviques. É importante voltar a frisar que Lênin era o principal líder bolchevique e seu principal teórico. Após Outubro de 1917, Lênin se tornaria o primeiro governante da Rússia Revolucionária. Cabe-nos também ressaltar a importância dada a Lênin aos Sovietes russos. Nas Teses de Abril<sup>155</sup>, Lênin irar declarar que “Os soviets de deputados e operários são a única forma possível de governo revolucionário<sup>156</sup>”. Naquele momento, em 1917, Lênin declarava que os soviets eram a base do novo governo. Desta forma, os soviets<sup>157</sup>, juntamente com o Partido Comunista, seria a principal base da nova sociedade socialista. Em Outubro de 1917 os bolcheviques, apoiados por outros partidos de esquerda e pelos soviets, chegaram ao poder de Estado na Rússia. Este evento ficou conhecido como a Revolução de Outubro de 1917.

De acordo com o historiador Alexandre Samis, “os primeiros anos de embate com o czarismo e o governo de Kerenski , em 1917, encontraram bolchevistas e anarquistas em franca colaboração<sup>158</sup>”. E continua ao afirmar que: “em oposição à tática do socialismo reformista, os anarquistas aproximaram-se, através de alianças táticas, do bolchevismo, ou antes, por entusiasmo militante, foi possível a alguns entender ambos como expressões distintas de um mesmo fenômeno revolucionário<sup>159</sup>”.

Como mencionei anteriormente, *O Cosmopolita* dedica três matérias à Lênin. A de 1º de dezembro de 1917, nº 22, que também trouxe o artigo internacional sobre os massimalistas, possui autoria de Anjelo Vizzotto. Este texto, de forma poética, traz uma exaltação à Lênin:

Neste momento em que as notícias vindas da longínqua terra de Gorki são ainda contraditórias, e não deixa prever qual será o resultado da luta final, seja qual for o destino da tremenda peleja, vencedor ou vencido que saíás, ó Lenine, o teu nome brilhará de viva luz, e o ideal pela qual te bates não

---

<sup>155</sup> Assim chamadas por terem sido lançadas em Abril de 1917, após a chegada de Lênin a Petrogrado.

<sup>156</sup> LÊNIN, V. *As Teses de Abril*. In: <http://pcb.org.br/portal/docs/astesesdeabril.pdf>, acessado em 03/03/2016 às 16:35, p. 1.

<sup>157</sup> Os soviets não eram uma criação bolchevique e não estavam cooptados por estes. Os soviets surgiram durante a chamada “revolução de 1905” na Rússia. Eram agrupamentos de operários que tinha função de organizar os trabalhadores para a causa operária. Mais do que um sindicato, possuía um caráter político de luta contra o Czarismo e buscavam o socialismo. Mas não estavam cooptados a nenhum partido.

<sup>158</sup> SAMIS, Alexandre. Introdução. In: ROCKER, Rudolf. *Os Soviets Traídos Pelos Bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 19.

<sup>159</sup> Ibid.

perecerá, porque é ideal de vida, e a vida se perpetua incessantemente através do espaço e do tempo<sup>160</sup>.

À menção à Lênin e a outras personalidades nestes jornais indica que esses jornais anarquistas do período sabiam que a Revolução tinha líderes e que Lênin era um desses líderes. No número 25 de *O Cosmopolita*, é publicada uma foto que supostamente seria dele. Neste jornal, já se tem a idéia de que Lênin é adepto das doutrinas de Karl Marx<sup>161</sup>. O jornal informa que esta matéria foi transcrita do jornal *Luta*, de Lisboa. A menção à ditadura proposta por Lênin também está presente no texto:

Durante a Revolução de 1905, Lenine defendeu, acima de tudo, o caráter permanente da Revolução; que o proletariado não se deve satisfazer com nenhuma concessão das classes dominantes. O seu fim ideal é o soldado eterno da revolução; o seu fim mais próximo, chegar à ditadura revolucionária do proletariado e dos camponeses, só então – dizia ele a Revolução russa chegaria a ser o protótipo da revolução social no ocidente<sup>162</sup>.

O autor deste artigo cita um “comentarista libertário” para justificar as idéias de Lênin:

Compreende-se assim que este homem estivesse indicado para caudilho de uma revolução, da qual disse um comentarista libertário: <<não é possível admitir que um povo submetido por espaço de 30 anos á mais infame das ditaduras , que vivia até ontem sujeito ao capricho de um déspota , em que estavam representados todos os poderes; que sofreu o flagelo terrível da nobreza feudal; que submeteu o *mujick* à mais vergonhosa escravidão, dê a sua confiança à pequena burguesia – burguesia plebéia – que pretende erigir o seu despotismo sobre os restos dos trono sangrento dos Romanoffs. Não, um povo que tenha padecido tanto como esse que hoje faz a revolução, não pode conformar-se com a simples mudança de tiranos. A intervenção em assuntos do Estado dos operários e soldados demonstra eloqüentemente o caráter popular do movimento e evidencia o propósito quase geral de evitar que os aventureiros da política imponham uma nova ditadura ao povo, não menos cruel do que a que acabavam de derrubar, sempre que seja imposta pela pequena burguesia, ávida de glória e poderio<sup>163</sup>>>.

De acordo com essa matéria publicada em *O Cosmopolita*, e originalmente em um jornal de Lisboa intitulado *Luta*, podemos saber que os anarquistas tinham a idéia de que

---

<sup>160</sup> VIZZOTTO, Anjelo. Lénine. *O Cosmopolita*, 01/12/1917, n° 22, p. 1.

<sup>161</sup> ESTRANJEIRO NA PRÓPRIA PÁTRIA, *O Cosmopolita*, RJ. 15/01/1918, n° 25, p. 1.

<sup>162</sup> Ibid.

<sup>163</sup> Ibid.

Lênin era discípulo de Karl Marx e adepto da ditadura do proletariado. Mas ainda assim, de acordo com o “comentarista libertário”, Lênin dificilmente seria um ditador, pois é difícil acreditar que o povo russo que tanto tenha “padecido” aceite uma “mudança de tiranos”. A “intervenção” dos operários e soldados nos assuntos do Estado demonstra o “caráter popular” da Revolução Russa. Esse caráter popular impediria que “aventureiros da política” iriam impor uma nova ditadura. Ao negar que Lênin pudesse ser um ditador e ter o apoio dos soldados e operários, ele é considerado um aliado dos anarquistas.

A publicação de textos estrangeiros demonstra que os anarquistas buscavam fontes, principalmente estrangeiras, para se informar sobre os acontecimentos russos. Mas estas fontes de informações estrangeiras também implicavam erros, como é o caso da publicação da foto falsa de Lênin. As notícias da chamada “imprensa burguesa” era vista com desconfiança pelos anarquistas brasileiros. Astrojildo se ocupou em criticar por diversas vezes a grande imprensa, chamando-a de “caluniosa”.

É o caso da matéria de título Lênin, publicado na edição nº 11 de *Crônica Subversiva*, jornal pessoal de Astrojildo Pereira. Diversos jornais, que astrojildo chama de “órgãos da burguesia”, estavam comemorando a morte de Lênin. Astrojildo escreve que os jornais estavam noticiando que ele teria sido assassinado por uma mulher. Mas, informações posteriores já relatavam que Lênin estava vivo. Esse episódio é um fato que ocorreu em 30 de agosto de 1918. Ele ficou debilitado, porém sobreviveu. Um desses jornais teria comentado sobre o fato do líder bolchevique não ter sobrevivido: “vaso ruim não quebra<sup>164</sup>”. Astrojildo ainda chama a atenção para um jornal ou um colunista em especial de um “órgão burguês” intitulado *O Paiz*, que compara Lênin a Marat. Para Astrojildo, tal comparação é querer denegrir a imagem de Lênin e que pouca semelhança história há entre a Revolução Francesa e a Revolução Russa. Ainda escreve que quem o comparou ao revolucionário da revolução francesa é um “pedaço d’asno”. Astrojildo se preocupavam então a dar outra versão sobre as personalidades russas.

Outro Jornal, o periódico *Spartacus*, traz outro texto que demonstra Lênin como adepto a ditadura do proletariado. É um relatório do próprio Lênin apresentado ao primeiro congresso da Internacional Comunista de Moscou em março de 1919 e publicado em novembro do mesmo ano no jornal. Nesta carta, o líder soviético aparece defendendo esta ditadura proletária:

---

<sup>164</sup> PEREIRA, Astrojildo. Lênine. *Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, 07/09/1918, nº 11, p. 3.

A história nos ensina que jamais uma classe oprimida chegou ao poder e pode alcançá-lo sem passar por um período de ditadura, quer dizer, pela conquista do poder político e a supressão pela força da resistência desesperada, furiosa e implacável sempre imposta pelos opressores<sup>165</sup>.

Ele também acusa a burguesia de distorcer o termo “ditadura do proletariado”, pois os governos burgueses também são, na verdade, uma ditadura de classe. Aqui Lênin faz referências à Marx e a Engels, e não a autores anarquistas. Ao longo do texto, vai argumentando que as repúblicas burguesas consideradas democráticas, na verdade são ditaduras.

Num tal estado de coisas, a ditadura do proletariado se torna não apenas legítima, como um meio de esmagar os opressores e de suprimir a sua resistência, mas ainda uma necessidade absoluta para as massas dos trabalhadores contra um único meio de defesa contra a ditadura da burguesia que provocou e dirigiu guerra e que prepara novas guerras<sup>166</sup>.

Mas ainda assim, Lenin diz que o fim a se buscar é a eliminação do poder de Estado. Segundo ele, “A supressão do poder do Estado é o fim que visam e visaram todos os socialistas, com Marx à frente. Sem a realização deste fim, a verdadeira democracia, quer dizer, a igualdade e a liberdade são irrealizáveis<sup>167</sup>”. Esse trecho é importante, pois com ele percebemos uma identificação dos anarquistas com Lênin. Esses anarquistas sabiam que ele não era um anarquista e sim um líder da Revolução Russa. Mas esse líder, apesar de utilizar o Estado como método, também buscava como fim a abolição do Estado. Mesmo objetivo que possuíam os anarquistas. Desta forma, Lênin parecia ser um aliado importante aos anarquistas.

Outros personagens russos que aparecem ao longo do periódico *Spartacus* é Trotski. No nº 5, há uma reprodução de uma entrevista a Trotski publicada no Daily News. Essa entrevista tem como objetivo, segundo a introdução dada na mesma matéria, desmascarar mentiras da “burguesia”, que pretendiam fazer crer que os bolcheviques não queriam cessar as hostilidades com os aliados. No número 10, há um texto de Trotski, datado de março de 1919. Trata-se de um texto elaborado para a Internacional Comunista<sup>168</sup>. No texto, Trotski comenta

---

<sup>165</sup> LÊNIN, Vladimir. A Democracia Burguesa e a Democracia Proletária. *Spartacus*: 08/11/1919, nº15, p. 1.

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> Ibid.

<sup>168</sup> A Associação Internacional dos Trabalhadores surgiu em 1864. Posteriormente ficaria conhecido como a I Internacional Socialista. A segunda se formaria em 1889 e a III é criada em 1919, pelos bolcheviques. O texto de Trotski citado é referente a esta internacional. Cf: CARONE, Edgar. As Origens da Internacional Comunista. In: <seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/835/696> acessado em 05 de março de 2016.

que os verdadeiros revolucionários são “herdeiros do espírito marxista”<sup>169</sup>, o que demonstra que os anarquistas brasileiros identificavam os revolucionários russos com o marxismo, e não com o anarquismo. Trotski é identificado, assim como Lênin, como um aliado dos anarquistas, pois, de acordo com a matéria, ele era a favor do fim dos conflitos e buscava a paz.

Trotsky também aparecerá no n° 23 de *O Cosmopolita*. Aqui, ele é tratado como uma figura de prestígio entre os “massimalistas”. O texto apresenta uma pequena biografia de Trotsky, onde se afirma que ao fugir da prisão, ele “teve de percorrer cerca de 3000 milhas montado em veados e cachorros na ausência de outros meios de condução<sup>170</sup>”. O texto também apresenta o programa “massimalista” defendido por Trotsky. Segundo a matéria, Trotsky afirma:

Nós, bolcheviques, queremos a paz, custe o que custar. Os soldados não podem, nem devem ser obrigados a passar um quarto inverno nas trincheiras. Se o governo atual (Kerensky) não quiser fazer, derruba-lo-hemos e fa-la-hemos nós. PAZ, TERRA E BEM ESTAR PARA TODOS é a nossa dívida<sup>171</sup>.

Ao final do texto, o autor da matéria – não identificado – afirma que

Podemos discordar de certos pontos de vista doutrinários do atual ministro das relações exteriores da Rússia. Isso não impede que façamos justiça à integridade do seu caráter impoluto, sobre tudo hoje que, como membro do governo massimalista, procura harmonizar todos os seus atos com as convicções teóricas arraigadas na sua mentalidade e nunca desmentidas pelo seu passado de lutas<sup>172</sup>.

Com isso, podemos afirmar que, já em 1917, ano da publicação deste número citado, os anarquistas sabiam das diferenças doutrinárias das personalidades russas como Lênin e Trotsky, acima citado, dos ideais anarquistas. Mas isso não impedia demonstrarem apoio a elas, pois se parecia o mais sensato a se fazer.

Sobre Gorki, há uma matéria na edição número 4 de *O Cosmopolita*. Informa que a morte de Gorki foi noticiada inúmeras vezes pelos jornais burgueses como uma obra dos bolcheviques. Mas agora, seu fuzilamento é dado pelo exército branco, que lutava contra os bolcheviques. A grande imprensa, segundo esta matéria do jornal *Spartacus*, se limita a

---

<sup>169</sup> O Soviet Russo e o Imperialismo Aliado. Mentiras e Hipocrisias. *Spartacus*. 30/08/1919, n° 05, p. 2.

<sup>170</sup> TROTSKY. *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro. 15/12/1917, n° 23, p.1-2.

<sup>171</sup> Ibid.

<sup>172</sup> Ibid.



lamentar a morte de Gorki, não falando da “crueldade” dos reacionários. Mas os autores da matéria “gritam”: “assassinos! Assassinos! Assassinos!”<sup>173</sup>.

Em *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* temos somente um texto que menciona a Revolução Russa. Este está presente no primeiro número do jornal e se intitula *Documentos Sobre a Revolução Russa*. De acordo com os autores do jornal:

Iremos consecutivamente registrando os documentos mais característicos, de que tenhamos conhecimento, referentes á Revolução Russa. Telegramas, artigos notas, impressões, todo e qualquer material nos servirá – verificada, claro está, quanto possível a idoneidade de cada um<sup>174</sup>.

O texto começa com o jornal citando dois teóricos: Marx e Bakunin. Segundo os editores do jornal, são textos onde Marx e Bakunin escreve, em tom profético, sobre uma possível revolução na Rússia. O primeiro texto, de Karl Marx, aborda uma possível guerra entre Rússia e Alemanha que provocaria uma “Revolução Social inevitável na Rússia”. A fonte do texto é citado como *Carta a Sorge*, de 1º de setembro de 1870.

Já o segundo Texto, de Bakunin, informa que os revolucionários

querem uma revolução social tal que a imaginação do ocidente, moderada pela civilização, apenas consegue pressentir – Um pouco mais de tempo... e então – então ver-se-á uma revolução que sem dúvida ultrapassará tudo quanto se conhece até aqui em matéria de revoluções<sup>175</sup>.

Este texto de Bakunin não está informando nem data e nem fonte de onde foi retirado. Essas citações são indícios de que se acreditava em Marx e Bakunin como teóricos influentes da Revolução Russa.

Podemos concluir que os anarquistas que escreviam nestes periódicos, acreditavam que as personalidades bolcheviques, como Lênin e Trotsky eram aliados dos anarquistas, apesar destes não serem anarquistas. Defender a imagem destas personalidades era também defender a imagem da própria Revolução Russa. Essas personalidades eram os líderes da revolução e sabia-se que defendiam o programa da Ditadura do Proletariado. Mas acreditava-se que esta era uma tática momentânea no programa bolchevique, que seria extinta assim que possível.

---

<sup>173</sup> MAXIMO Gorki. Spartacus: 23/08/1919, RJ. n°4, p. 1.

<sup>174</sup> Documentos sobre a Revolução Russa. *Boletim da Aliança Anarquista*, RJ. 02/1918, n° 1, p. 3.

<sup>175</sup> Ibid.

## 2.4 - Os Sovietes e os bolcheviques.

Os termos “soviète” e “sovietismo” estiveram presentes na imprensa anarquista do Rio de Janeiro. Segundo os autores dos jornais anarquistas, este grupo, juntamente com os bolcheviques – ora chamados de massimalistas – eram os principais atores da Revolução Russa. No jornal *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, em sua primeira edição, temos a reprodução de um documento onde lemos alguns pontos do programa dos soviets. Esta na matéria intitulada *Documentos Sobre a Revolução Russa*, e é o terceiro documento apresentado, de um artigo do jornal *O Imparcial*, de 20 de janeiro de 1918. É a reprodução de um texto apresentado pelos soviets da Rússia à Assembléia Constituinte (durante a revolução de 1917) onde se lia o programa dos soviets, que pretendia, dentre outros pontos, acabar com as classes sociais e instalar o regime socialista na Rússia e a transferência de todos as propriedades dos bancos para o Estado – este é o último ponto<sup>176</sup>. A partir deste documento, podemos saber que se tinha conhecimento de que o programa dos soviets apoiava-se no Estado como meio de transformação. O quarto documento apresentado nos informa que lutar contra os soviets é condenar a Rússia à restauração do capitalismo e da dominação burguesa. Ele informa:

A Revolução Russa foi feita pelos soviets, pelos operários, pelos camponeses e pelos soldados, e sendo ela a única organização de todos os trabalhadores explorados, é portanto, a única capaz de dirigir a luta em prol da completa libertação das classes produtoras das garras da burguesia. Sendo assim, o desconhecimento da autoridade dos soviets significava nada mais do que a restauração da burguesia, isto é, um passo para a supressão total da liberdade e um passo para a barrocata da revolução feita pelos trabalhadores. Os camponeses, os socialistas-revolucionários e os partidos da direita lutaram abertamente contra os soviets sustentando os exploradores do trabalho. E nessas condições está claro que eles conduziram a paz à contra-revolução burguesa<sup>177</sup>.

Se, como diz o documento, ir contrário aos soviets era abrir espaço para a contra-revolução na Rússia, o que pareceu mais coerente para os anarquistas era declarar apoio aos soviets, que era o mesmo, segundo o documento, que apoiar a revolução, pois esta foi feita pelos soviets, um órgão de “todos os trabalhadores explorados”.

---

<sup>176</sup> DOCUMENTOS sobre a Revolução Russa. *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*. 02/1918, RJ, n.º1, p. 3.

<sup>177</sup> Ibid.

Há ainda um trecho de uma carta de um jornalista inglês, Arthur Ransome<sup>178</sup>, intitulado *O Que é a República dos Sovietes*. Explica o que é o governo dos soviets. Diz que cada trabalhador, operário e camponês na Rússia tem direito a voto para escolher os representantes dos soviets. O texto faz uma relação direta entre os soviets e a ditadura. Não eram só os bolcheviques, como veremos mais a frente, que estavam ligados a ditadura, segundo a visão de alguns anarquistas. Os soviets também apoiavam e comandavam esta ditadura.

Acha-se assim a constituição particularmente adaptada às necessidades da Rússia. Ela é também particularmente favorável ao período revolucionário. Ela assegura a ditadura à classe que se revoltou : esta ditadura é necessária, pois que não se pode esperar, dos membros da classe à qual se arrancou o poder, uma assistência sincera na obra do seu próprio esmagamento<sup>179</sup>.

Encontramos também um artigo no periódico *Spartacus* que busca esclarecer, como o próprio título indica, *O Que é Sovietismo*. O texto, assinado por Manuel Ribeiro<sup>180</sup>, coloca o sovietsmo como diferente de bolchevismo: “Os bolchevistas passam como todos os partidos políticos, mas o sovietsmo fica, e é este que começa a interessar”. Para ele, o “sovietsmo” é posto em prática por “um partido socialista avançado, e apoiado em todo o mundo por legiões de socialistas, anarquistas e sindicalistas”.

Ele descreve um texto que diz ser de Bukarine<sup>181</sup>. Segundo esse texto, o sovietsmo se difere da república democrática, pois enquanto o parlamento democrático é constituído não somente pelos trabalhadores, mas em maior parte por representantes de banqueiros e capitalistas, o congresso dos soviets é constituído exclusivamente por trabalhadores. Ribeiro também faz uma comparação do sovietsmo com o sindicalismo revolucionário:

Tal é o sistema sovietsista que oferece, como se vê, tantas analogias com o sindicalismo revolucionário. E um dos grandes méritos do bolchevismo – reconheçam-no aqueles que não o aceitam – é precisamente reivindicar o valor social e o caráter revolucionário do sindicalismo que ai tem andado agora – ele e o bom senso – aos pontapés dos socialistas<sup>182</sup>.

---

<sup>178</sup> Jornalista Inglês que cobriu a Revolução russa e nutriu simpatias pelos bolcheviques, tendo inclusive conhecido alguns líderes como Lênin e Trotsky.

<sup>179</sup> RANSOME, Arthur. *O Que é a República dos Sovietes*. *Spartacus*: 08/11/1918, RJ, n°15, p. 2.

<sup>180</sup> RIBEIRO, Manuel. *O Que é Sovietismo*. *Spartacus*: 29/11/1919, RJ, n° 19, p. 3.

<sup>181</sup> Membro e teórico do Partido Bolchevique. Mais sobre em: COHEN, Stephen. *Bukharin, Uma Biografia Política 1888- 1938*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

<sup>182</sup> RIBEIRO, Manuel. *O Que é Sovietismo*. *Spartacus*: 29/11/1919, RJ, n° 19, p. 3.

Desta forma, uma das causas de Ribeiro declarar apoio ao chamado “sovietismo” era por este ter analogias com o sindicalismo revolucionário. Este que é uma doutrina próxima aos anarquistas do Rio de Janeiro. Como já demonstrado aqui, os anarquistas da primeira república baseavam sua propaganda para os trabalhadores e utilizavam o sindicalismo revolucionário como uma tática. A realidade vivida pelos anarquistas entre 1917 e 1919 levava a apoiar ações revolucionárias baseadas nos trabalhadores. Assim, Ribeiro acreditava nessa proximidade do sovietismo com o movimento sindicalista no Brasil. E se os anarquistas aqui apoiavam as ações dos sindicalistas revolucionários, porque não declarar apoio a uma revolução baseada nos soviets, que eram verdadeiras organizações operárias?

Ainda na citação apresentada acima, Ribeiro escreve que o sovietismo é um dos méritos do “bolchevismo”, e que este mérito deve ser reconhecido por aqueles que não aceitam o “bolchevismo”. Podemos então perceber que existiam, entre os anarquistas, aqueles que não aceitavam o bolchevismo, mas são adeptos do sovietismo.

Cabe-nos também discutir o que era esse “bolchevismo”, termo que vinha sendo empregado nesses jornais. Pude notar que, em 1917 e 1918, o termo “massimalismo” era mais empregado e a partir de 1919 o termo “bolchevismo” vinha assumindo o lugar de “massimalismo”. No número 18 do jornal *Spartacus*, Ribeiro<sup>183</sup> define e diferencia os termos “bolchevismo”, “anarquismo” e “sindicalismo”. Para ele, o anarquismo é base, a doutrina e age nas consciências e nos “espíritos” como uma religião e “nada tem a ver com organização sindical ou interesses econômicos”. O fim do anarquismo é educar. O sindicalismo seria a organização prática e econômica do regime comunista. O fim do sindicalismo é organizar o trabalho, é organizar a produção para que nada falte na sociedade “comunista-anarquista”. Já o bolchevismo, também chamado por ele neste texto de “massimalismo” e “espartacismo” significa “ação, preparação, organização revolucionária para a destruição violenta da sociedade capitalista, burguesa e instituição de um poder proletariano, - a ditadura operária. sovietismo é a organização econômica desta fase transitória do governo dos proletários”. O bolchevismo é a ação, a forma de se chegar ao anarquismo. “É a guerra para se chegar à paz<sup>184</sup>”. Desta forma, reconhecendo no texto que o objetivo do “bolchevismo” é obter um “poder proletariano” através da ditadura, no fim, o bolchevismo é mais um método para se chegar à anarquia.

---

<sup>183</sup> Militante Anarquista português, autor literário e jornalista. Cf. <https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/01/manuel-ribeiro.pdf>. Acesso em: 09/10/2015.

<sup>184</sup> RIBEIRO, Manuel. O Que é Sovietismo. *Spartacus*: 29/11/1919, nº 19, p. 3.

Ribeiro então acredita que o bolchevismo é o único método possível a ser utilizado na Rússia ao argumentar: “de umas, uma: ou evolução de colaboração com a burguesia, ou revolução armada com o povo contra a burguesia”. Desta forma, os métodos utilizados pelos bolcheviques são justificáveis em sua opinião. Ainda assim, considera esses termos apenas “rótulos”. “Chama-te então o que quiseres – bolchevista, sovieta, anarquista, sindicalista, rebelde, revoltado, maximalista, - és um camarada, és um irmão”. Ele finaliza o artigo demonstrando que um “sovieta”, “bolchevista” ou um “anarquista” ou “sindicalista” eram todos “irmãos”, merecendo então os “sovietas” ou “bolchevistas” russos o apoio dos anarquistas.

O termo “bolchevismo” e “sovieta” continua a ser discutido dentro do jornal *Spartacus*. No número 19, Oiticica escreve sobre a relação entre anarquistas e bolchevistas. Ele se utiliza de um documento, uma carta enviada pelo escritor anarquista russo Kropotkin a Jorge Brandes, publicada em *L’ Humanité* para discorrer sobre a Rússia e os bolcheviques. Segundo Oiticica, Kropotkin é “o escritor que mais profundamente penetrou na futura organização anárquica e mais compreende o papel do povo nessa organização de comunas livres<sup>185</sup>”. Então escreve que Kropotkin, como anarquista, “sabe muito bem que o bolchevismo está longe ainda de realizar a sociedade anárquica<sup>186</sup>”.

Sobre a questão de poder, escreve que o poder bolchevique concentrou-se na ação dirigente, sendo em certo ponto “oposto” ao anarquismo. Ainda assim, no texto, há uma justificativa à ditadura do proletariado, pois caso contrário a Rússia sucumbiria: “é necessário obter os meios em qualquer parte, e somente a ditadura de um governo comandante realizará semelhante objetivo e resolverá todos os problemas<sup>187</sup>”. Continua: “A autonomia imediata das comunas teria sido a morte da Revolução Russa<sup>188</sup>”. Aqui vemos um anarquista declarar que o momento pede uma ditadura para defender a Revolução. Mas ele crê que o anarquismo virá em algum momento na Rússia. “A organização verdadeiramente sovieta, anarquista, só virá depois da vitória decisiva do proletariado em toda a terra”. Acredita ainda que todos os anarquistas “estão de acordo nesse modo de encarar a Revolução Russa”. Oiticica acreditando que o bolchevismo, indo por vezes em direção contrário ao anarquismo, acaba aceitando seus métodos, pois a ditadura se mostra necessária neste momento na Rússia. O anarquismo de imediato seria levaria a revolução à “morte”.

---

<sup>185</sup> OITICICA, José. O Que São. *Spartacus*: 06/12/1919, RJ, nº 19, p. 1.

<sup>186</sup> Ibid.

<sup>187</sup> Ibid.

<sup>188</sup> Ibid.

Essa visão de Oiticica reforça mais uma vez a nossa tese de que, mesmo se tendo conhecimento das divergências entre o processo revolucionário russo e os métodos bolcheviques, houve uma escolha tática por parte dos anarquistas em apoiar a revolução. Uma das justificativas usadas por Oiticica para a manutenção do Estado e da ditadura bolchevique é a guerra que a Rússia enfrenta:

A Rússia bolchevista não conseguiu ainda a paz interna e externa. Continua, forçadamente, nação guerreira, nação em guerra, cercada de adversários, constrangida a manter em fogo centenas de milhares de homens, a vesti-los, alimentá-los. Municia-los, dia e noite.

Então, apesar das distâncias entre os bolcheviques e os ideais anarquistas, o momento traz a necessidade de apoiá-los, pois eles enfrentam “os ataques desesperados do capitalismo universal”.

Ainda no periódico *Spartacus*, de número 11, há um texto de um anarquista estrangeiro chamado Sebastian Faure<sup>189</sup>, feito especialmente para o jornal *Spartacus*. Faure argumenta que a burguesia considera o bolchevismo como algo “ruim” e busca atacar o bolchevismo. Isto leva Faure a achar o bolchevismo algo bom, pois está a lutar contra o inimigo em comum dos anarquistas: “a burguesia”. Mas diz ter razões para “não regatear ao Bolchevismo nem minhas simpatias, nem a minha confiança<sup>190</sup>”, já demonstrando certa cautela a ser tomada pelos anarquistas em relação ao bolchevismo.

Porém, Faure acredita que o bolchevismo que vem construindo uma nova Rússia, chamada por ele de “anti-gerreira” e comunista. E acredita que com isso, virá a paz no interior e exterior, completa e geral. Afirma não poder precisar a atitude dos anarquistas em relação aos bolchevistas, pois não se chegou um acordo entre os anarquistas. Mas ele pode exprimir as opiniões pessoais. Faure escreve que combate toda e qualquer ditadura, pois de outro modo não seria anarquista. Mas, certas situações podem exigir “certos procedimentos” que tem por objetivo “a realização do seu Ideal ou o encaminhamento dessa realização”. Assim, Faure chega à seguinte conclusão:

Em virtude de um raciocínio análogo, admito a necessidade, para a Revolução Russa, de estabelecer, por certo tempo, a Ditadura do Proletariado. Surgida porém, fatalmente, de circunstancia excepcionais, esta ditadura não deve sobreviver às

---

<sup>189</sup> Anarquista Francês, escritor de diversas obras e interessado na pedagogia libertária.

<sup>190</sup> FAURE, Sebastian. O Bolchevismo e a Atitude Anarquista. *Spartacus*. 11/10/1919, RJ, nº11, p. 1.

circunstancias que a geraram, e si a Ditadura bolchevista não cessar desde que se torne dispensável o dever dos anarquistas será atacá-la então<sup>191</sup>.

Faure apresenta uma condição para que os anarquistas apoiem a ditadura e esta condição é atacar a ditadura assim que ela se mostre desnecessária. Importante notar que ele relaciona a ditadura diretamente aos bolcheviques a nomeando de “ditadura bolchevista”. A desconfiança com a ditadura é notória em Faure, e apóia a ditadura somente como uma “necessidade”. Podemos também perceber que a ditadura é diretamente relacionada aos bolcheviques. Estes são os defensores e os que praticam esta ditadura. Um anarquista deve combater a ditadura, de acordo com Faure, mas a necessidade leva a apoiar os bolcheviques.

Há ainda outros textos em *Spartacus* que procuram basicamente demonstrar os feitos positivos dos bolcheviques na Rússia e demonstrar apoio a eles. É o caso do texto sobre o sistema educacional que vinha se desenvolvendo na Rússia bolchevique, com o título de conotação irônica *A Barbárie Bolchevique*. Esse texto responsabiliza os bolcheviques pela transformação positiva do sistema educacional na Rússia. De acordo com Boris Souvarine<sup>192</sup>, “os bolchevistas, se não fizessem mais do que já o fizeram, desde muito viveram o bastante para que a Historia registre a sua obra como uma etapa capital do esforço humano para o progresso e a civilização. Porque eles não somente *decretaram*<sup>193</sup> a educação: *organizaram-na!*<sup>194</sup>”. O texto prossegue ocupando quase que completamente a página 4 do jornal, falando sobre as maravilhas do sistema educacional da Rússia bolchevique, e continua no número seguinte do jornal. No subtítulo desta mesma matéria está escrito: “A educação, as letras, as ciências, as artes na República dos Sovietes”, nos levando a entender que eram variados as matérias ensinadas no sistema educacional russo. Para os militantes libertários, a educação é um fator positivo na nova sociedade socialista. Através da instrução da sociedade, esta poderia ser esclarecida sobre os males do capitalismo e ter o poder de se libertar de toda forma de opressão. Ainda na mesma matéria, é apresentado o fato dos operários também terem acesso ao conhecimento. Segundo o texto, “há também muitos cursos para os operários, onde estes aprendem os conhecimentos gerais acerca do seu ofício, para que deixem de ser

---

<sup>191</sup> Ibidem.

<sup>192</sup> Nascido na Ucrania em 1985, mudou-se para Paris antes da Revolução Russa e tomou nacionalidade francesa. Participou do Movimento Comunista Francês e fez críticas ao Partido Comunista da União Soviética sob a direção de Stálin. Cf: <http://www.critique-sociale.info/67/les-vies-de-boris-souvarine/> Acessado em 09/10/2015 às 13: 28.

<sup>193</sup> O destaque em itálico também está presente na fonte original. O mesmo vale para a palavra “organizaram-na” ao final da frase.

<sup>194</sup> SOUVARINE, Boris. A Barbária Bolchevista. *Spartacus*, nº 11, p.4.

simples máquinas que executam o trabalho sem compreenderem<sup>195</sup>”. Com esta frase, busca-se destacar o papel da educação na libertação do trabalhador, para que este não seja apenas uma “máquina”, mas que possa compreender o seu trabalho e seu papel na sociedade.

Há duas matérias, respectivamente nos números 13 e 14 do jornal, que tratam de exaltações ao bolchevismo. Essas matérias mostram o animo dos anarquistas do período em relação ao chamado bolchevismo. A primeira, João Humilde<sup>196</sup>, sob o texto de título *Sou Bolchevista*, acredita que: “O bolchevismo é a Fenix da fabula, jamais deixará de existir, aprofundando e alastrando cada vez mais as suas raízes prolíferas<sup>197</sup>”. Podemos perceber nesse texto uma maior identificação de um militante brasileiro com os bolcheviques, a ponto de se auto-intitular um “bolchevista”. Como não temos informações sobre esse autor, não podemos afirmar que o mesmo era anarquista. Já no número seguinte do jornal, quem assina a Matéria intitulada *Do Bolchevismo* é Fernando Rosalba<sup>198</sup> chama aos operários a aprenderem com os bolcheviques:

Operários! Povo Trabalhador! Servos da gleba! – Aprendei a venerar os vossos irmãos russos, que são os grandes redentores da humanidade que sofre e que tem fome! Eles são as únicas almas verdadeiramente grandes e audazes que ainda foi dado ao mundo rotineiro e egoísta procrear! Aprendei com eles o espírito do sacrifício e o entusiasmo santo dos heroes!<sup>199</sup>

Rosalba coloca os bolcheviques, que são “redentores da humanidade”, como um grupo que deve servir de inspiração aos trabalhadores, que devem aprender com eles. Na página 3 do n° 15 há uma matéria assinada por Charles Rappoport<sup>200</sup> intitulada *A Mentira Oficial: O livro Branco Inglês sobre o bolchevismo*, onde se fala de um livro inglês intitulado *O Bolchevismo*, no qual Rappoport chama também de *Livro Branco*. Segundo ele, este livro contém “fábulas” como a da “socialização de mulheres” e a culpabilidade dos judeus sobre a vitória dos bolcheviques, omitindo as causas do “terror vermelho”<sup>201</sup>. Rappoport chama a atenção para as mentiras criadas pela “burguesia” sobre os bolcheviques. O mesmo busca fazer Astrojildo Pereira em seu periódico *Crônica Subversiva*.

---

<sup>195</sup> Ibid.

<sup>196</sup> Possivelmente um pseudônimo.

<sup>197</sup> HUMILDE, João. *Sou Bolchevista*. Spartacus: 25/10/1919, n°13, p. 3.

<sup>198</sup> Não encontramos informações sobre o mesmo. Possivelmente um pseudônimo.

<sup>199</sup> ROLSABA, Fernando. Spartacus: 01/11/1919, n° 14.

<sup>200</sup> Russo emigrado na França e pertencente ao Partido Comunista Francês. In: <https://www.marxists.org/glossary/people/r/a.htm#charles-rappoport>. Acessado em 28/09/2015 às 10:40.

<sup>201</sup> RAPPOPORT, Charles. *A Mentira Oficial: O livro Branco Inglês sobre o Bolchevismo*. Spartacus: 08/11/1919, n° 15, p. 3.



A primeira matéria do jornal sobre Revolução Russa aparece no nº 1, em um artigo chamado *Catonismo de salafários*<sup>202</sup>. Nesta matéria, Astrojildo já relata como a chamada “imprensa burguesa” trata a situação na Rússia. Astrojildo cita os telegramas de New York Times e Londres, onde se afirma que Lênin, Kamenev, Trotsky e Gorki, personagens da revolução Russa e membros do Partido Bolchevique, excetuando Gorki, teriam acumulado grandes fortunas e depositado em bancos estrangeiros. Astrojildo faz questão de se contrapor a “imprensa burguesa”. Ele trata essas matérias que noticiam que líderes russos enriquecem enquanto o povo morre de fome como caluniosas. Segundo as matérias citadas por Astrojildo, esses líderes mencionados depositaram milhões em bancos estrangeiros. Contra-argumenta ao afirmar que nenhum banco aceitaria dinheiro “roubado” de outro banco.

Com esta matéria, ele ataca a “imprensa burguesa” e defende os personagens do então chamado massimalismo. Em 1918, usando o pseudônimo de Alex Pavel, Astrojildo lança uma brochura intitulada *A Revolução Russa e a Imprensa*<sup>203</sup>, lançado no Rio de Janeiro em 1918. Também foi publicado trecho dessa obra em alguns jornais proletários. Para ele, existe uma unanimidade na imprensa burguesa, “afinada pelas mesmíssimas cordas da ignorância, da mentira e da calúnia<sup>204</sup>”. E continua: “Saudada quando rebentou e deu por terra com o tzarismo dominante, a Revolução Russa é hoje objeto das maldições da nossa imprensa, que nela só vê fantasmas de espionagem alemã, bicho perigoso de não sei quantos milhões de cabeças e garras”.

Esse caso de “espionagem alemã” se refere ao episódio de Lênin, que, no momento em que a Revolução Russa de fevereiro ocorreu, encontrava-se exilado na Suíça, e contou com a ajuda alemã para chegar à Rússia<sup>205</sup>. A imprensa burguesa usava este acontecimento para acusar Lênin de complô com o governo alemão, e o chamava de agente do Kaiser. Astrojildo se dedicou a desmentir tal argumento e considerou aspectos que vinham ocorrendo na Rússia como a socialização da propriedade, entrega de terra aos lavradores e das fábricas aos operários, indício de um caráter libertário da Revolução<sup>206</sup>.

E ainda neste texto, Astrojildo lança críticas ao jornal *A Razão*. Escreve que dentre todos os jornais do mundo, os que mais têm divulgado coisas ruins sobre o bolchevismo é o jornal “A razão”. Ele diz que este jornal é dirigido por um “energúmeno cômico e notório

---

<sup>202</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Catonismo de Salafários*. Crônica Subversiva, Rio de Janeiro, 01/06/1918, nº01, p. 2.

<sup>203</sup> PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa*. In: BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Ano Vermelho. A revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 405.

<sup>204</sup> Ibidem.

<sup>205</sup> PIPES, Richard. *História Concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 127

<sup>206</sup> PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa*. In: BANDEIRA, *op.cit.*, p. 420.

profeta e papa espírita, semi-louco, um pouco menos que um analfabeto<sup>207</sup>”. Mas diz que este jornal tem certa popularidade. Para Astrojildo, “a sua fobia antimassalista é odiosa, pois se espalha na massa proletária, “ludibriando-a e enganando-a<sup>208</sup>”. Um jornal que, segundo Astrojildo, diz ser criado para as classes trabalhadoras, mente. Astrojildo se preocupa com as críticas deste jornal, pois, segundo ele, um jornal que se diz para os trabalhadores não deveria criticar Lênin, pois ao fazer tal ato, está em consonância com a burguesia ao lançar o que ele considera mentiras sobre Lênin. Esse trecho do texto criticando o jornal *A Razão* também foi publicado em outro jornal operário: O jornal *Spartacus*, nº 15, sob o título de *Os maximalistas e os escribas da 'Razão'*.

Ainda sobre jornais burgueses, no nº 11, Astrojildo lança um texto intitulado *Lênine*. Diversos jornais, que ele chama de “órgãos da burguesia”, estavam comemorando a morte de Lênin, que teria sido assassinado por uma mulher. Mas, informações posteriores já relatavam que Lênin estava vivo. Esse episódio é um fato que ocorreu em 30 de agosto de 1918. Ele ficou debilitado, porém sobreviveu. Um desses jornais teria comentado sobre o fato de Lênin não ter sobrevivido: “vaso ruim não quebra<sup>209</sup>”.

No número 12 de *Crônica Subversiva* ele volta ao assunto da suposta morte de Lenin. Compara duas matérias: a do atentado contra Lenin e a do fuzilamento da ex-czarina. O atentado contra Lenin foi comemorado, enquanto esses jornais se indignavam pelo fuzilamento da czarina. Astrojildo escreve que entende a raiva que Lenin desperta a esses jornais, porém, não entende a comoção pela czarina, que sempre teve uma “ação social nefasta” e “nefasta até para os interesses da própria causa que esses jornais são campeões<sup>210</sup>”.

E no penúltimo número do jornal, nº 15, sob o título de *Os mártires*, Astrojildo se utiliza do tom irônico ao mencionar uma “certa gazeta” que falava sobre o martírio que a burguesia russa vinha passando. Com bastante ironia, se pergunta qual seria este martírio:

Generalizava-se a matança das cândidas criaturas burguesas, das brandas criaturas burguesas de Petrogrado e Moscou? Esquartejavam-se e queimavam-se veneradas matronas e pulcras donzelas da burguesia? Estariam os filhos de burgueses, crianças tenras de berço e peito, sendo cozinhadas e ensopadas para almoço e regalo de truculentos e vorazes massimalistas da guarda vermelha? Não. Não era nada disso amigos. O martírio da burguesia russa que provocou as lágrimas e os anátemas da gazeta burguesa cá do Rio de Janeiro, consistia nisso: os malvados sequazes de

---

<sup>207</sup> Ibidem, p. 421.

<sup>208</sup> Ibidem.

<sup>209</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Lênine. Crônica Subversiva*, RJ, 07/09/1918, nº 11, p. 3.

<sup>210</sup> PEREIRA, Astrojildo. Quanto a Mim. *Crônica Subversiva*, RJ, 14/09/1918, RJ, nº12, p.4.

Lénine e Trotski obrigavam os burgueses a trabalharem e negavam alimentos aos burgueses que não exibissem as respectivas cadernetas de trabalho”. Maldição das maldições! Obrigar pessoas de tão fino trato, cavalheiros de mãos finas e damas de alvas mãos suaves, a empunharem grosseiros instrumentos de trabalho e contribuírem para o aumento e regularidade da produção! Pobres burgueses! Indefesos e desgraçados mártires da Civilização e do Direito!... Nada mais, nada menos<sup>211</sup>.

Para Astrojildo, é um exagero os grandes jornais tratarem o fato de que os burgueses russos estivessem sendo obrigados a trabalhar. Com essas matérias, ele acreditava que o que vem sendo transmitido pela “imprensa burguesa” é falso. Acredita na necessidade de uma versão diferente da contada pelos jornais burgueses, respondendo e comentando os artigos saídos nessa imprensa. Desta forma, as matérias sobre os bolcheviques que saiam na grande imprensa mereceram atenção especial de Astrojildo.

---

<sup>211</sup> PEREIRA, Astrojildo. Os Mártires. *Crônica Subversiva*. 05/10/1918, nº15, p. 3.

## CAPÍTULO III: A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA DE 1920 A 1922

Se o período de 1917 a 1920 foram anos de agitação do movimento operário, em 1920 a repressão começará a se intensificar. Os anarquistas continuaram presentes na cena operária e participando dos sindicatos, mas com uma redução em seu movimento. Para esta redução, a principal causa é tida como a repressão policial que se abateu sobre o movimento após a ascensão das lutas operárias e do movimento anarquista em fins da década de 10 do século XX. Mesmo assim, apesar dessa redução de atividades, o movimento anarquista continuou ativo até o final da década de 1920. O anarquismo nunca desapareceu totalmente de cena no Brasil, mas a partir de 1930 perderá praticamente sua influência sobre o movimento operário.

É em fins de 1919 e início de 1920 que começam as primeiras críticas à Revolução Russa por parte dos anarquistas. Se no período entre 1917 e 1920 os anarquistas apoiaram a Revolução Russa, mesmo tendo ressalvas a fazer em alguns aspectos do processo revolucionário, é durante o início da década de 1920 que observamos declarações de que anarquistas não devem se manifestar favoráveis a este acontecimento.

### 3.1 - Ditadura do Proletariado

O tema *ditadura do Proletariado* será debatido nos jornais operários do Rio de Janeiro, principalmente entre finais de 1919 e 1922. Apesar de em 1917 e 1918 já se ter conhecimento da manutenção do Estado pelos revolucionários russos, se tinha cautela ao usar o termo “ditadura” para se nomear o que vinha ocorrendo na Rússia. A maior aparição dos termos “ditadura” e sua discussão em 1919 representavam uma mudança em relação aos anos 1917 e 1918. Se antes não se conhecia ou se evitava comentar o tema, agora falar em revolução, sovietes e bolcheviques quase sempre era debater também ditadura. Apesar de 1917 e 1918 os anarquistas terem conhecimento de que a Revolução Russa não era uma revolução anarquista, acreditavam em uma maior proximidade com os estes ideais. A partir de 1919 uma diferença fundamental era colocada em relação aos princípios de liberdade anarquistas: “a ditadura proletária”.

Um dos jornais onde o tema “ditadura” é bastante debatido é no periódico *Spartacus*. Neste jornal, apesar de algumas matérias apresentarem críticas à ditadura, reconheciam a necessidade de apoio a ela, pois o contrário seria o fim da revolução. Desta forma, apesar de algumas ressalvas feitas pelos anarquistas, as finalidades dos textos eram de justificar a

ditadura. O primeiro texto sobre o tema aparece na edição de nº 5 do jornal, de data de 30 de agosto de 1919, sob a autoria de Roberto Feijó<sup>212</sup>.

O autor escreve que o termo “ditadura proletária” foi, ‘evidentemente’, criado pela burguesia, pois para ele, era a burguesia que sentia interesse em identificar o regime proletário instituído na Rússia de ditadura. Feijó afirma que esta ‘técnica’ da burguesia deu certo, pois diversos partidos burgueses e até mesmo partidos socialistas estariam chamando o regime russo de anti-democrático e ditatorial. Feijó relata que o termo “ditadura do proletariado” passou para a imprensa libertária, que tem levado este termo a sério, o que ele considera errôneo por parte desta imprensa.

Chamando à situação Russa – ditadura proletária – como temos feito muitas vezes, embora com a simpatia e o encantamento que a burguesia, naturalmente não conhece – cometemos uma irremediável tolice. Porque, a verdade é que, na Rússia maximalista, não há, nunca houve ditadura proletária. O que há na Rússia dos soviets é, simplesmente, o predomínio de uma classe, o predomínio da classe trabalhadora na direção geral da paiz. Ora, a isso, não se pode em boa razão, chamar ditadura<sup>213</sup>.

Feijó então não acredita ter problema em existir o domínio de uma classe sobre a outra na Rússia. Não tenta, contudo, relacionar esta experiência com o anarquismo, sendo o próprio Feijó um anarquista. Mas também não admite que se chame o que se passa na Rússia de ditadura. A definição apresentada por Feijó de Ditadura é “o governo de um ou de poucos, todos os poderes e todas as forças reunidos nas mãos de um só homem, ou de um grupo de homens<sup>214</sup>”. Segundo Feijó, isto não ocorre na Rússia, pois lá os cargos públicos são exercidos pelos trabalhadores reunidos nos soviets. O predomínio da classe proletária não poderia ser considerado ditadura.

Por último, Feijó levanta a hipótese de que se possa sim se nomear o que vem ocorrendo na Rússia como ditadura, com a seguinte condição: “Se a Rússia é uma ditadura proletária, todos os demais países do mundo não passam de ditadura burguesas. Mas, ainda neste caso, o que se dá é o predomínio de uma classe chamada – burguesia – sobre uma outra classe chamada – proletariado<sup>215</sup>”. Sob esta análise ele proclama que abomina a ditadura

---

<sup>212</sup> Roberto Feijó é um advogado brasileiro anarquista. Ensinou aos operários na escola Moderna de São Paulo fundado por outro anarquista de renome: Florentino e Carvalho. In: RÓDRIGUES, Edgard. *Os Companheiros 5*, Florianópolis: Insular, 1998, p. 115.

<sup>213</sup> FEIJÓ. Ditadura Proletária. *Spartacus*, 30/08/1919, RJ, nº 5, p. 2.

<sup>214</sup> Ibid.

<sup>215</sup> Ibid.

burguesa e admira a ditadura proletária, sendo esta “a única justa”. Desta forma, apesar de começar o texto acreditando no termo “ditadura proletária” como uma criação burguesa para denegrir o movimento russo, ao final ele abre a possibilidade de considerar o que vem ocorrendo lá como uma ditadura, caso considere os governos capitalistas igualmente como ditatoriais. Desta forma, ele passa a admirar a ditadura proletária. Apesar da descrença de Feijó por uma possível ditadura na Rússia, ele, abre a possibilidade de apoio a esta ditadura. Note-se bem que o apoio a ditadura é por ela ser uma ditadura “proletária”, de trabalhadores. Seria na concepção dele, a única ditadura justa.

A preocupação com a questão da Ditadura do Proletariado que vem ocorrendo na Rússia volta a aparecer no nº 18 do jornal, de 29 de novembro de 1919. Sob o título *Os Anarquistas Italianos e a Dictadura Proletária*<sup>216</sup>, em matéria não assinada, apresenta o fato de que anarquistas italianos organizados ou não em federações anarquistas, se reuniram em meados de setembro de 1919 para discutir o assunto da ditadura do proletariado. O jornal relata que foi aprovada uma moção sobre o tema.

Segundo esta moção, diante da ditadura do proletariado, os anarquistas devem se portar como a extrema esquerda do movimento revolucionário. Devem continuar propagando suas idéias e ficando na oposição do novo poder, sem perder de vista que devem se empenhar igualmente a “defender a revolução a todo custo<sup>217</sup>”, seja qual for a orientação desta revolução, contra forças reacionárias. Ainda de acordo com esta moção, os anarquistas não devem se esquecer que o capitalismo e seus governos são os principais inimigos. Neste texto, ao contrário do primeiro, os anarquistas reconhecem a existência de uma ditadura na Rússia. Os anarquistas acreditam que devem ficar na “oposição” ao “novo poder”, ou seja, oposição à ditadura. Mas ao mesmo tempo, devem defender a revolução e acreditam que primeiramente, aqueles que devem ser derrotados são os “capitalistas”. Reconhecendo a existência de uma ditadura na Rússia e que isto representa divergências com os ideais anarquistas, a moção indica que em um primeiro momento deve se derrotar a burguesia.

Mas nem todos os anarquistas compartilharam desta posição. É o caso de Isidoro Augusto<sup>218</sup>. Ele começa o texto reconhecendo a “multiplicidade” de opiniões entre os anarquistas sobre a Ditadura do Proletariado. Ele se nega a classificar a ditadura na Rússia como “mal transitório”, pois a ditadura seria uma “medida aceitável transitoriamente”, e não um mal, pois caso contrário seria reconhecer um mal que não existe, dando crédito ao

---

<sup>216</sup> OS ANARQUISTAS Italianos e a Dictadura Proletária. *Spartacus*. 29/11/1919, RJ, nº18, p. 1.

<sup>217</sup> Ibid

<sup>218</sup> Operário, ator e militante anarquista. In: RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Vol. 2. Rio de Janeiro, VJR, 1995.

discurso burguês. De acordo com Augusto, só há duas formas de classificar a ditadura russa: Ou muito socialista ou muito anti-socialista. Se a ditadura for socialista, os anarquistas devem apoiá-la. Se anti-socialista, devem combatê-la. Augusto crê na primeira opção, acreditando então ser “obrigado a aceitar como princípio” a ditadura.

Na opinião de Augusto, ditaduras já existiam antes da revolução na russa, não sendo obra exclusiva dos revolucionários de lá. Como estão os proletários no poder, o que existe é a ditadura do proletariado, mas antes já existia a ditadura burguesa. Desta forma, a ditadura do proletariado teria um objetivo: “a supressão de todas as classes”. A consequência da ditadura do proletariado é “o desaparecimento de todas as formas de ditadura”, que seria “a aspiração suprema do ideal”.

Augusto passa a considerar a ditadura russa como uma “ditadura anarquista”, pois esta ditadura levaria o desaparecimento de todos os tipos de ditadura.

A ditadura tem um fim e só existe acidentalmente. Com consequência lógica, muito socialista pela luta pela supressão das classes. Receios das consequências da ditadura? Absolutamente nenhum. As consequências constituem a aspiração suprema do ideal – o desaparecimento de todas as formas de ditadura. Vendo que a ditadura proletária é genuína consequência da luta de classes, eu, como anarquista, escola socialista que sempre se mostrou irredutível como partidária dessa luta, concluo, sem receio de metáfora, que a ditadura tem mais de anarquista do que de marxista. E como tal, quando interrogado sobre a minha atitude para com ela, direi: não tenho atitudes a tomar. A nós, que não queremos o socialismo pela colaboração de classes, a ação leva-nos forçosamente à ditadura sem outra perspectiva<sup>219</sup>

Ainda assim, Augusto tem ressalvas: “O que eu lamento, na Revolução Russa, é a centralização cujo uso pode se tornar abusivo<sup>220</sup>”. Mas ele diz que esta centralização não tem a ver com a Ditadura, pois enquanto a centralização é medida excepcional da Revolução, a ditadura é medida normal da revolução. Ou seja, em uma revolução o surgimento de uma ditadura é uma medida considerada normal, recorrente. Mas a centralização não está ligada com a ditadura. Uma ditadura é de uma classe: a do proletariado. A centralização é feita por um grupo, sendo esta centralização desnecessária à revolução. Mas apesar da ditadura ser medida normal da revolução, não é medida normal do socialismo. Ele termina especulando que: “A centralização pode desaparecer (suponhamos isto) com o levantamento do bloqueio,

---

<sup>219</sup> AUGUSTO, Isidoro. Em Torno das Dictaduras. *Spartacus*, 13/12/1919, n° 20, p. 1.

<sup>220</sup> Ibid.

ou melhor, com a paz que os bolchevistas oferecem aos aliados. O desaparecimento da ditadura depende do alastramento da revolução pelo universo<sup>221</sup>”.

Augusto acredita que a ditadura não é incompatível com o anarquismo, pois a consequência desta ditadura é a realização suprema do ideal: o desaparecimento de todas as ditaduras. O que ele teme na Rússia é a centralização, que segundo ele, nada tem a ver com a ditadura. A ditadura é necessária a revolução e ao anarquismo.

Percebemos que esta visão de Augusto é contrária a matéria apresentada anteriormente no jornal *Spartacus – Os Anarquistas Italianos e a Ditadura Proletária*. Enquanto nesta matéria a posição dos anarquistas seria de “extrema esquerda” fazendo oposição à ditadura ao mesmo tempo em que busca apoiar a revolução, a posição de Augusto é de que a ditadura é medida normal da revolução e necessária a obtenção do anarquismo. As consequências da ditadura não são negativas, mas ao contrário, levariam ao anarquismo. Então Augusto apóia não só a ditadura que ocorre na Rússia, mas acredita na ditadura como um desenvolvimento normal a uma revolução em todo o mundo e afirma não existir “outra perspectiva” para a revolução baseada na “luta de classes”.

Marcos Aurélio Santana Rodrigues em sua Dissertação de Mestrado afirma existirem dois tipos de discurso sobre a Ditadura do Proletariado: Os contrários e os favoráveis<sup>222</sup>. Mas acredito existirem na verdade uma multiplicidade de opiniões sobre a ditadura. Há anarquistas que apóiam, mas fazem ressalvas. Há aqueles que são contra, mas acreditam ser necessário apoiá-la no momento. Há os que são totalmente favoráveis, como no caso de Augusto. A divisão entre apenas dois grupos simplifica análise, ocultando as particularidades dos diferentes argumentos utilizados pelos anarquistas para debater sobre a revolução. Se podemos considerar que até o momento analisamos os discursos “favoráveis” à ditadura, percebemos que os argumentos utilizados para se apoiar esta ditadura divergem. Como no caso de Augusto, que considera a ditadura anarquista e o texto sobre os anarquistas italianos, que acreditam que os anarquistas devem permanecer na oposição a ditadura, mas ao mesmo tempo defender a revolução, pois os principais inimigos são a burguesia. Também há o caso de Feijó, que acredita não poder chamar o que ocorre na Rússia como uma “ditadura”.

No caso do artigo de A. Correa, ele difere a “ditadura partidária” que acredita ocorrer na Rússia da “ditadura proletária”, esta última defendida por ele. Este artigo feito por A.

---

<sup>221</sup> Ibid.

<sup>222</sup> RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas Páginas dos Periódicos. Comparando práticas discursivas anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o início da década de 1920*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 141.



Correa<sup>223</sup> é publicado no periódico *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista* corresponde ao ano de 1920.

Ele começa o texto argumentando: “Não aceito, como combato a idéia que da ditadura proletária fazem os revolucionários políticos adeptos da transformação social”. A. Correa se identifica como libertário no próprio texto quando diz, “Seria um erro clamoroso nós, libertários, aceitar o Estado sovieta, tal como existe na Rússia, se ele é essencialmente contrario a idéia capital do anarquismo<sup>224</sup>”.

Aqui ele recorre ao anarquismo. Sua identificação com o anarquismo o leva a se posicionar contrariamente a ditadura. Seu argumento é de que na Rússia não ocorreu de fato uma “revolução social”, mas sim uma insurreição armada. Para ele, uma ditadura de edificação socialista e de destruição do capitalismo é coisa diversa de uma ditadura dirigida por um partido comunista. Esta seria uma ditadura sobre o próprio proletariado. Para A. Correa, existiria uma necessidade de uma luta no campo econômico e social, que não era o que vinha ocorrendo na Rússia bolchevista.

Essas duas formas de ditadura, a primeira, realizada no plano político por um partido comunista e a segunda, uma ditadura social que gira sob o aspecto econômico, são contraditórias, de acordo com Correa. A primeira deve ser combatida. A segunda será “forçoso de aceitar, como meio de realização do comunismo racional”. Para tal, é necessária a organização do trabalhador, através de sindicatos. O “comunismo racional” será realizado por meio da luta de classes. A. Correa termina argumentando:

A consciência de classe que ai o proletariado adquire se irá exercitando no sentido de expropriar o poder econômico da burguesia, dando á luta uma feição extremamente social e, portanto, mais libertária. Se assim for, cooperamos para uma revolução social. Do contrario, os esforços serão anulados, porque nada positivo, com eles, conseguiremos. A ditadura do proletariado deve ser, mesmo, do proletariado sobre os capitalistas e não de um partido sobre o proletariado, como sóe (sic?!) acontecer na Rússia<sup>225</sup>.

Desta forma, a ditadura que vem ocorrendo na Rússia é, segundo Correa, uma ditadura dirigida por um partido comunista e não uma ditadura feita por trabalhadores. A Revolução Russa na verdade foi uma “insurreição armada”. Mas ainda assim, Corrêa não nega totalmente

---

<sup>223</sup> Que possivelmente se trata de Antônio Correa, um militante anarquista nascido em Portugal. Cf: RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas Páginas dos Periódicos. Comparando práticas discursivas anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o início da década de 1920*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 143.

<sup>224</sup> CORREA, A. *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*, RJ, 16/12/1920, nº 1, p. 3.

<sup>225</sup> Idem.

a idéia de uma ditadura. Para ele, pode ser necessária, em uma revolução, uma “ditadura social”. Será um meio “forçoso de aceitar” para se realizar o que ele chama de “comunismo racional”. O que vem ocorrendo na Rússia na verdade é uma “ditadura política”, o que não deve ser aceita de forma alguma. O que ele combate é a ditadura russa e não a ditadura proletária. Corrêa acredita que os trabalhadores devem se organizar em sindicatos. Este é o principal ponto de divergência, pois, de acordo com ele, a ditadura russa é política e não sindical. Os principais focos para a revolução são os sindicatos. Podemos ler em seu texto:

Esta é a verdadeira obra revolucionária. É preciso tirar os nossos sindicatos do atoleiro reformista a que tendem a cair, interessando-se exclusivamente em problemas corporativos, como aumento de salários, e fazê-los rumar ao “comunismo racional” por intermédio da luta de classes no próprio local em que os operários sentem o tamanho e a extensão da exploração capitalista legalizada pelo Estado<sup>226</sup>.

O sindicato é colocado como o único método de organização válida. A luta partidária, como diz Correa, pode cair no “atoleiro reformista”. O processo revolucionário russo é criticado por se ater, segundo sua interpretação, demasiadamente na luta partidária, levando a criação de uma “ditadura política”.

Outra matéria do periódico *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista* que trata de combater a ditadura é o texto de Antônio Trotte, no número 3 do jornal. Como na matéria de A. Correa, no 1º número, a ditadura é novamente atacada como algo incompatível aos anarquistas. Mas, diferente de A. Correa, Antonio Trotte não está disposto a aceitar uma ditadura de classe tanto quanto não está disposto a aceitar uma ditadura partidária. Ele pergunta: “porque julgar com antecedência necessária uma ditadura de uma classe para obrigar as demais a serem felizes?” E prossegue,

Aproveite-se, sim, todas as oportunidades para um movimento decisivo, mas antes façamos uma propaganda de modo que seus resultados não sejam de ordem tal que seja preciso a implantação de uma alavanca detentora do progresso revolucionário como a ditadura de classe ou partido sobre outrem<sup>227</sup>.

A ditadura é um empecilho da revolução. Esta ditadura não é aceitável e nem justificável. Não é considerada nem um “mal necessário” e nem uma “medida transitória”,

---

<sup>226</sup> Ibid.

<sup>227</sup> TROTTE, Antonio. Em torno da dictadura. *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*. 20/01/1921, nº 3, p. 3.

mas sim uma “alavanca detentora do progresso revolucionário”. E como alavanca ela atrapalha a revolução e detém o seu progresso.

Para Antônio Trotte, o apoio à ditadura não é próprio de um anarquista.

Muitos camaradas, fazendo cálculos e considerações varias relativamente a ditadura do proletariado instituída na Rússia soviética, deixaram-se a levar a concepções taes a ponto de propagarem, uns a ditadura, esquecendo que se haviam declarado anarquistas e, como tais, renegando os verdadeiros princípios de harmonia, amor e liberdade, contrários a toda espécie de imposição e, outros, de combater a Revolução Russa, a pretexto da mesma ditadura, talvez consequência inevitável e necessária<sup>228</sup>.

Ele escreve que na Rússia uma ditadura talvez fosse uma “consequência inevitável e necessária”. Mas isso não pode ser utilizado como pretexto para se defender uma ditadura. Para ele, existem particularidades que ocasionaram o desenvolvimento de uma ditadura na Rússia, como a existência de “muitos milhões de habitantes” que viveram sob “a pressão de um tzar déspota e tirano”. Mas isso não justifica que a ditadura venha a ocorrer em outras partes do mundo. Como ele coloca, “As tendências são variadas e as condições múltiplas em cada localidade”.

Afirma que “na Rússia a propaganda (marxista com mais intensidade) desenvolveu-se ora subterraneamente, ora metamorfoseada, nunca positiva e clara, mas sempre acompanhada de terror. Logo, não se pode comparar o movimento do Brasil ao da Rússia czarista, nem imitar-lhe as ações”. Desta forma, o modelo de ditadura que vem se desenvolvendo na Rússia não deve ser usada como influência no Brasil. Não deve se transformar em método ou tática. Argumenta também que seria negativo propagar idéias de ditadura para a classe trabalhadora:

Propagar, desde já, os efeitos desconhecidos e incalculáveis desta causa que é uma ditadura, é inculcar no espírito do trabalhador menos culto uma idéia de autoridade, de imposição sobre os outros. Dai os males, o quanto é contraproducente a propagação de um regime proletário ditatorial<sup>229</sup>.

Ao final do texto, Antônio Trotte escreve que seria “intolerante” por parte dos libertários se oporem a Revolução na Rússia pela sua ditadura, pois estaria auxiliando a reação. Porém, defender a ditadura seria ir contra os princípios da anarquia, então caberia ao militante libertário aguardar o desenvolvimento dos acontecimentos e se dedicar a combater a burguesia no Brasil, que segundo ele, “não será pouco”. Ao contrário de outras matérias na

---

<sup>228</sup> Ibid.

<sup>229</sup> Ibid.

imprensa anarquista, a existência da ameaça de uma contra-revolução burguesa não é justificativa para uma aceitação da ditadura. Ela não deve ser aceita nem como medida provisória. A posição dos anarquistas deve ser aguardar o desenvolvimento dos acontecimentos.

Essas duas últimas matérias apresentadas são as que, em todas as três edições do periódico *Renovação* apresentam críticas negativas à Ditadura do Proletariado. Todas as outras matérias presentes sobre a ditadura demonstram apoio. Agora nos convém citar uma matéria assinada por C.I, publicada em um outro periódico do mesmo período, que possui ponto de vista semelhante ao de Antônio Trotte.

C.I escreve para o periódico *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista*. com o título ‘Os Anarquistas e a Ditadura’. C.I. diz que “anarquia” e “ditadura se repelem tanto que quase não valeria uma polêmica. Mas a confusão é tanta entre os que se “consideram revolucionários”, que não se poderia deixar tal debate de lado. No segundo parágrafo, C.I diz que tal assunto deve ser debatido com o *critério libertário*, ou seja, levando em conta os ideais anarquistas, e que o tema Revolução e Ditadura estabeleceu uma linha divisória no campo anarquista.

Bom seria o comunismo, como todo outro qualquer sistema que pudesse apoiar-se com o beneplácito de todos os homens, porém, si é preciso, para implantá-lo, recorrer à autoridade, e ainda menos que à odiosa ditadura, a solução não terá chegado para o problema social e o número dos descontentes e dos resignados será sempre muito maior, ou pelo menos digno de consideração, que o número dos que exercem “o direito de fazer feliz por força a humanidade”<sup>230</sup>.

Neste caso, a ditadura não seria o suficiente para resolver os problemas sociais, pois não chegaria à fonte dos problemas. C.I então se utiliza de trecho do texto do anarquista Sebastien Faure<sup>231</sup> para falar sobre a ditadura na Rússia. Segundo o texto, a instalação da ditadura na Rússia foi devido a circunstâncias específicas e condições históricas, (como o tamanho do país) e também coloca o fato da população estar acostumada com um regime autoritário, como o czarismo.

A Revolução Russa é um fato que aconteceu devido às circunstâncias. Porém, achar que em todo lugar deve se repetir o mesmo é um erro. “A ditadura na Rússia é um fato; a

---

<sup>230</sup> C.I. Os Anarquistas e a Dictadura. *Renovação: Revista mensal Comunista Anarquista*. 02/1922, n° 4, p. 52.

<sup>231</sup> Sebastien Faure (1858-1942). Ex-seminarista jesuíta que se tornou importante filósofo e pedagogo libertário. Fundou um dos mais duradouros jornais anarquistas, *Le Libertaire*. Ver: WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas, Vol. 2, O movimento*. Porto Alegre: L&M Editores, 2002, páginas: 31, 82, 92.

ditadura na França – e no resto do mundo – não é mais que uma teoria. Não queiramos concluir de um fato uma só teoria, geral e definitiva”. Desta forma, esse ponto de vista se assemelha ao de Trotte, ao concluir que a ditadura na Rússia se deu por situações históricas, mas que não merece ser defendida como tática pelos anarquistas de outros países. Achar que o programa político implantado na Rússia deve ser transportado para outros países é um erro.

Há ainda outra matéria presente no nº 6 de *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista* que trata de condenar a ditadura russa. Trata-se da reprodução de um artigo de *La Protesta*, intitulado *A Intransigência anarquista*. O Estado reaparece aqui como principal aspecto de divergência entre os anarquistas e outros grupos revolucionários. “O critério autoritário, de Estado, dos socialistas, é irreconciliável com os princípios anti-estatais e anti-autoritários”<sup>232</sup>. A matéria ainda nos dá uma definição de anarquismo. E nesta definição teríamos pontos que seriam irreconciliáveis à outra teoria revolucionária.

O anarquismo não é uma simples tendência anti-capitalista. É um princípio moral, uma concepção filosófica da vida, que trabalha sobre a realidade de uma nova civilização e um novo progresso. Este ponto intransigente das ideias anarquistas é: a destruição do Estado, que diferencia o movimento anarquista dos partidos políticos revolucionários, os quais buscam unicamente a reforma dos organismos estatais e a substituição das classes dominantes pelas classes dominadas<sup>233</sup>.

Desta forma, a definição dada de anarquismo nesta matéria é o ponto para se entender a condenação do Estado russo. Pois, segundo o autor, o anarquismo seria uma “concepção filosófica” e não apenas uma “tendência anticapitalista”. Esta filosofia anarquista prega a destruição do Estado e não a substituição do mesmo por outra classe. Acredito também que as posições tomadas pelos anarquistas neste periódico lançado em 1922 tem relação com as informações que chegavam sobre a perseguição dos anarquistas na Rússia. Na página 102, uma matéria informa que “não cessou ainda a guerra aos anarquistas que não são bem vistos pelo Kremlim. (...) Continuam – os anarquistas - privados da liberdade e falhos de recursos penitenciários<sup>234</sup>”. É possível que essas informações sobre as perseguições aos anarquistas russos tenham influenciado na mudança de tom em relação ao fato da “ditadura”, o que levou, pelo menos aos anarquistas deste periódico, a total condenação da mesma, sem ressalvas.

O periódico *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista* também possui outra matéria onde se transmite a ideia de que anarquistas não devem apoiar uma ditadura. Na

---

<sup>232</sup> RENOVAÇÃO: Revista Mensal Comunista-anarquista. RJ, 04/1922, nº 6, p. 99.

<sup>233</sup> Ibid.

<sup>234</sup> Ibid, p.102.

edição nº 4 da revista, encontramos logo no início, na primeira página, abaixo da gravura que aparece nos dois títulos analisados, uma citação de João Grave<sup>235</sup>, do livro ‘A sociedade Futura’. Na reprodução desta citação, Jean Grave fala justamente sobre a Ditadura contra a burguesia, mas não usa claramente o termo *Ditadura do Proletariado*.

No trecho reproduzido no periódico, João Grave propõe a seguinte pergunta: “depois de ter se estabelecido esta ditadura contra os burgueses, o que impedirá desta ditadura ser usada para fazer guerra contra aqueles que quisessem que a sociedade avançasse mais?”. Deixando a resposta da pergunta por conta do leitor, Jean Grave diz não querer esta ditadura. “Essa ditadura é demasiadamente elástica e nós não a queremos. Para nós, partidários da verdadeira liberdade, a má vontade de alguns indivíduos isolados na sociedade não justifica a regulamentação de todos<sup>236</sup>”.

Agora trataremos as matérias presentes no periódico *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*, publicado entre dezembro de 1920 e janeiro de 1921, sobre a Revolução Russa e a ditadura do proletariado. Estas são as que demonstram apoio a ditadura. O jornal dedica duas matérias elogiando o regime educacional russo, na edição de nº 1. Na primeira, em *Notas e Comentários*, de forma irônica, com o título de *os politiquieiros russos*, o autor começa afirmando que os bolchevistas transformaram a Rússia em um “regime de opressão”. Porém, no entanto, esses “bárbaros”, como são chamados os bolcheviques na matéria, trabalharam para disseminar a educação em larga escala na Rússia<sup>237</sup>. E prossegue dizendo, “os seus homens revolucionários mais notáveis pela capacidade e inteligência, empreendem, actualmente, um grande plano de reforma nos livros escolares destinados ao preparo da mocidade.” Conclui afirmando ironicamente “Tudo isto é fructo máu da dictadura”.

Em uma matéria da página seguinte, assinada por Carlos Sa’, intitulada *A Obra Pedagógica dos Bolcheviques*, verificamos um elogio à pedagogia “maximalista”. Entre as medidas está a transformação de prédios históricos em museus, dobrar o pagamento dos mestres, abertura de novas escolas e o fornecimento de livros, roupas e calçados aos estudantes mais pobres, dentre outras medidas. Vale lembrar aqui que a educação é um dos pontos que os libertários sempre focaram.

---

<sup>235</sup> Cujo nome também é traduzido como Jean Grave. Jean Grave (1854-1939) é um anarquista francês, escritor e jornalista. Primeiramente adepto do anarco-comunismo, depois adere ao anarco-sindicalismo. In: CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*, Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 118.

<sup>236</sup> *Renovação*: Revista mensal comunista-anarquista, nº 4, xx/02/1922, p. 50.

<sup>237</sup> *Renovação*: Quinzenário Sindicalista e Comunista, *op. Cit.*, p. 2.

Ainda na mesma edição, na última página, temos uma matéria assinada por Demófilo onde se lê que, “Para manter a eficiência dessa transformação social, fatalmente temos que aceitar a ditadura proletária”. Demófilo prossegue dizendo que a missão de se estabelecer uma ditadura cabe ao sindicato e que a ditadura deve ser exercida sem máximas violências<sup>238</sup>. Essa ditadura defendida por Demófilo teria a missão “transitória de intensificação da produção pela obrigação do trabalho para todos”. A opção pela ditadura é tratada por ele como uma “boa tática”.

Pudemos ver ao longo dos periódicos analisados, que o tema “ditadura proletária” não era unânime dentro do meio anarquista. Analisamos também que nos anos de 1921 e 1922 as críticas negativas à ditadura proletárias são mais recorrentes, embora em 1921 ainda pudermos encontrar matérias de anarquistas que declarem a necessidade de se apoiar esta ditadura, isto não ocorre em 1922. Este ano é de total negação da ditadura como forma legítima de luta por parte dos anarquistas. Os debates ocorridos ao longo deste tempo dentro desta campo anarquista, levaram de uma possibilidade de aceitação dentro do campo da ditadura para uma completa negação desta. Em 1922, falar em ditadura proletária dentro do campo anarquista era condenar esta ditadura. Quem declarasse apoio a ditadura russa em 1922, se encontrava fora do campo anarquista.

### 3.2 - Bolcheviques, Massimalistas e Anarquistas

No jornal *Renovação Quinzenário Syndicalista e Comunista* de nº 2, em duas matérias, uma na página 2 e outra na página 3, aparece um debate entre os ideais bolcheviques desenvolvidos na Revolução Russa e o anarquismo. Os textos falam sobre suas possíveis contradições. Em *notas e comentários*, em uma matéria não assinada, está colocado que a forma de governo russo está ligada à Revolução. Utilizam o exemplo da Comuna de Paris para justificar o governo russo.

Se a comuna de Paris não houvesse confiado na autoridade da gente armada contra a burguesia, teria durado mais de um dia? Não podemos ainda censurar a Comuna por não haver feito suficiente emprego desta autoridade? E, sendo assim, ou os anti-autoritários não sabem o que falam, e neste caso somente demonstram uma grande ignorância, ou, realmente, são consciente do que dizem, e neste caso enganam o proletariado. Em qualquer caso, servem somente aos interesses da reação<sup>239</sup>.

---

<sup>238</sup> NOTAS e Comentários: A Revolução russa e seus Dectratores. *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*, RJ, 01/01/1921, p. 2.

<sup>239</sup> Ibid.

Pode-se entender, aqui, que por *antiautoritários*, o autor está se referindo aos anarquistas. E mais a frente no texto, ele se pergunta se os revolucionários poderiam ter se mantido no poder se não usassem da autoridade e das forças armadas. Prossegue ao dizer,

Os detratores da Revolução Russa são os conservadores em primeiro lugar, e depois certos de nossos companheiros que, embora conscientes da necessidade de uma Revolução, que é a autoridade dos nossos princípios, impondo-se pelas baionetas, pelos canhões, pelas espingardas, aos que não aceitam, embora isto combata a fórmula em que a Revolução Russa está agindo, concretizada. Ou apoiamos a Revolução e as formas que ela reveste, ou combatemos estas formas, detratando a própria revolução. Não ha para onde fugir<sup>240</sup>.

O apoio, então, ao governo que vem se concretizando na Rússia não está relacionado a algum ideal marxista ou comunista neste caso. Para o autor, caberia entender que para se manter a revolução, os revolucionários tiveram de recorrer a este tipo de governo que está implantado na Rússia.

Já na matéria da página 3, intitulada de *Nós e a Plebe*, o autor, também não identificado, fala na necessidade de apoiar a Revolução Russa. O artigo, que está escrito na 1ª pessoa do plural, nos dá a impressão de estar falando em nome do corpo editorial do jornal. Assim, não se consideram como bolchevistas, mas também dizem não se limitar ao anarquismo teórico.

Esta matéria começa citando um editorial do jornal anarquista de São Paulo, *A Plebe*, onde se buscava esclarecer certas confusões feitas entre o anarquismo e o “massimalismo”. De acordo com o jornal *Renovação* não haveria nenhuma confusão, pois estes defendiam totalmente a Revolução Russa. A matéria do jornal *Renovação* segue dizendo que, “Não temos a veleidade de nos consideramos bolchevistas ou massimalistas (...). Estamos, pois, com a revolução e com a sua forma, que é essencial à própria revolução”. Sobre o anarquismo, é dito no mesmo texto: “Ninguém contesta a finalidade anárquica da sociedade humana; mas não encontramos dentro do anarquismo teórico o meio pratico conducente a chegar-se a essa finalidade. Somos de parecer que ha inevitabilidade num período transitório, num período que é o *processo* de formação, de estratificação dos princípios do socialismo-anarquico”<sup>241</sup>.

---

<sup>240</sup> Ibid.

<sup>241</sup> Nós e a Plebe. *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*, RJ, 01/01/1921, p. 3.



Os autores do texto não se denominavam como bolchevistas ou anarquistas, pois não enxergavam na teoria anarquista meios para a transformação social, preferindo se nomear como “renovacionistas”. Apontam que só os russos, vivendo a situação específica na Rússia, podem ser bolchevistas, assim como é difícil ser anarquista como os italianos ou alemães, pois tem de se respeitar as questões específicas de cada país. Essas matérias citadas pertencem ao periódico *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*. São datadas entre o período de dezembro de 1920 e janeiro de 1921.

O tom muda em 1922, como perceberemos ao analisar os periódicos *América Aliada*. O único número que encontrei disponível para análise corresponde a março de 1922. Não há informações sobre este periódico nas teses, dissertações e bibliografia por mim analisadas. Sabe-se que é um periódico sindicalista, não aderindo declaradamente ao programa anarquista, mas há algumas menções ao anarquismo em alguns textos contidos neste número. Diferente dos outros periódicos aqui analisados, este é internacional com edições em português, espanhol, inglês e italiano, cuja direção e a administração central é de Buenos Aires e a nacional do Rio de Janeiro. Na capa está escrito que o periódico se trata de um “Órgão de defesa e orientação proletárias de maior circulação na América e Europa”. E na mesma capa informa que está destinado “para os obreiros e empregados que comuniquem o ofício que professam e a casa onde trabalham<sup>242</sup>”.

Na página 8, há uma pequena nota sobre a ajuda do escritor francês, Anatole France, aos famintos da Rússia. A matéria diz: “em se tratando de salvar da fome e da morte 30 milhões de almas humanas, não se deve perguntar que classe de governo rege o território onde essa catástrofe se produz”<sup>243</sup>. Esta matéria é um indicador que neste período, em 1922, quando os anarquistas já se declaram totalmente contrários ao governo russo e ao modelo de ditadura, ainda estão dispostos a prestar auxílio e serem solidários ao povo russo.

Na página 10 há uma carta intitulada *Verdadeiro caminho: ao operariado brasileiro*. Assim como a maior parte das matérias deste jornal, também não está assinada. Nesta matéria há referência à anarquia para crítica do governo revolucionário Russo. Os autores dizem que a carta é dirigida aos leitores do Rio e ao operariado de todo o Brasil. Eles acham necessário esclarecer alguns conceitos a respeito da atual situação da organização operária. O texto crê que o operariado deve seguir o caminho de se agremiar, organizando bases sólidas para frear as ideias bolchevistas no país, consideradas “arcaicas e assassinas”. O texto também combate a violência como um meio transformador da sociedade. Para eles, a onda que domina a Rússia

---

<sup>242</sup> AMÉRICA Aliada, edição brasileira, março de 1922, p. 1.

<sup>243</sup> AUXÍLIO aos famintos da Rússia. Um gesto de Anatole France. *América Aliada*, Rj, 03/1922, p. 8.

é uma “avalanche maléfica e infernal”. E um sistema “grosseiro e atrasado, anulador das liberdades, inimigo da ordem e do progresso, e violento corruptor da moral e dos costumes”<sup>244</sup>. Ao final do texto, voltam a colocar a agremiação como o caminho para a vitória, “porque com ela se poderá defender o operariado contra os emissários de Lenine, apontando-lhes, novamente, o caminho da Rússia, onde o “soviete, em breve, terá a sua agonia”. Podemos observar que o soviete também é um inimigo do operariado nesta matéria. Se no período de 1917 a 1920 podemos ler na imprensa anarquista do Rio de Janeiro que o soviete era algo “próximo aos sindicatos”, agora ele é tratado como meio de repressão, utilizado contra os operários. O soviete deixa de ser um modelo a ser seguido, deixa de ser comparado aos sindicatos e passa a ser combatido.

Ao lado deste texto, há outro com críticas ao fato dos russos quererem que o movimento sindical internacional adira ao seu programa<sup>245</sup>. Logo em baixo, ainda na página 10, há referência à derrota do programa massimalista na Confederação Geral dos Trabalhadores Italiana. O congresso decidira apoiar a Internacional Syndicalista de Amsterdam, apesar de mostrar solidariedade com os revolucionários russos. “Mas praticamente, o comunismo ou massimalismo foi derrotado na entidade obreira mais numerosa e melhor organizada da Itália, o que tem muita significação para paz social da península e para o acordo das questões de salários”<sup>246</sup>.

Neste período havia a adesão de diversos ex-anarquistas ao comunismo soviético. Se criava em diversos países, partidos comunistas com a intenção de se filiarem a Internacional Comunista de Moscou. É o caso do Partido Comunista do Brasil em março de 1922, criado em Niterói, no Rio de Janeiro. Este partido foi composto basicamente por ex-militantes anarquistas, como é o caso de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão. Pautar, como é no caso desta matéria, uma rejeição em um determinado grupo de trabalhadores, como na Itália, ao “maximalismo” era pautar que a adesão a essa corrente comunista de Moscou não era homogênea e também era considerar a permanência de grupos e movimentos de orientação anarquista ao redor do mundo.

Há uma matéria na página 11 do periódico *América Aliada* que busca transmitir a idéia de que os comunistas são na verdade uma minoria entre os revolucionários. O texto é intitulado *Comunistas e Revolucionários* e informa que os comunistas são minorias em todos os países. Na Rússia constituem 0,04% da população. Na Europa 0,7%. E, apesar de não

---

<sup>244</sup> VERDADEIRO Caminho! Ao proletariado Brasileiro. *América Aliada*, RJ, 03/1922, p. 10.

<sup>245</sup> A AÇÃO revolucionária e os esforços desesperados da internacional vermelha. *América Aliada*, RJ, 03/1922, p. 10.

<sup>246</sup> AS DERROTAS comunistas, *Ibid*, p. 10.

terem dados para a América do sul, “presume-se que essa porcentagem não diminua<sup>247</sup>”. O texto então conclui que por serem minorias, não tem autoridade nem direito para se imporem, mas constituem um perigo constante para a democracia.

Ainda na página 11, há três matérias referentes à Rússia. A primeira, da edição em espanhol, é intitulada *Contradições sectárias*. Trata dos defensores do bolchevismo na Argentina. O Órgão do Partido Comunista da Argentina sustenta que a fome na Rússia não passa de uma mentira burguesa. Porém, depois o próprio órgão oficial do Partido acaba por organizar uma coleta de alimentos para ajudar as vítimas da fome, reconhecendo assim à existência do problema na Rússia. A matéria então acusa o órgão de contradição, e põe em dúvida a sinceridade das notícias vinculadas pelos partidos comunistas sobre a Rússia.

Assim como esta, as duas matérias seguintes são igualmente pequenas. A intitulada “As liberdades bolchevistas” relata que os bolcheviques deram liberdade a “delinquentes de todas as categorias”, inclusive a participantes do exército branco. Porém, não fez o mesmo com presos políticos entre os quais se encontravam “socialistas revolucionários, os anarquistas e os de outras tendências políticas”.

Na última matéria sobre os bolcheviques deste periódico, intitulada “América – futuro refugio dos falidos bolchevistas”, proclamam a falência do governo bolchevista russo, provocado pela fome e pela peste. Os líderes bolchevistas, a fim de fugir da responsabilidade dos atos do governo, estariam fugindo para América do Norte e do sul, principalmente para países como Brasil, Argentina e Uruguai. A matéria conclui dizendo que os governos devem lhes dar refúgio, pois assim os bolcheviques verão os benefícios da democracia e da liberdade. A mesma democracia que tentaram suplantam na Rússia. Afirmando que o governo “bolchevique” faliu e de que os líderes estivessem fugindo, demonstram sua crença de que um governo ditatorial está fadado ao fracasso e que este fracasso já estaria ocorrendo na Rússia.

A crítica aos Bolcheviques está também aparece em forma de gravuras no periódico *América Alliada*. A iconografia é bastante presente no jornal e existem diversas gravuras sobre a Revolução Russa ao longo desta edição. Todas trazendo uma visão negativa dos líderes bolcheviques através de charges.

---

<sup>247</sup> COMUNISTAS e Revolucionários, Ibid, p. 11.



Figura B: Majestade Lenine<sup>248</sup>

Na gravura, Lênin sentado em uma cadeira elevada onde se encontra estampado o símbolo do comunismo e um operário curvando-se em sua presença. Na legenda está escrito: “*S. MAGESTADE LENINE – Ouviu o que eu disse? Não me trate mais de ‘companheiro’, porque não fica bem a um homem que foi convidado a conferenciar com outros monarcas da Europa* <sup>249</sup>”. Podemos notar que o autor desta imagem quis demonstrar que não há sinal de igualdade entre Lênin e o operário. Lênin está sentado na sua cadeira, onde estão os símbolos do comunismo russo, a foice e o martelo. A cadeira de Lênin é elevada em relação ao operário, significando que Lênin está acima dos trabalhadores.

---

<sup>248</sup> Ibid, p. 3.

<sup>249</sup> Ibid.



Figura C: Trotsky<sup>250</sup>

Na gravura: Trotsky e, atrás, multidões operárias. Na legenda: ‘*Pedem pão? Diminuirei a população para que aguente a ração: sou um outro Salomão!*’<sup>251</sup>. Trotsky é então representado como insensível aos pedidos do povo, que no caso, está pedindo pão. A proposta de Trotsky para a resolução do problema é a diminuição da população para que a “ração” dê para todos.

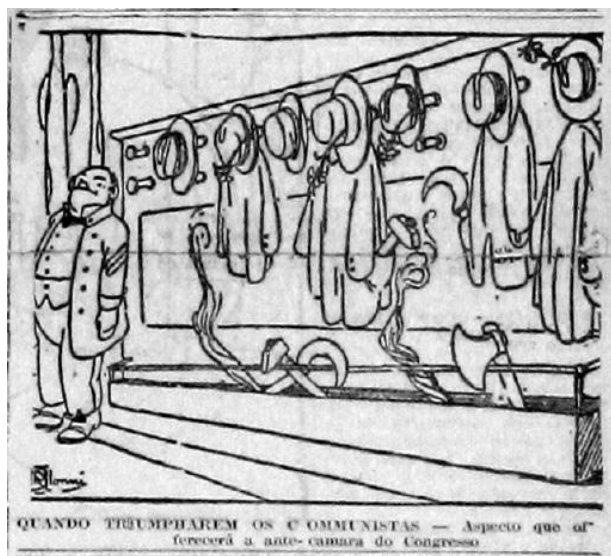


Figura D: Triunfo dos comunistas<sup>252</sup>

<sup>250</sup> Ibid.

<sup>251</sup> Ibid.

<sup>252</sup> Ibid, p. 4.

Na legenda: *QUANDO TRIUNPHAREM OS COMUNISTAS – Aspecto que oferecerá a ante-câmara do Congresso* <sup>253</sup>. Vemos que a foice e o martelo, símbolos do comunismo russo, foram deixados de lado. Representam também os instrumentos de trabalho dos operários, no caso do martelo, e dos camponeses, no caso da foice. Na parede estão também guardadas as roupas camponesas e operárias e o homem veste trajes elegantes. Representa o abandono das ideias revolucionárias pelos congressistas bolcheviques.

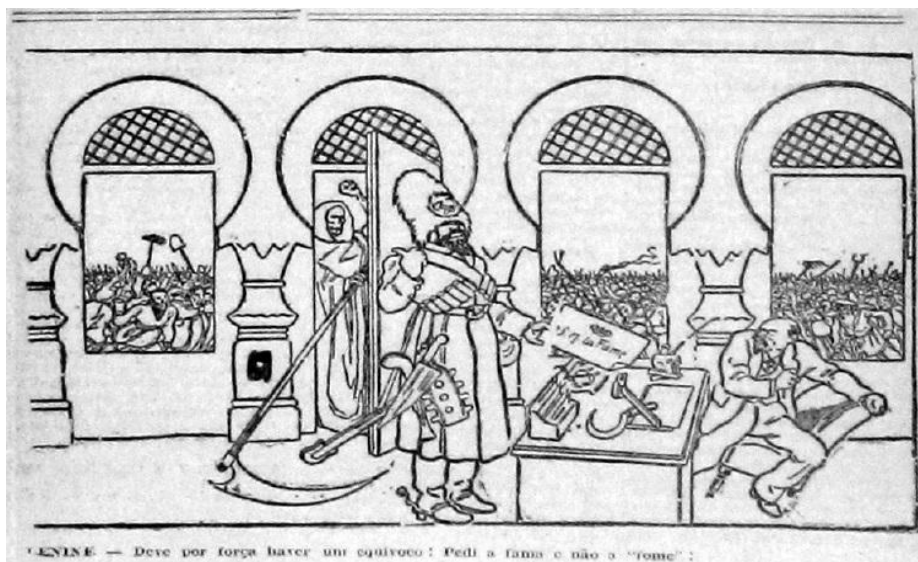


Figura E: Lenine<sup>254</sup>

Na figura, Lênin recebe assustado uma carta com uma notícia de um soldado que aponta para fora, onde multidões revoltadas aparecem. A figura da “morte” com uma foice na mão bate a porta. Na mesa onde está Lênin, uma foice e um martelo, com objetivo de identificar o governo dele com o comunismo. Na legenda: *LENINE – Deve por força haver um equívoco: Pedi a fama e não a ‘fome’* <sup>255</sup>. Vemos que Lênin recua assustado com a notícia. Do lado de fora, vemos pelas janelas multidões em revolta. Percebemos que esta multidão é uma multidão proletária ao vermos os instrumentos de trabalho presentes junto com esta multidão. À esquerda podemos ver o que se parece com um martelo e uma pá, e na imagem da direita, temos um ancinho e outros instrumentos de trabalho que não pude identificar.

<sup>253</sup> Ibid.

<sup>254</sup> Ibid.

<sup>255</sup> Ibid.



Figura F: O Livreiro Anarquista<sup>256</sup>

De forma irônica, diz a legenda: *O LIVREIRO ANARCHISTA – Ora, deixe-se de historias, largue isso de ciencias e literaturas e leve este livro do ‘companheiro’ Lenine. E’ uma delicia e viverá feliz!*<sup>257</sup>.

Essas figuras nos demonstram que em 1922 os adeptos do anarquismo e parte do sindicalismo revolucionário consideravam os bolcheviques como algo ditatorial e maléfico ao povo russo. Infelizmente, não encontramos outros periódicos anarquistas e sindicalistas do ano de 1922 com gravuras para uma maior comparação. Mas acreditamos que essa interpretação não era particular ao jornal *América Aliada*, pois podemos perceber a mudança de discurso ao longo do período 1920-1922 nas demais fontes analisadas e uma maior discussão em torno de questões delicadas aos anarquistas, como é o caso da “ditadura do proletariado”.

### 3.3 - Publicações Externas

As publicações externas ocuparam tanto as páginas de *Renovação: Quinzenário Sindicalista e Comunista*, quanto as de *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista*.

---

<sup>256</sup> Ibid, p. 6.

<sup>257</sup> Ibid.

Essas publicações tinham o objetivo de demonstrar, através de textos de personalidades russas ou de congressos do partido bolchevique, os rumos da revolução e principalmente as posições teóricas adotada pelos bolcheviques. No nº 2 de *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*, na primeira página, há um texto que é creditado a Gorki<sup>258</sup>, onde se discorre sobre a personalidade de Lênin. A princípio, como diz a matéria do jornal, Gorki se mostrava contrário à revolução social. Gorki diz sobre os bolcheviques:

Fanáticos, cegos e aventureiros sem decoro, vão correndo em carreira vertiginosa, a risco de desempenhar até o que elles crêm a *revolução social*, sem precaver de que esse caminho só leva a desordem, a perdição do proletariado e o fracasso da revolução. Porém, tenho a absoluta convicção de que o bom senso da classe proletária, sua consciência da obra histórica, que foi chamada a realizar, abrirão muito em breve os olhos do proletariado e compreenderá este então toda a vacuidade das promessas de Lenine, toda a sua extensão de sua loucura e o carácter anarquista de suas idéas semelhantes as de Nechayev e Bakunine<sup>259</sup>.

Interessante notar nesta citação que um dos motivos para Gorki se colocar contra Lênin é por considerar que ele tinha um carácter anarquista. Porém, como a matéria continua informando, Gorki passa ser simpático a Lênin e ao processo revolucionário russo. Na mesma matéria que reproduz outro texto de Gorki, informa:

Tomando a Lenine, devo dizer que as minhas simpatias para com ele não representam nenhum papel, no momento em que escrevo sobre a sua pessoa. Eu o considero como um ser submetido à fala em termos extremamente singelos, com uma língua de ferro, com a lógica de uma clava. Mas em suas rudes palavras não ha nunca demagogia grosseira nem nenhum rebuscamento banal de beleza de frase: fala sempre da mesma coisa, - da necessidade de suprimir radicalmente desigualdade social entre os homens e dos meios de consegui-lo. Esta antiga verdade vibra em seus lábios com um ruído áspero, implacável. Sente-se sempre que ele crê constantemente nela. Sente-se quão serena é a sua fé; fé de um fanático, mas de um fanático sábio, e não de um metafísico ou de um místico. Penso que o individual, quase nada lhe interessa. Não pensa se não no partido, nas massas, nos Estados, e nisto tem o dom da previsão, a intuição geral de um pensador experimentado<sup>260</sup>.

---

<sup>258</sup> Importante escritor russo. Entre os seus livros mais famosos está “A Mãe”. Crítico do czarismo e amigo de Lênin. Após a tomada do poder pelos bolcheviques variou entre a crítica e o apoio ao governo comunista.

<sup>259</sup> GORKI Revela ao Mundo a Personalidade de Lenine. *Renovação: Quinzenário Syndicalista e Comunista*., nº 2, 01/01/1921, p. 1.

<sup>260</sup> Ibid.



Como está dito no início da matéria, este artigo teria sido publicado no diário de Gorki chamado *Vida Nova*. O objetivo da reprodução deste artigo no jornal *Renovação* era revelar ao mundo a personalidade de Lênin, que vinha sendo difamado pela burguesia. Porém, não era só a burguesia quem inventava mentiras sobre Lênin, pois como diz o jornal, “Por aqui já houve alguém que chamasse Lenine de burguês rancoroso e outras denominações fantásticas”. O texto busca convencer de que Lênin era uma pessoa íntegra e de valores morais, o que é algo importante na visão dos anarquistas.

Se esta publicação estrangeira do periódico *Renovação* tem como objetivo demonstrar, através de um texto de Gorki, de que se poderia confiar no regime bolchevique, o contrário é visto no periódico *America Aliada*, de março de 1922. Também se utilizando de um texto de Gorki, o objetivo deste jornal é condenar os soviets e os bolcheviques. Na página 9 deste periódico de edição única na matéria intitulada *Um Homem Bom*, a personalidade de Gorki é evocada para falar sobre o governo Russo. Lembrando ser ele membro do Partido Socialista Revolucionário, ajudou o governo bolchevique no programa de instrução pública na Rússia. O jornal relata que ele, que foi um antigo crítico e combatente do Czarismo, agora escreve a verdade sobre a “tirania dos soviets” e sobre os “procedimentos dos bolcheviques”. Porém o jornal não informa quais verdades são essas ditas por Gorki. Nesta matéria, Gorki é tratado como alguém que está “enfermo” e “envelhecido” e que é obrigado a buscar ajuda em Berlim para tratamento. A matéria ainda informa que em seu rosto está “estampado o cansaço e o sofrimento”, mas que nem por isso deixará de prosseguir com seus trabalhos na Rússia. Gorki é tido como alguém “consciente de sua missão” e “disposto ao sacrifício”. Desta forma, a personalidade de Gorki foi invocada nos jornais tanto para defesa quanto para condenação do governo bolchevique.

No nº 6 do periódico *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista*, temos a publicação de um folheto de uma membro do partido comunista russo, Alexandra Kollontai<sup>261</sup> para a ocasião do X Congresso do Partido, que aconteceu em 1920. A oposição Operária<sup>262</sup>, dirigida por Kollontai e outros membros do partido bolchevique, propunha que os sindicatos

---

<sup>261</sup> Alexandra Kollontai (1872-1952). Em 1899 se filia ao Partido Operário Social Democrata Russo. Em 1903 publica seu primeiro trabalho que se dedicava as condições de trabalho do operário finlandês. Em 1905, Kollontai adere à vertente bolchevique do antigo POSDR (que haviam se separado em mencheviques e bolcheviques em 1903). . Cf: CRUZ, Paula Loureiro da. *Alexandra Kollontai: a mulher, o direito e o socialismo*. Dissertação (Mestrado em Direito político e econômico). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

<sup>262</sup> A Oposição Operária se formou em 1917, logo após a revolução de outubro. Essa facção, criada dentro do comitê central do Partido Bolchevique (que após a revolução, passou a se chamar de Partido Comunista) funcionava como oposição de esquerda, dentro do próprio partido, a forma como este vinha conduzindo o processo revolucionário russo. A Oposição Operária combatia o papel secundário atribuído aos sindicatos, a centralização do poder e a burocracia. Cf: CRUZ, Paula Loureiro da. Op. Cit., p. 33.

passassem a ter autonomia, não se submetendo ao partido bolchevique. Tal proposta foi combatida pelo comitê central, inclusive por Trotsky e Lênin.

O trecho reproduzido é utilizado para argumentar que o comunismo é incompatível com a forma Estatal. Antes do texto de Kollontai, temos uma introdução feita por algum editor do jornal não identificado no texto. Segundo esse editor, através da leitura do folheto de Kollontai, é fácil perceber a contradição entre Estado e Comunismo, sendo então impossível o comunismo se concretizar fora de sua forma anárquica. O autor ainda diz que na Rússia “o proletariado nunca foi ouvido” e que “os trabalhadores pensavam era muito diferente do que está aí”. Esse trecho descaracteriza a ditadura russa como uma ditadura em favor dos trabalhadores. Logo abaixo desta introdução, está o texto de Kollontai.

No texto, Kollontai começa explicando que quem compõe a Oposição Operária são os “profissionalistas”, que, ao contrário dos comunistas, são operários. “É a vanguarda do proletariado que suportou todas as dificuldades da luta revolucionária, sem se dispensar nas instituições soviéticas, deixando de estar em contato com as massas laboriosas, mas que, ao contrário, se conservou intimamente ligada a elas”<sup>263</sup>.

De acordo com Kollontai,

No decorrer de três anos de revolução tinham construído uma máquina soviética e firmado o princípio da República Operária e Camponesa do trabalho, porém, que a classe operária enquanto classe, isto é, enquanto uma unidade social com seus interesses próprios, ocupavam um papel de dia para dia menos importante, na República Sovietista<sup>264</sup>.

Kollontai então apresenta os sindicatos como meio utilizado pelos operários para tentar recuperar o poder na Rússia e lutar contra o poder burocratizado de Partido utilizado pelos Bolcheviques. Ela ainda afirma que no início os operários e o partido bolchevique “andavam de mãos dadas” era porque “não havia inferiores nem superiores”. Mas afirma que “agora” a desigualdade “é um fato”. Esse texto, publicado em 1922 neste periódico, não demonstra só as divergências dos anarquistas com os bolcheviques, mas demonstra também que existem operários insatisfeitos com o governo bolchevique. O texto ainda indica que os operários vêm perdendo autonomia na Rússia soviética. Acrescentava-se então outro motivo para a crítica aos bolcheviques e a ditadura: os operários russos também estavam se colocando contra o governo bolchevique, que vinha se distanciando dos trabalhadores.

---

<sup>263</sup> KOLLONTAI, A. A Oposição Operária. *Renovação: Revista mensal comunista-anarquista*, RJ, n° 6, 04/1922, p. 94.

<sup>264</sup> Ibid.

A publicação deste artigo, em 1922 é um indicador de que neste ano já se possuíam maiores notícias sobre a oposição de operários e disputas dentro do próprio partido em torno da revolução e da real participação dos operários no governo russo. Artigos como este demonstram a preocupação dos editores dos jornais em apresentar o desenrolar dos acontecimentos russos e demonstrar motivos para que os anarquistas deixassem de declarar apoio à “ditadura proletária”, que havia sido apoiada em boa parte por anarquistas e agora apresenta total desaprovação por estes na imprensa, levando aos anarquistas que ainda se identificavam com a ditadura russa a se intitulem de “comunistas”.

Na última matéria analisada neste periódico, na parte *Aqui... Alí... Além* é lembrado que na Rússia se faz guerra aos anarquistas, que não são bem vistos pelo Kremlin. A nota ainda informa que esses anarquistas e “comunista-oposicionistas” foram privados de sua liberdade <sup>265</sup>. Ainda se lê que atendendo aos pedidos de Ema Goldman, anarquista russa que fez críticas ao governo bolchevique e foi perseguida por este, o jornal abriria um espaço nas “colunas anti-ditatoriais” em favor dos “camaradas” que estão sendo perseguidos na Rússia pelo “revolucionário (?)” <sup>266</sup> governo bolchevista”. Interessante notar a interrogação entre parágrafos após a palavra “revolucionário”. Significa que existia a dúvida de que se pudesse considerar, depois das notícias apresentadas, o governo bolchevique como revolucionário.

Existe ainda uma publicação no jornal *America Aliada* que traz um documento de Watson Davis <sup>267</sup>. De acordo com o jornal, esse texto é ‘um relatório secreto’ apresentado aos dirigentes de Moscou sobre a América do Sul. Na introdução, os editores explicaram que conseguiram o texto através de um enviado especial mandado à Europa, chamado E. Danon, que partiu de Buenos Aires à Londres exclusivamente com o objetivo de conseguir o texto.

No relatório, Davis relata que, no Rio de Janeiro, a propaganda revolucionária é pouco desenvolvida e que os sindicatos e organizações operárias não têm uma orientação definida e que o socialismo não alcançou grande desenvolvimento. Davis então chega à conclusão de que a principal obra a ser realizada seria em Montevideu e Buenos Aires, onde os grupos revolucionários são numerosos e definidos.

Mais a frente, Davis fala da relação conturbada entre comunistas e anarquistas. Ele teve um encontro com anarquistas e um debate se deu dia 31 de janeiro de 1921. Segundo suas palavras, “nesta reunião ficaram definidas as duas tendências comunistas e anarquistas,

---

<sup>265</sup> *Aqui, Alí, Além*, Renovação: Revista Mensal Comunista-anarquista, RJ, n° 06, p. 102.

<sup>266</sup> Símbolo de interrogação presente no texto original.

<sup>267</sup> Davis foi membro do Partido Comunista Inglês. Em 1921, na condição de delegado da III Internacional, foi para o Uruguai com o objetivo de fazer uma ativa propaganda entre os trabalhadores da América do Sul. In: ROMANI, Carlos. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002, p. 261.

notando eu claramente que os últimos, se bem que de acordo com toda a ação revolucionária, olhavam com desconfiança qualquer proposta maximalista.<sup>268</sup> Ainda informa que os anarquistas o fizeram perguntas sobre a situação dos militantes libertários no governo soviético e que ele fez o possível para esclarecer as dúvidas. Mesmo assim, informa que “apesar das muitas explicações, alguns se manifestaram abertamente em desacordo com os nossos procedimentos. Em vista, combinei com Ristori<sup>269</sup> não ter mais entrevistas com tal gente, achando mais prático ir a Buenos Aires e tratar com outros elementos”.

Ao final do longo texto, Davis conclui então ser difícil formar verdadeiros maximalistas tanto no Uruguai quanto a Argentina. Não há mais referências ao Brasil no texto. Davis chega à conclusão que na América do sul primeiramente deve ser trabalhada a atividade de propaganda revolucionária e que é necessário um ‘diário’ que unisse as diversas tendências obreiras que desejam a mudança social, sem sectarismos. Esse texto demonstra que os anarquistas do Rio de Janeiro se preocupavam em se informar sobre o que os militantes bolcheviques russos pensavam sobre os grupos de esquerda da América do sul, incluindo os anarquistas. Apesar de não haver ao final do texto comentários dos redatores do jornal sobre este documento, acho importante destacar o trecho onde Davis decide não ter “mais entrevistas com tal gente”, se referindo aos anarquistas. Este ponto simboliza determinado rompimento por parte dos bolcheviques com os libertários.

A publicação de textos internacionais foi essencial para se informarem sobre a relação que vinha ocorrendo entre anarquistas e bolcheviques em outras partes do mundo, incluindo na própria Rússia. A perseguição a Emma Goldman é conhecida pelos anarquistas brasileiros através da Matéria do periódico *Renovação: revista mensal Comunsita-anarquista*, a mesma que publicou o texto de Alexandra Kollontai sobre a oposição operária. As publicações externas mostravam aos anarquistas brasileiros um afastamento do movimento anarquista internacional ao bolchevismo. Distanciavam-se no cenário internacional as relações entre esses dois grupos.

---

<sup>268</sup> PERSPECTIVAS para um movimento revolucionário na América do Sul. Texto do relatório secreto apresentado por Watson Davis aos dirigentes de Moscou. *América Aliada*, RJ, 03/1922, p. 3.

<sup>269</sup> Oreste Ristori. Militante anarquista italiano que imigrou para o Brasil em 1904. . Mais sobre este personagem In: ROMANI, Carlos. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

## CONCLUSÃO

A forma como os anarquistas cariocas perceberam a Revolução Russa foi tratada por um longo tempo na historiografia como uma “confusão”. Os anarquistas teriam confundido como uma revolução de caráter anarquista e os bolcheviques eram tratados como os principais porta-vozes deste anarquismo. Estudos mais recentes como o de Tiago Bernardón de Oliveira acreditam que os anarquistas brasileiros trataram os revolucionários russos como aliados, embora não os confundissem com anarquistas.

Na introdução apresento a justificativa a esta pesquisa: existe uma interpretação que é recorrentemente apresentada pela historiografia sobre a recepção do movimento anarquista no Rio de Janeiro à Revolução Russa. Nos periódicos anarquistas entre 1917 a 1919 aparece um grande apoio por parte destes ao processo revolucionário russo. Este apoio seria justificado na historiografia por uma confusão que os anarquistas cariocas tiveram sobre a Revolução Russa. Estes teriam confundido os acontecimentos na Rússia como um processo de caráter anarquista. Levanto então a hipótese de que na verdade, existiu uma tática por parte dos anarquistas em apoiar a Revolução Russa. Estes sabiam que não se tratava de um processo anarquista, mas decidiram declarar apoio por acreditar se tratar de uma revolução que beneficiaria os operários.

Por sua vez, a importância da questão operária se explicava pela proximidade dos anarquistas ao sindicalismo revolucionário. É esta relação entre movimento anarquista do Rio de Janeiro na primeira república com o sindicalismo revolucionário que busco explicar no primeiro capítulo. A principal tese apresentada neste capítulo foi a de que a proximidade com o sindicalismo no Rio de Janeiro levou esses militantes, em um momento inicial da revolução (de 1917 a 1919) a declarem apoio, apesar de algumas ressalvas, ao processo revolucionário russo. A proximidade do anarquismo ao sindicalismo revolucionário foi essencial para que os anarquistas se identificassem com a Revolução Russa que se mostrava uma revolução de interesse dos operários e da população oprimida da Rússia, que se levantava com o regime Tzarista. A Revolução ocorre em um momento que o sindicato e o foco nos operários eram a principal tática dos libertários para a construção da sociedade anarquista.

No Segundo capítulo, apresentamos o período de 1917 a 1919 nos periódicos. Neste momento, o que aparece nesses periódicos é um apoio praticamente unânime dos anarquistas à Revolução Russa. Não pude encontrar condenações a esta revolução como um todo, mas apenas ressalvas a serem feitas. As discussões que se deram durante este período foram em torno do caráter da revolução, dos “massimalistas” e do “sovietismo”. Neste capítulo, a

proximidade da revolução com os interesses dos operários era a preocupação central. Entendia-se que a revolução tinha líderes e que estes seguiam ao “marxismo”, apesar de não podermos afirmar com convicção que se tinha clareza por parte desses anarquistas do que seria o marxismo. Mas sabia-se sim que era diferente do anarquismo. A discussão em torno da ditadura já aparece neste capítulo, embora tímida. Acreditava-se que o apoio à ditadura era uma tática momentânea e necessária. Sabia-se das críticas a ditadura e há alguns líderes russos, mas acreditavam que essas críticas eram difamações da “burguesia”.

No terceiro capítulo os debates em torno da “ditadura proletária” são intensificados recebendo maior atenção desta imprensa. As visões em torno da ditadura são amplificadas. Existem os anarquistas que apóiam, mas fazem ressalvas. Há aqueles que são contra, mas acreditam ser necessário apoiá-la no momento. E Há os que são totalmente favoráveis. Porém, como pudemos perceber através das análises dos dois periódicos do Rio de Janeiro consultados do período de 1922, é que neste ano os anarquistas já se declaravam totalmente contrários a idéia de Ditadura e condenavam os líderes comunistas como inimigos dos anarquistas. As críticas apresentadas através das gravuras demonstram o total distanciamento da antiga identificação dos líderes bolcheviques com o movimento operário. A publicação de artigos estrangeiros durante este período também é um indicador de que com o maior conhecimento do que se passava na Rússia, maior era o descontentamento e os estranhamentos dos anarquistas a esta forma revolucionária. A notícia de que anarquistas estavam sendo perseguidos apareceu em um periódico do ano de 1922.

Desta forma, o anarquismo em 1922 distanciava-se da tática que pareceu coerente até 1920. Esta tática era declarar apoio ao processo revolucionário russo, apesar deste acontecimento não ser uma revolução que pretendesse chegar ao anarquismo. A partir deste momento, cada vez mais anarquistas questionavam os métodos russos até o abandono da possibilidade da Rússia como uma aliada aos ideais libertários.

Ao analisarmos todas essas matérias de diferentes jornais anarquistas entre os anos 1920 e 1922, percebemos que há uma mudança de discurso em relação ao primeiro recorte: 1917-1919. Durante o segundo momento, a principal discussão nos jornais anarquistas passa a ser em torno da *Ditadura do Proletariado*. Em um primeiro momento, esta ditadura foi tratada como “medida necessária”, “ditadura mais anarquista que marxista”, uma “condição específica da Rússia”. Em 1922 a crítica por parte dos anarquistas à ditadura é completa. Os dois jornais anarquistas de 1922 analisados, *América Aliada* e *Renovação: Revista Mensal Comunista Anarquista* se posicionam totalmente contrários a essa ditadura, aos bolcheviques

e aos soviets, levando-nos a constatação de que em 1922, pertencer ao campo anarquista era ser contrário à ditadura do proletariado e ao atual regime presente na Rússia, construído após a revolução de Outubro de 1917.

Concluindo, na Imprensa anarquista do Rio de Janeiro entre os anos 1917 a 1922, a Revolução Russa apareceu de diversas formas. Havia no princípio a tática de apoio a esta revolução, mesmo tendo consciência dela não ser uma revolução anarquista. Mas era uma revolução socialista e em favor dos trabalhadores. Este, o principal motivo para se declarar apoio. Os debates dentro do campo da imprensa anarquista ocorreram ao longo deste período, e em 1922, esta tática de apoio a Revolução Russa é abandonada. Os principais motivos para este abandono foram: notícias chegadas do exterior de perseguição aos anarquistas na Rússia, o conhecimento da existência de uma oposição operária dentro do próprio partido bolchevique russo e os debates em torno da ditadura proletária. Em princípio esta ditadura era tida como necessária para a revolução. Em 1922, já se declarava uma ditadura totalmente contrária aos interesses libertários e dos trabalhadores, e passou-se a considerar os bolcheviques como os principais responsáveis por esta ditadura que perseguia tanto trabalhadores quanto anarquistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### A – FONTES

(Coleção ASMOB/ CEDEM/ UNESP – Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – IFCS/ UFRJ)

A Aurora – 1919

América Aliada - 1922

Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro – 1918

Crônica Subversiva – 1918

O Cosmopolita - 1917 - 1918

Renovação: Quinzenário sindicalista e comunista - 1921

Renovação Revista mensal, comunista-anarquista - 1922

Spártacus - 1919 – 1920

### B – DICIONÁRIOS

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política A-Z*. Editora UNB: 11º, 1998. Versão Digital, disponível em: <[http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario\\_De\\_Politica.pdf](http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf)> Acessado em 03 de março de 2016.

### C - BIBLIOGRAFIA EM GERAL

ADDOR, Carlos Augusto; DEMENICIS, Rafael (orgs). *História Do Anarquismo no Brasil Vol. 2*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ALVES, Teresa Vitória Fernandes, *O Graphico: Representações da vida e da sociedade do Brasil na primeira república*. Dissertação (Mestrado em História). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

ARAÚJO, George. *Uma Revolução Que não deve ser esquecida*. *Revista História Social*, ISSN: 2178-1141, n. 17, segundo semestre de 2009.

BANDEIRA, Moniz. Luiz Alberto. *O Ano Vermelho. A Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.



BATALHA, Cláudio H. M. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BATALHA, Claudio H M. *Dicionário do Movimento Operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. Militantes e Organizações*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Razão*. 9º Ed, Editora Papyrus: Campinas, 2008.

CARONE, Edgar. *As Origens da Internacional Comunista*. In: <seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/835/696> acessado em 05 de março de 2016.

CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*, Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

COHEN, Stephen. *Bukharin, Uma Biografia Política 1888- 1938*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CRUZ, Paula Loureiro da. *Alexandra Kollontai: a mulher, o direito e o socialismo*. Dissertação (Mestrado em Direito político e econômico). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira: III. O Brasil Republicano. 2. Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

FERNANDES, Florestan. *Em Busca do socialismo: últimos escritos e outros textos*. São Paulo: Xamã, 1995.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. *A revista A Vida e o jornal Spartacus: espaços sociais de produção e circulação de idéias e práticas da educação libertária*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1125.pdf>> Acesso em: 15 de setembro de 2015.

FILHO, Daniel Aarão Reis. *Uma Revolução Perdida. A História do Socialismo Soviético*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

GLOSSARY OF PEOPLE: RAPPOPORT, CHARLES (1865-1941): <<https://www.marxists.org/glossary/people/r/a.htm#charles-rappoport>> acesso em: 03 de março de 2016.

HOBSBAWN, Eric. *Mundos do Trabalho. Novos Estudos Sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JÚNIOR, Hélio de Lena. *Astrojildo Pereira: Um intransigente libertário (1917 – 1922)*. Dissertação (Mestrado em História). Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999.

KROPOTKIN, PIOTR. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

LES VIES DE BORIS SOUVARINE:

<<http://www.critique-sociale.info/67/les-vies-de-boris-souvarine/>> acesso em: 03 de março de 2016.

LÊNIN, V. *As Teses de Abril*. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/astesesdeabril.pdf>>. Acessado em 03 de março de 2016.

LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta. A greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

MALATESTA, Errico. *Anarquismo e anarquia*. In: [http://www.anarkismo.net/article/11714?userlanguage=it&save\\_prefs=true](http://www.anarkismo.net/article/11714?userlanguage=it&save_prefs=true). Acesso em 28/02/2016 às 12:31.

MANUEL RIBEIRO (1878-1941): <<https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/01/manuel-ribeiro.pdf>> acesso em: 03 de março de 2016.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, Imigrantes e O Movimento Operário Brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARCOS, Valéria de. USP: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, março de 2005, p. 8525. In: [http://www.geografia.ffe.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Valeria/flg0563/1s2015/MARCOS\\_Valeria\\_de.pdf](http://www.geografia.ffe.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/flg0563/1s2015/MARCOS_Valeria_de.pdf). Acesso em 13 de Outubro de 2015.

MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/gotha.htm>> Acessado em 13 de Outubro de 2015.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Bauru: Edipro, 2º Ed, 2001.

NÉBIAS, Wellington Barbosa. *A greve geral e a insurreição anarquista de 1918 no Rio de Janeiro: um resgate das associações de trabalhadores*. Dissertação (Mestrado em História). UFRJ: Rio de Janeiro: 2009.

NEUTTLAU, Max. *Historia da Anarquia. Das Origens ao Anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

- OLIVEIRA, Tiago de Bernardón. *Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (Doutorado em História). UFF: Niterói, 2009.
- ROCKER, Rudolf. *Os Sovietes Traídos Pelos Bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007.
- RODRIGUES, Marcos Aurélio Santana. *Pelas Páginas dos Periódicos. Comparando Práticas Discursivas Anarquistas no Rio de Janeiro entre 1898 e o Início da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História). UFRJ: Rio de Janeiro, 2010.
- RODRIGUES, Edgar. *Pensadores Anarquistas e Militantes Libertários*. Fonte Digital: Arquivo de História Social Edgar Rodrigues. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/pensadoresanarquistas.html>> acesso em 28 de novembro de 2015.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros. Vol. 2*. Rio de Janeiro, VJR, 1995.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros Vol. 4*. Florianópolis: Insular, 1997.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros 5*, Florianópolis: Insular, 1998.
- RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social*, Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.
- ROMANI, Carlos. *Oreste Ristori: Uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.
- SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. In: *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan./Jun., 2014.
- THOMPSON, Edward P. *A Formação da Classe Operária Inglesa I. A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo revolucionário. Trabalhadores em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas, Vol 1. A idéia*. Porto Alegre: L&MPocket, 2002.
- WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas, Vol. 2, O movimento*. Porto Alegre: L&M Editores, 2002.